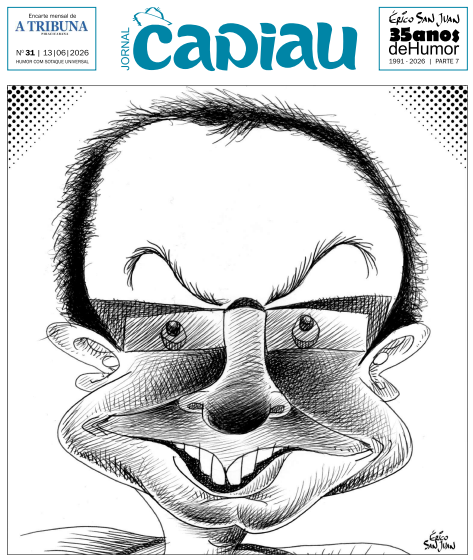
JORNAL CAPIAU



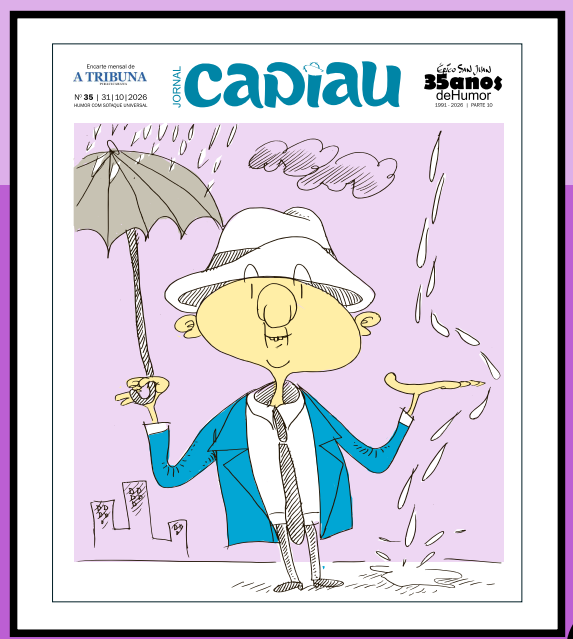


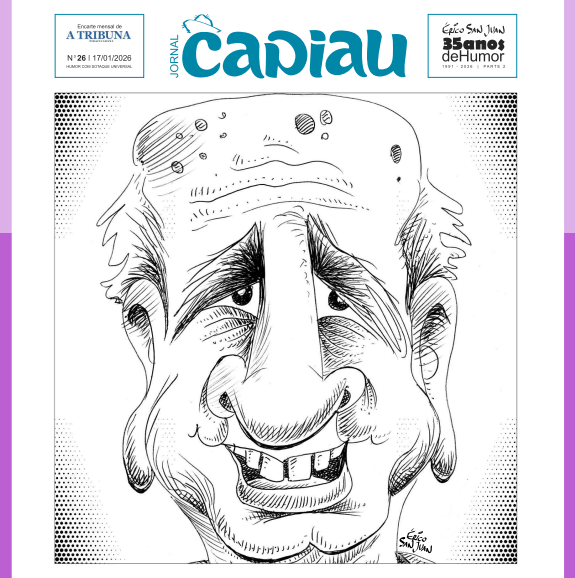


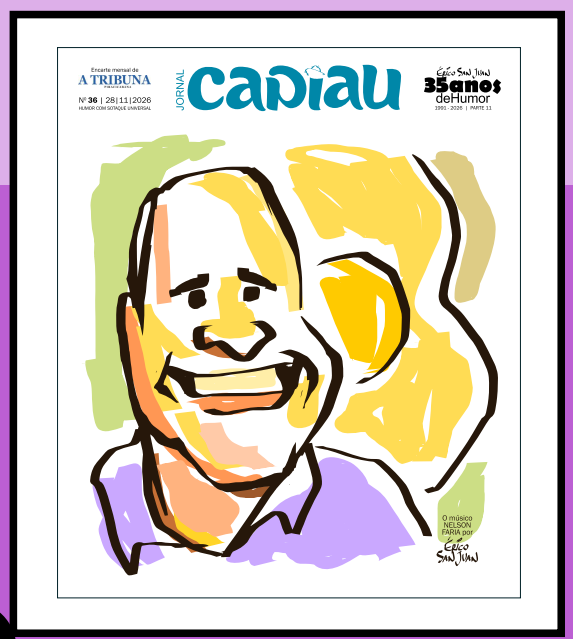












COLEÇÃO FACSÍMILE

Um jornal de humor com sotaque universal

VOLUME 3: 2025 - 2026

JORNAL

CADIAU

COLEÇÃO FACSÍMILE

do jornal de humor com sotaque universal

VOLUME 3: 2025 - 2026

O JORNAL DE UM HOMEM SÓ E BEM-ACOMPANHADO

érico san juan cartunista e editor do jornal CAPIAU

Se é um desafio publicar um jornal impresso num século esmagadoramente digital, que dirá fazer esse mesmo jornal de próprio punho, de cabo a rabo, dos pés à cabeça. Pra quem não entendeu: planejar, escrever, desenhar, diagramar e fechar a edição. Sozinho.

A ideia de conceber o jornal Capiau sem colaboradores nasceu na edição 25, a primeira desta coletânea. Até o número 24, a publicação encartada mês a mês no jornal diário A Tribuna Piracicabana adotou o sistema "coletivo": este que aqui escreve buscava os desenhistas com os quais tinha afinidade - pessoal ou profissional, veteranos ou nem tanto - para preencherem o Capiau. Com a última página sempre trazendo minhas tiras.

O esquema amigável de promoção dos colegas de traço assim se deu desde o fanzine Só Uma?, no distante ano de 1993. A prática se repetiria nas 86 páginas semanais Rio, editadas na Tribuna de 2001 a 2003; nas 9 edições do jornal mensal independente Rio, de 2003 a 2004; nas 18 páginas semanais e 4 especiais Capiau, também na Tribuna, de 2023 a 2026. E nos primeiros 24 Capiaus em formato jornal, de 2023 a 2025.

Qual a razão de interromper a contribuição dos artistas gráficos no único espaço impresso dedicado ao cartum, à caricatura, aos quadrinhos, justamente em Piracicaba, a terra do Salão Internacional de Humor? A razão objetiva é esta: dedicar as páginas do Capiau a uma efeméride, a comemoração dos 35 anos de carreira do seu criador. O procedimento só teve uma exceção, em agosto de 2026, por ocasião da exposição Caipiras de Salão, com minha curadoria e participação de caricaturistas de todo o país. O Shopping Piracicaba, em parceria com o Salão de Humor da cidade, promoveu e abrigou os Caipiras. A edição 32 do Capiau funcionou como um catálogo da mostra.

E a razão que pode nem ter razão é esta: a sensação do autor-publicador de que a internet faz seu papel - sem trocadilho - divulgando os desenhos dos traçadores outrora integrados ao encarte mensal do diário de Evaldo Vicente. Contudo, mesmo expandindo sua atuação para o ambiente digital - no podcast Capiau e no vídeo semanal Caricatura também é cultura - o cartunista e autoeditor ainda acredita num veículo com a tinta do riso e da galhofa. Pelo menos enquanto o papel-jornal não for de uso exclusivo dos pets.

OS JORNAIS

DISCLAIMER ou como se dizia antes... ADVERTÊNCIA

Nós sabemos que você é uma pessoa que não adapta nosso passado ao seu presente. Que não faz um revisáo de conteúdos, como o conteúdo deste volume com uma coleção de jornais, para adequá-los ao seu gosto e valores, alinhados à "realidade" do novo século. Portanto, relaxe. E ria, se assim lhe for conveniente.

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

JORNAL Capiau

Nº 25 | 10/12/2025
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL



ÉRICO SAN JUAN

35 anos de Humor

1991 - 2026

Peixes, **benditos** e pamonhas



O jovem artista em sua prancheta no Jornal de Piracicaba, em 1991

Minha formação nos quadrinhos se deu a partir dos 6 anos de idade, em 1982. Em bancas de jornal e num sebo, meus pais me compravam revistas em quadrinhos Disney do Pato Donald e do Tio Patinhas, publicadas pela editora Abril.

Na escola e em casa, lia a Coleção Vagalume da editora Ática e os livros da turma do gordo de João Carlos Marinho: O Gênio do Crime, O Caneco de Prata, Sangue fresco e O livro da Berenice.

Nos jornais de Piracicaba, minha cidade, acompanhava as charges do Nhô Quim de Edson Rontani e suas curiosidades ilustradas (Você Sabia?). E os personagens infantis de Carla Vogelsanger - chamados simplesmente de Cão, Gato e Bode - publicados no suplemento infantil do principal matutino da terrinha, de 1982 a 1984.

Em 1983, também vi algumas ilustrações e quadrinhos de Lancast Mota no caderno para crianças do outro jornal, O Diário de Piracicaba.

Em junho de 1987, eu e meu irmão Fábio, petrificados de timidez, sentamos no sofá da redação d'O Diário para uma foto e uma matéria para a agora página infantil dominical desse jornal.

Era nossa primeira aparição pública em imprensa, ainda mostrando nossos desenhos de moleques. Os meus trabalhos, de uma turma imensa de personagens desenhados em dezenas de gibis de exemplares únicos, mostrados por mim aos colegas e professores da escola estadual Honorato Faustino, onde cursei o ensino fundamental.

Pouco antes dessa matéria, em 11 de janeiro de 1987 eu já tinha publicado no suplemento infantil do Jornal de Piracicaba meu primeiro desenho: uma "tira dominical" de um personagem chamado... Udevão. Tira feita com caneta esferográfica preta Bic, material desprezado pelos desenhistas, mas que me acompanha até hoje, nas minhas caricaturas ao vivo em eventos.

E antes ainda, em 1986, tinha ganho um prêmio em concurso de desenho promovido pela prefeitura de minha cidade, com um gibi próprio contando a história do XV de Piracicaba. A pesquisa se deu nas meias-páginas semanais no Jornal de Piracicaba que contavam a história do time, trabalho do pesquisador Rocha Netto, dono de um dos maiores acervos esportivos do país.

Em 1988, a página O Diarinho passou a publicar meus quadrinhos do peixinho Leco, personagem que em 1990 eu levaria ao concorrente Jornalzinho. E que me conduziria ao primeiro emprego no ano seguinte: ilustrador do suplemento infantil do qual tinha sido fã com seis anos de idade. Apenas nove anos depois!

No Jornalzinho, além de criar capas, passatempos e ilustrações para contos e fábulas, continuei fazendo tiras do Leco até 1993. Também desenvolveria no suplemento outras séries de quadrinhos curtos até 1994: Vida de cão; Mundinho; Bebeto, o pescoçudo; Mamata nas



Revista em quadrinhos artesanal com a história do XV de Piracicaba, trabalho ganhador de Menção Honrosa em concurso da prefeitura da cidade (1986)



Livro artesanal de 1986, criado em "resposta" ao Cachorrinho Samba de Maria José Dupré, autora de Éramos Seis: "Em vez de cachorro, vou fazer livros de um dromedário amarelo!"

Abaixo: irmãos tímidos na página O Diarinho, de O Diário (07/06/1987)



Desenhos para se divertir

Diógenes Banzetto

Divulgação

Fábio e Érico gostam de desenhar e se dedicam a arte

Esta é a capa do gibi que Érico faz

Quem começou a desenhar para se distrair e depois passou a aperfeiçoar os traços é o estudante Érico San Juan, 11 anos, que está cursando a 5ª série da EEPG Honorato Faustino. Ele trouxe alguns de seus desenhos para a Turma do Diarinho conhecer: os desenhos dele são a caneta esferográfica, coloridos e a seqüência de estórias são feitas em forma de gibi.

Érico falou que quando está com vontade ele preenche um gibi no mesmo dia e o final da estória, é analisada e comparada com um outro final e escolhe melhor. Mas quando não está com vontade diz que fica vários dias com a estória parada. "Eu idealizo os quadrinhos, como vai ser os desenhos, os dizeres, depois coloco no papel", explicou.

Ao total Érico já fez cerca de 60 gibis, destes 30 já estão prontos e para que todos seus amiguinhos possam conhecer seus personagens, ele leva os gibis para a escola.

Érico tem um irmão que também gosta de desenhar. O nome dele é Fábio San Juan, 12 anos, e gosta de fazer estórias curtas. Um dos personagens fixos de Fábio é Sir Romis.



UDEVÃO E SUA TURMA é a primeiríssima HQ publicada pelo autor no Jornalzinho, em 11/01/1987, quatro anos antes de sua estreia como ilustrador do suplemento



MAMATA NAS ESTRELAS era uma série de tiras que satirizava a série de TV Star Trek, que o suplemento Jornalzinho publicou em 1993. Os personagens eram de outra tira, Mundinho, publicada no mesmo suplemento em 1992

OS ENGRAVATADOS ocupou o espaço dos quadrinhos de Dito, o bendito no Jornal de Piracicaba por alguns dias em 1995 e 1996



COELHO SOBRAL era um personagem experimental, com várias versões no Jornalzinho de 1993 a 1994

No centro da página, à direita: tira avulsa da série Caricaturas ao vivo, no Jornal de Piracicaba em 27/11/2009. Ao lado: Tito, o viajante no Jornalzinho, em 1993

estrelas; Coelho Sobral; Tito, o viajante; Foge, cara.

Em todas as séries, eu tentava variar o estilo de desenho, as temáticas, os personagens. Em comum, tinham um traço sem a leveza esperada de ilustrações dirigidas ao público infantil, embora os roteiros não disfarçassem uma certa ingenuidade tardia do autor.

Em novembro de 1993, estreou minha primeira tira "adulta" no Jornal de Domingo, caderno de variedades semanal do Jornal de Piracicaba: Dito, o bendito. Em 1996, agora no caderno de cultura, a tira passou a ser diária. Nesse ano deixei o suplemento infantil, sendo encarregado de ilustrar a página de opinião do jornal "adulto" e o caderno onde o personagem tinha nascido.

Com a minha saída da empresa em 1997, o personagem teve breve passagem pelo tabloide quinzenal independente A Noite, de origem piracicabana e natureza etílico-cultural.

Em 1998, após passagem-relâmpago como chargista pelo jornal TodoDia, na vizinha Americana, recebi o convite para voltar às páginas do caderno de cultura do Jornal de Piracicaba com a tira do Dito.

Em 2001, deixaria novamente a empresa, onde fazia as tiras como free-lancer e cobria as férias do chargista-ilustrador titular desde 1998. Nesse ano, n' **A Tribuna Piracicabana**, fui criar e editar a página de humor Rio, com 86 edições semanais coloridas até maio de 2003. Ali experimentei quadrinhos em diversos formatos e temáticas.

Meses depois do final da minha página na **Tribuna**, em agosto o Jornal de Piracicaba teve a brilhante ideia de lançar... uma página semamanal de humor. E lá fui eu para



Primeira tira de Érico com personagem fixo, em O Diarinho, página de O Diário em 08/05/1988

mais um retorno à nave-mãe das tiras do Dito.

Embora eu tenha realizado tiras "adultas" por 17 anos, com as pausas descritas acima, Dito, o bendito teve tiras criadas de 1993 a 2005. Mas nesse período também alternei outros tipos e séries no meu espaço no jornal: Os engravatados; Variações desvairadas; Xatupi; Sol maior. Depois do término do Dito em 2005, viria Caricaras, uma tira com estilo de charge.

Nos últimos anos da página de humor do Jornal, de 2007 a 2009, eu inventaria Um pamonha de Piracicaba, que marcou a transição dos meus desenhos do papel para o computador. Novamente no caderno de cultura do matutino, de 2009 a 2010, a tira diária Caricaturas ao vivo seria meu canto do cisne naquele meio impresso.

Leco e Dito são os personagens que abriram alas para tudo que realizei no humor gráfico desde 1991. Vários outros supracitados podem ser conferidos nas próximas páginas. Inclusive os novos quadrinhos do peixinho e do bendito, criados e postados desde 2020 no instagram do autor. (ÉSJ)









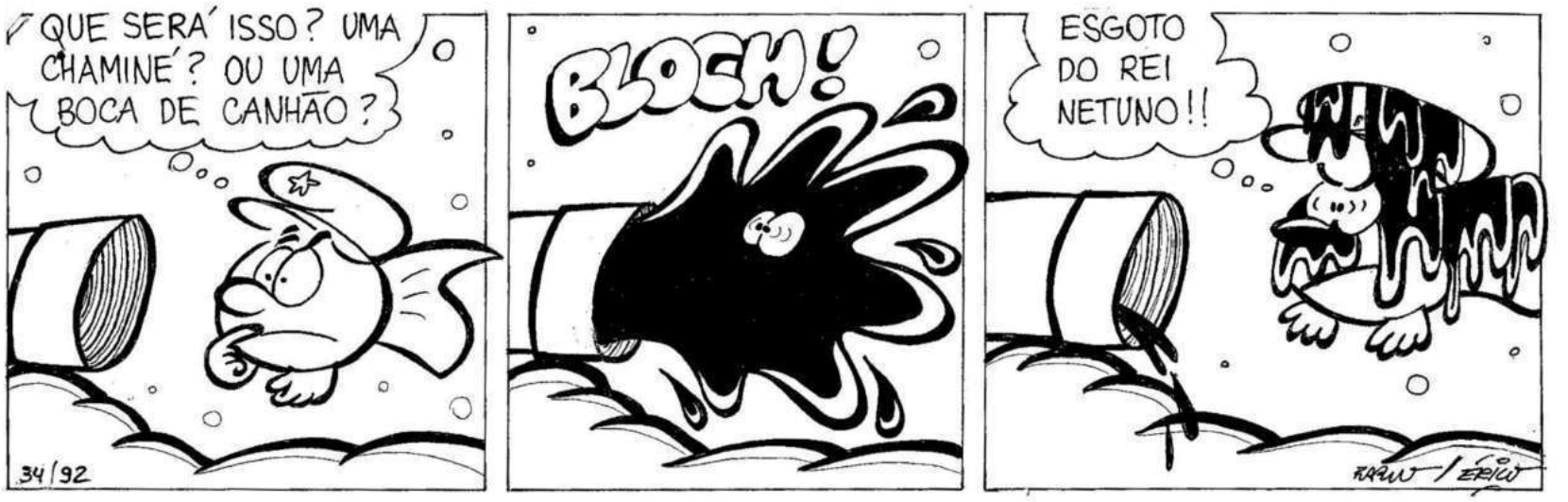
Érico San Juan

Leco











As tirinhas desta página foram publicadas no suplemento infantil semanal Jornalzinho, do Jornal de Piracicaba, desde a fase amadora do autor, em 1990, e na passagem do mesmo como ilustrador do suplemento, em 1992. A única tira não-publicada originalmente em jornal foi o quadrado no alto desta página, postado em 2020 no instagram do artista



O primeiro personagem de quadrinhos para jornal de Érico San Juan, este nativo de Piracicaba - SP, foi um peixe, o Leco.

Publicada por alguns meses de 1988 na página infantil do extinto O Diário, a tira saltou para o suplemento infantil do Jornal de Piracicaba em 1990, ali permanecendo até 1993.

Leco e seus amigos Peixot, um peixe galã com visual de roqueiro gomalinado e "Seu" Ostra, um mau humorado conselheiro, conviveram com um pescador e um cientista que a todo custo tentavam fisgar o último exemplar da espécie "Leccus Treccus", o protagonista da série.

Em 2020, 27 anos após a saída de cena no Jornal de Piracicaba, Leco e sua turma voltaram com quadrinhos inéditos às terças-feiras na internet, no instagram do desenhista. O personagem volta e meia também marca presença no jornal CAPIAU.

Algumas tiras iniciais tiveram a colaboração de Fábio San Juan, irmão do autor, nos roteiros.

variações desvairadas

Após um começo relembrando outros personagens do autor - inclusive Lup Lup e Lep Lep, protagonistas de revistas em quadrinhos artesanais do artista, feitas da sua infância à adolescência, de 1982 a 1989 - a série de tiras que substituiu Dito, o bendito em 1999 e 2000 no Jornal de Piracicaba apresentou o que seu título sugeria: variações de estilos de desenho, situações desvairadas.

Em vez de criar as tirinhas como sempre tinha criado - com esboços em sequência, sobre três ou quatro quadrinhos previamente diagramados numa folha de sulfite, nas dimensões adequadas para publicação - o desenhista recolheu trabalhos avulsos, criados livremente.

Escaneou dezenas dessas ilustrações aleatórias e montou tirinhas no computador, com o sentido, a sequência, os balões e legendas criados a partir do que os desenhos lhe sugeriam. O descompromisso nos roteiros continuou mesmo quando os personagens ocasionais passaram a ser desenhados no PC. Um exemplo dessa fase está ao lado, na tira publicada em 01 de maio de 2000.



15 de julho de 1999



18 de outubro de 1999



19 de outubro de 1999



vida de cão!



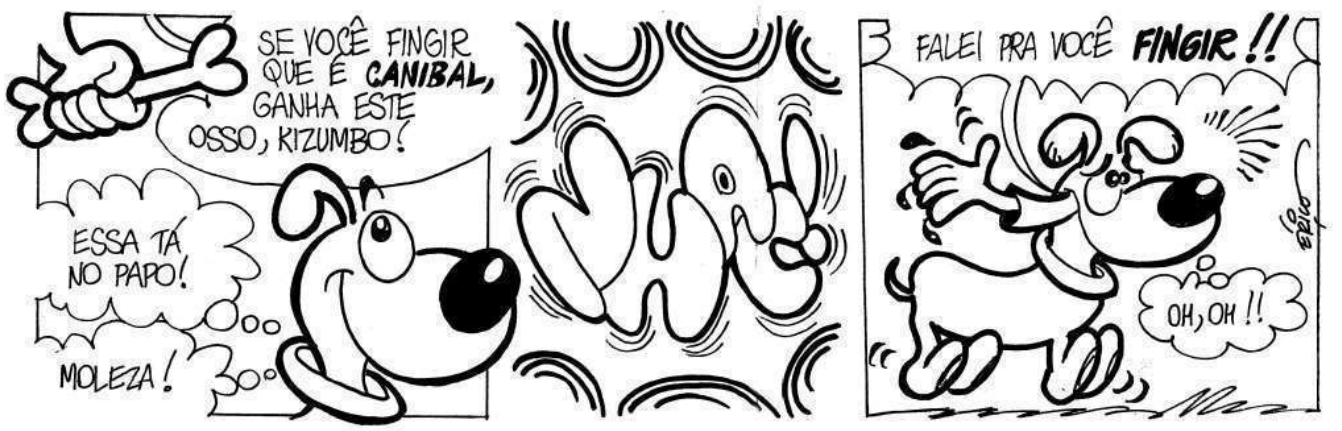








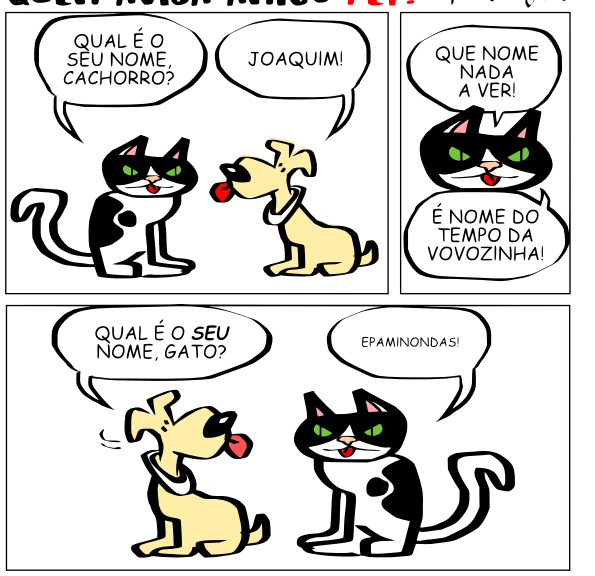






QUEM AVISA AMIGO PET!

Érico San Juan



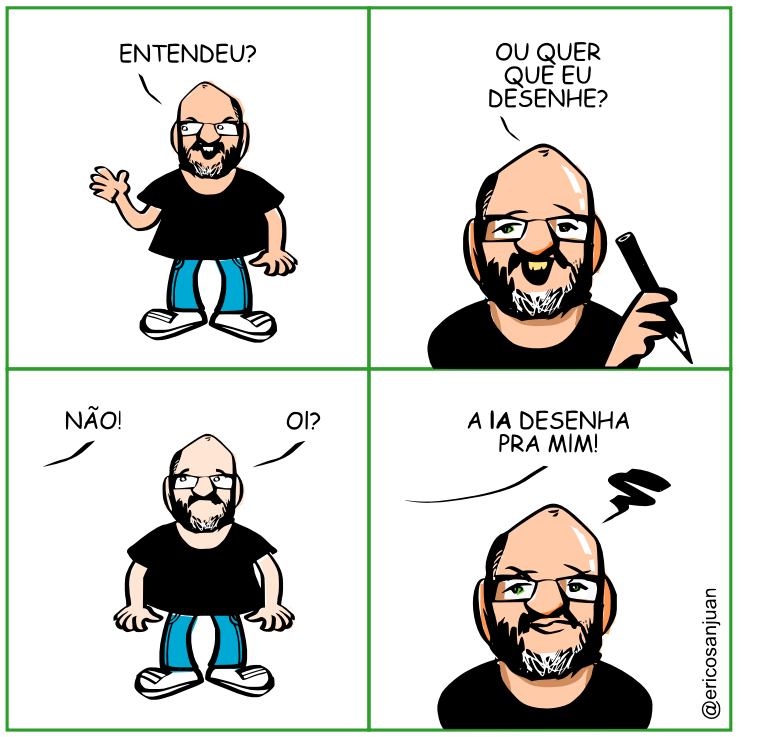
A primeira tirinha horizontal do alto da página é a primeira do cachorro Kizumbo, de 1992. Como muitas das tiras da fase inicial de Érico San Juan, teve o Jornalzinho, do Jornal de Piracicaba, como o veículo que as publicou. Ao longo das tiras, o protagonista solitário também interagiu com outros animais, humanos inclusive. Em 2023, o cachorro e a série mudaram de nome. E um gato passou a ter DRs caninas com o pet babão.

Um pamonha de Piracicaba









No alto, à esquerda: tiras de 26/10/2007, 02 e 30/05/2008. Acima: tira da nova fase do Pamonha, no instagram e na página Passe de Letra na Tribuna Piracicabana, em 05/04/2025

A PAMONHA E O PAMONHA

Em vários lugares do Brasil, especialmente em São Paulo, é possível ouvir os famosos alto-falantes anunciando o puro creme do milho verde.

O nome do produto foi transferido para o estado de espírito do personagem desta tira: um individualista neura e platônico.

Na época da criação do Pamonha, eu acompanhava os quadrinhos de um cartunista de Curitiba que se utilizava como assunto de piadas. Amigos também achavam que eu seria um bom personagem de tiras. Acabei cedendo às simpáticas pressões. Assim, de agosto de 2007 a julho de 2009, produzi e publiquei a tira Um Pamonha de Piracicaba.

POR FORA

Um pamonha de Piracicaba saiu primeiro em um jornal em Piracicaba. Após seis meses de publicação, a tira mudou o nome para Primeira Pessoa, a "pedido" do conselho editorial do periódico.

No entanto, o Pamonha saiu com seu nome original de agosto de 2008 a maio de 2009 no suplemento infanto-juvenil do jornal Agora (Sertãozinho, SP). Também foi publicado até o final de 2009 no tablóide mensal GrapHiQ (Suzano, SP). O trabalho faturou primeiro lugar na categoria Tiras, do I Salão DINO de Humor do Litoral Paulista (Unisanta), em outubro de 2008. O prêmio em Santos endossou o óbvio: pamonha de casa não faz milagre... (ÉSJ)

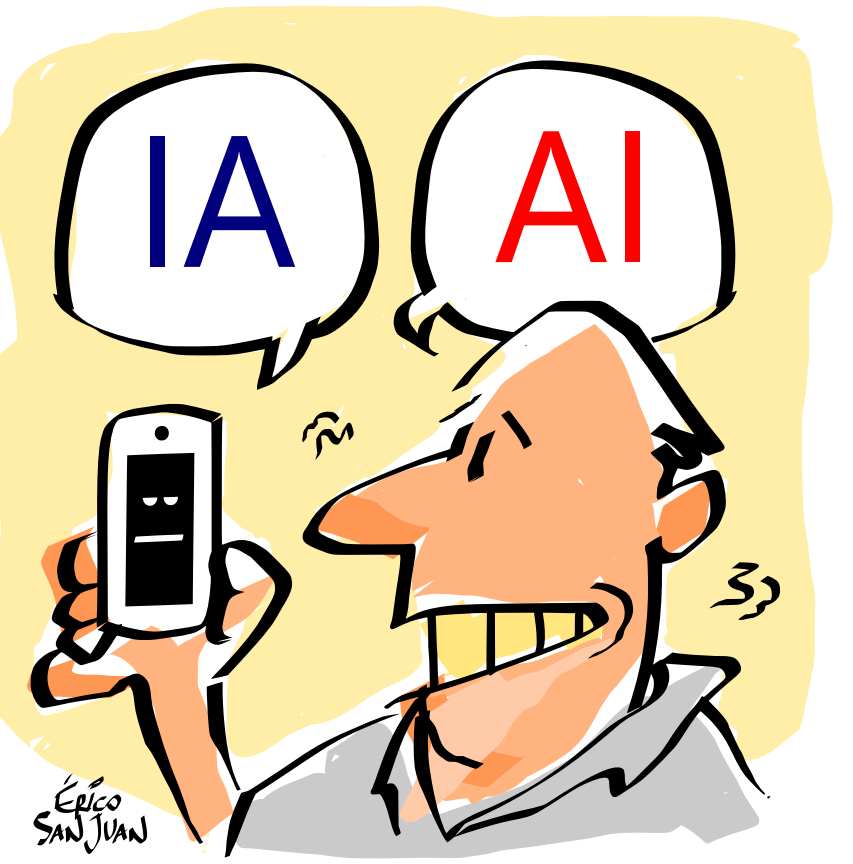




O personagem que se confundia com o autor já esteve em outras tiras de Érico San Juan: em 08/10/1999 na série Variações desvairadas, e em 04/04/2010 na série Caricaturas ao vivo, todas no Jornal de Piracicaba

CARTUNS EM QUADRINHOS













Os cartuns desta página são assim denominados por terem balões de diálogo. Esses trabalhos trazem uma imagem apenas, como se fossem tiras de um quadrinho só. Na sequência, trabalhos selecionados no 14° Salão do Humor Humana Saúde (Piauí, 2022); no Concurso do jornal +Humor (RJ, 2023); e nas edições 52, 53 e 51 do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 2024, 2025 e 2023. Já o cartum ao lado integrou a expo virtual coletiva Picasso entre nós, em 2023, no site HQ-Mix, organizada pelos cartunistas Jal, André Barroso e Francisco Puñol. (ÉSJ)



Dito, o bendito é o título da tirinha mais longeva de Érico San Juan. Como tantas do autor, surgiu no Jornal de Piracicaba, no caderno Jornal de Domingo, em 28 de novembro de 1993. Ao longo dos seus 32 anos, saiu em outros jornais do interior paulista (inclusive na **Tribuna Piracicabana**) e até fora dele: num informativo da CUT maranhense.

Benedito da Silva de Jesus - nome de batismo do cidadão - começou como malandro carioca, depois crítico azedo e avô espertão. Teve esposa exigente (Fulô), amigo fiel (Feijão), filho rebelde (Tião) e neto ausente (Beto).

Dito também ganhou exposições (Câmara de Vereadores de Piracicaba, 1996; Biblioteca Zink de Campinas, 2018 e biblioteca da Fumep, 2023), livros (ed. Marca de Fantasia, 1995 e 2013) e homenagens em obras de referência da HQ nacional (Grande Dicionário do Quadrinho Brasileiro, de Gutemberg Cruz, ed. Noir e O Negro nos Quadrinhos do Brasil, de Nobu Chinen, ed. Peirópolis).







Tira de 05/09/2003, com rara cena do Dito e seu pet, um gato que não curtia de tudo...

Última tira de Dito, de 03/06/2005. Ele só voltou no insta, em 2020. A tira mais à esquerda é de 2023.





No alto à esquerda: charge no Jornal de Piracicaba (1996). No alto, à direita: tira no suplemento Agorinha (jornal Agora, Sertãozinho/SP, 2009). Acima: cartum no JP (1996). À esquerda: primeiras tirinhas no Jornal (1993)

Papéis, **salões** e pixels



A apresentadora Vera Magalhães, os jornalistas da bancada e Érico San Juan, o cartunista convidado do programa Roda Viva, na TV Cultura, em 8 de maio de 2023, com o entrevistado da noite: o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal. Foto de Nadja Kouchi / TV Cultura

Minha formação nas caricaturas se deu a partir do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Com nove anos de idade, em 1985, visitei com meus pais o evento anual, ainda no teatro que o abrigou até os anos 1990, na terra do Rio de Lágrimas.

Acostumado aos quadrinhos Disney publicados pela editora Abril, estranhei a agressividade das charges, muitas com as caricaturas dos políticos da vez.

No hall de entrada do teatro, uma edição da versão paulistana do Pasquim era distribuída gratuitamente. E uma instalação do Bar Brasil de Paulo Caruso, com as caricaturas do artista ampliadas em tamanho natural, com balcão e ambiente simulando a atmosfera da sua página semanal na revista IstoÉ.

Um outro contato impactante com a caricatura foi a minha compra, num sebo na rua Benjamin Constant, do livro O Som do Pasquim, da editora do famoso tabloide de humor. Não que eu não gostasse dos músicos entrevistados da edição, mas fiquei muito mais impressionado com o minimalismo dos trabalhos de Nássara, retratos a traço bem-humoradamente minlmalistas dos entrevistados do volume.

Em 1995, eu contava quatro anos no Jornal de Piracicaba atuando como ilustrador do suplemento Jornalzinho e quadrinista do caderno Jornal de Domingo, com a tira Dito, o bendito. Nesse ano, fui a São José



do Rio Preto, no interior paulista, fazer caricaturas ao vivo num shopping da cidade. Era a primeira vez que eu desenhava para uma plateia numerosa, junto a outros colegas de uma escola de desenho.

Na época, a caricatura aparecia esporadicamente na minha produção de humor gráfico. Mas desenhistas feito Baptistão, em desenhos de página inteira no jornal O Estado de S. Paulo, e Spacca, em suas charges na Folha de S. Paulo, demonstravam ao jovem ilustrador as possibilidades do gênero.

As caricaturas seriam o carro-chefe da minha produção no humor gráfico depois da minha saída definitiva do Jornal de Piracicaba e das tiras diárias em 2010. No entanto, vez ou outra no próprio jornal ensaiei algumas caricaturas.

Em 1997, um Jimi Hendrix a traço, de cores chapadas, saiu no caderno Jornal de Domingo. Alegria completa para o ilustrador, não fosse um detalhe: a minha versão do guitarrista o mostrou destro, e não canhoto! Em 2011, já como freelancer, cobrindo férias do chargista-ilustrador do matutino, fiz um Guima-



Após prestigiar uma palestra do escritor Mario Bortolotto, no Ponto de Cultura Garapa em Piracicaba, em 2011, escrevi uma resenha a respeito no meu antigo blog, ilustrada com a caricatura acima. Seis anos depois, em 2017, fui surpreendido com o desenho ilustrando a capa de um novo livro do autor, com textos dele coletados do Facebook. Em seu típico espírito underground, o escritor incluiu a caricatura na capa da obra, sem aviso prévio a este que vos digita...



O desenho acima integra a capa de "O Inventor do Fanzine", perfil biográfico do cartunista, advogado e jornalista piracicabano Edson Rontani.
A obra de Gonçalo Junior teve lançamento em edição física pela Marca de Fantasia em 2015.
A segunda edição, em formato e-book, saiu em 2022. Está disponível gratuitamente no site da editora

À esquerda, uma das minhas participações em exposições coletivas promovidas pelo cartunista e jornalista JAL - criador com Gual do Troféu HQMIX: minha caricatura do Senhor Constituinte para a expo 100 Ulysses Guimarães, no Memorial da América Latina (SP) em 2016



John Wayne, símbolo dos filmes americanos de faroeste, foi minha escolha para a criação de um retrato bem-humorado para a terceira Bienal Internacional da Caricatura, em 2018, na exposição Astros do Cinema



Aracy de Almeida marcou gerações no Show de Calouros, comandado por Silvio Santos na TV. Desenhei a jurada e cantora nas minhas redes sociais, mas a homenagem ganhou maior dimensão no quadro Caricatura também é cultura, que apresentei no programa de entrevistas de Fernando Vítolo no YouTube, em 2023 e 2024.



Além de participar de dezenas de exposições com artistas de todo o Brasil, o caricaturista foco deste jornal CAPIAU também organizou expos coletivas. Uma delas foi Rubem Alves Caricaturado, no Café Bistrô Rubem Alves em Campinas, em 2015

rães Rosa para um artigo na página de opinião do primeiro caderno. No desenho, uma borboleta namorava a gravata idem do escritor-diplomata de Cordisburgo.

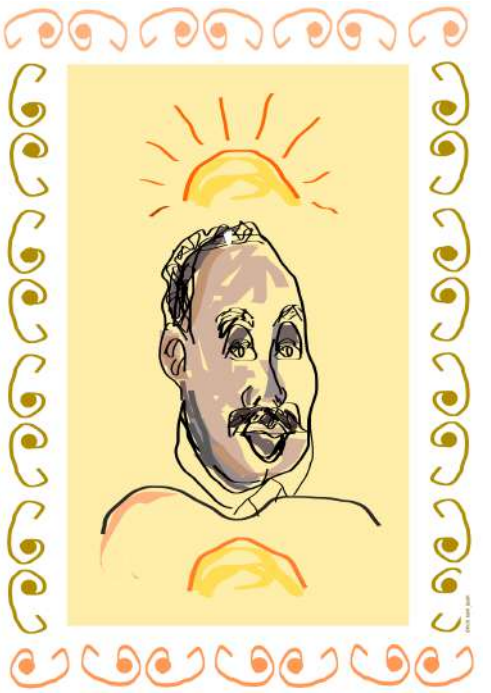
E não é preciso dizer que em inúmeras charges do jornal, "frilanceando" na ausência do titular, caricaturei os presidentes da vez. Na última vez que isso ocorreu, em 2011, separei duas delas para enviar ao Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre, onde foram selecionadas para a mostra competitiva daquele ano.

A decisão de focar minha produção nas caricaturas era para dar um verniz "artístico" ao meu trabalho. E angariar credibilidade no mercado e entre os próprios colegas ilustradores. A ascensão da internet como central de todas as mídias ratificou a decisão.

Além de facilitar a busca de oportunidades de trabalho e divulgação destes, o desenvolvimento da minha técnica digital de criação dispensou o envio de originais em papel para salões de humor, que se abriam para a inscrição de desenhos via e-mail.

Em 2002, integrei uma lista de discussão na internet, espécie de "mãe" dos grupos de WhatsApp. A lista M-Música tinha entre seus membros ilustres Zé Rodrix e Guttenberg Guarabyra, criadores do rock rural com Luiz Carlos Sá. No final de 2008, ao concluírem um novo disco, lembraram-se de uma caricatura deles feita por mim na antiga lista, me convocando a criar capa e design do novo trabalho. O encarte traria o desenho, é claro. Em 2021, as faixas do derradeiro disco de Sá, Rodrix & Guarabyra ganharam as plataformas digitais com a capa original. A caricatura do encarte do CD está na página 12.

Das caricaturas selecionadas em concursos, uma delas funcionou como abre-alas para outros espaços. Em 2011, o Instituto Memória Musical Brasileira, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, publicou o livro "Noel é 100", obra de luxo com 60 caricaturas diferentes do cantor e compositor Noel Rosa, em louvor ao centenário do artista. Os trabalhos também compuseram uma exposição, inicialmente realizada na Sala Cultural Leila Diniz, em Niterói. Meu trabalho com o rosto de Noel em traço e concepção minimalista me renderam uma espécie de presente de Natal em 2014: o convite para a participação na primeira Bienal Internacional da Caricatura, com meu Noel e minha Elis Regina a tiracolo, na mostra especial do evento dedicada aos desenhistas do estado de São Paulo. Os anos seguintes à minha estreia em livro com caricatura trariam novas oportunidades. Em 2012, meu



Johnny Alf a traço integraria a biografia do fundador da Bossa Nova, escrita por João Carlos Rodrigues para a Imprensa Oficial do estado de São Paulo, "Johnny Alf: duas ou três coisas que você não sabe".

Em 2013, meu desenho de Nara Leão esteve no primeiro e único Salão de Humor de Guaíra (SP). Em 2018, o maior ícone da Bossa - Tom Jobim - me renderia menção honrosa no Salão de Humor de Mogi Guaçu. Outros artistas da canção popular seriam caricaturados por este que vos digita, para salões de humor Brasil afora. Caso de Agnaldo Timóteo para o Salão de Desenho para Imprensa de Porto Alegre em 2011, e de Waldick Soriano para o Salão Medplan de Humor no Piauí em 2018.

Na internet, um espaço inusitado se apresentava: a rádio Jovem Pan, que iniciava um projeto de "rádio com imagem". Minhas caricaturas dos apresentadores do Radioatividade e 3 em 1 foram exibidas nesses programas a partir de 2015. Em 2018, o apresentador e gerente de jornalismo Patrick Santos deixou a empresa e escreveu 45 do Primeiro Tempo, obra publicada no ano seguinte pela Literare Books. Com seu autor devidamente caricaturado na obra, nas minhas ilustrações que abriram os capítulos.

Meses depois do lançamento do livro de Patrick, ele faria o podcast homônimo de seu livro, de volta à rádio que o projetou. Participei do novo programa com as caricaturas dos entrevistados, nas capas dos episódios, durante o primeiro ano do podcast. Estimulado pelo amigo jornalista, criei o Ilustre Podcast em 2021, entrevistando artistas e jornalistas duas vezes por semana. E a-

No alto da página: caricatura de Gabino Ezeiza, pioneiro do tango, para exposição do Museo Diogenes Taborda (Argentina) em 2016

plicando a ideia de caricaturar os convidados, agora em meu próprio programa virtual.

Minhas andanças com as caricaturas tiveram muita sola de sapato gasta, para além da quilometragem pelos espaços virtuais. Uma dessas empreitadas que exigiu fôlego de atleta se deu com a edição do jornal Caricaras. O tabloide de humor trouxe crônicas, frases de efeito, matérias, perfis de artistas, ilustrações... e caricaturas, é claro, tudo elaborado por este que vos digita. As sete edições de Caricaras tiveram um diferencial para além do furor autoral: um espaço em branco nas capas dos exemplares. O quadrado vazio, ocupando quase a totalidade das capas, trazia abaixo dele o slogan do projeto: "Um jornal que é a sua cara". E era mesmo: a cara do leitor, desenhada por mim na hora, no momento em que o leitor adquiria seu exemplar em festas e eventos. O jornal teve sete edições de mil exemplares cada, publicadas entre 2007 e 2011, lançadas em eventos no Rio de Janeiro, Campinas, São Paulo e em Piracicaba, no tradicional Salão de Humor da cidade. Nesses lançamentos, aliás, brotaria outra ideia-mãe de um novo projeto: as Caricaturas de Ninguém.

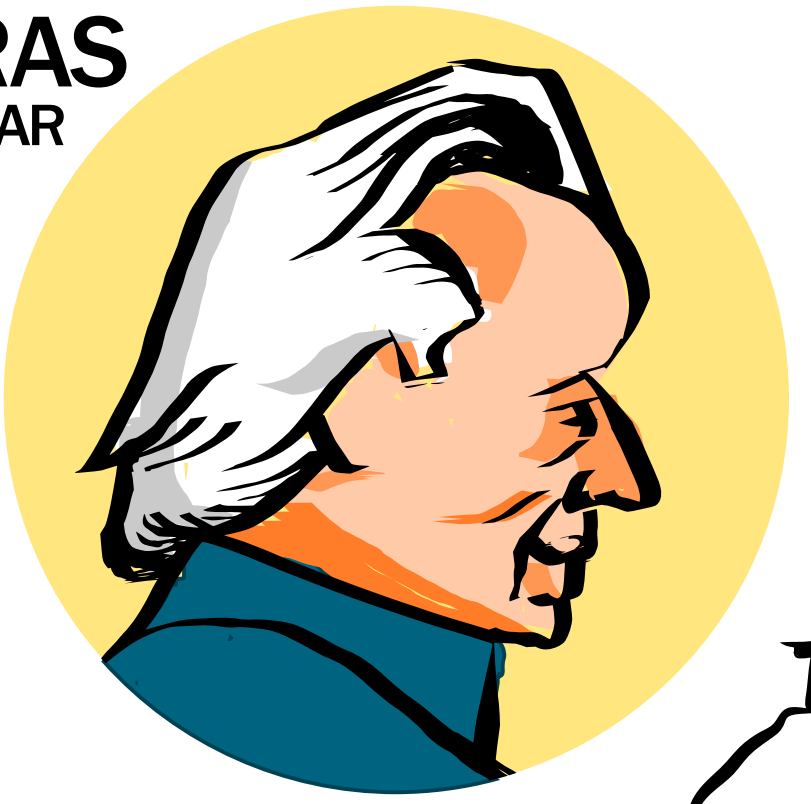
Sempre que eu dava uma pausa para descanso, durante minhas ações de caricaturas ao vivo em eventos, eu jamais deixava a mesa onde criava os desenhos, elaborando caricaturas imaginárias. Vez ou outra, era comum que um transeunte qualquer me perguntasse: "Você está desenhando quem?" E a resposta era tão invariável quanto a pergunta: "Não estou desenhando ninguém". Após uma quantidade considerável de caricaturas "de ninguém" acumulados nesses intervalos de eventos, organizei os trabalhos em três exposições realizadas em espaços culturais de Piracicaba, em 2012 e 2014.

E falando em exposições... a mais recente seria a mais significativa, tanto em conceito quanto em abrangência. As caricaturas deste autor realizadas para concursos e salõies de humor gráfico seriam reunidas em "Caricaturas de Salão", exposição itinerante que percorreu 16 espaços em 5 cidades do interior paulista: Piracicaba, Campinas, Americana, Limeira e Elias Fausto. Os trabalhos foram expostos mês a mês - em geral um mês em cada espaço ou cidade - de setembro de 2018 a fevereiro de 2020.

Seja na nuvem virtual ou enfrentando tempestades reais, a criação de caricaturas encontra no desenhista que aqui escreve um desejo de continuar levando ao respeitável público um humor que é a nossa cara, a cara de todos nós. (ÉSJ)

CARICATURAS
EM TUDO QUE É LUGAR

Primeiro em livros, em seguida em CDs, mais adiante em salões de humor, logo em podcasts: nas capas deles e em quadros nos próprios. As caricaturas de Érico San Juan, durante a consolidação da internet nos anos 2000, ganharam espaços variados em mídias idem, para além dos limites de Piracicaba, cidade-natal do autor. O desenho do pianista **João Carlos Martins**, ao lado, ilustrou o podcast 45 do Primeiro Tempo, com a entrevista do maestro ao jornalista Patrick Santos em 2020. No mesmo ano, a entrevista e a caricatura foram replicadas em outro programa de Patrick: Conversa na Pan. Em 2023, o desenhista **Daniel Azulay**, criador da Turma do Lambe Lambe, foi caricaturado no quadro Caricatura também é cultura, no programa de Fernando Vítolo no YouTube, quadro apresentado pelo caricaturista (desenho à direita).

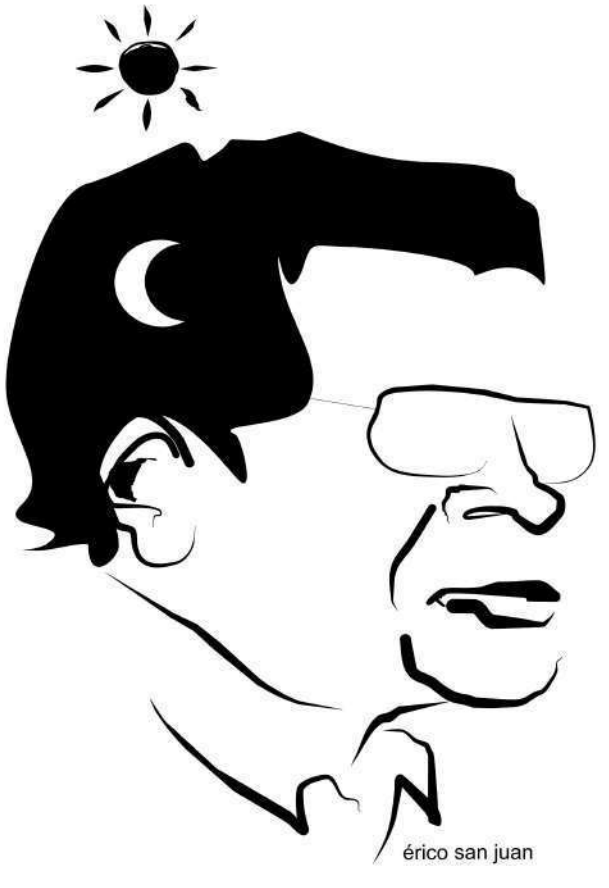




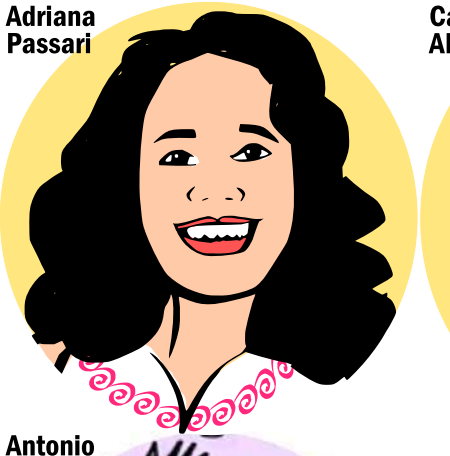




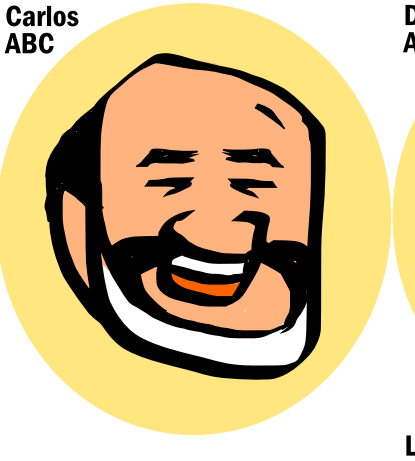
No centro da página, da esquerda para a direita: o trio **Sá, Rodrix e Guarabyra** teve minha caricatura divulgada na lista de discussão M-Música, no tempo da internet discada, nos anos 2000. Em 2008, o artista criador do desenho recebeu o convite para criar a capa de Amanhã, último CD inédito dos criadores do rock rural. O disco saiu em 2009, com a caricatura impressa no encarte. E o retrato bem-humorado de **Tom Jobim** faturou Menção Honrosa no Salão de Humor de Mogi Guaçu, em 2018. Abaixo, da esquerda para a direita: retrato a traço de **Johnny Alf**, criado para a biografia de João Carlos Rodrigues do músico de 2012.



Adriana Passari



Carlos ABC



Daniela Aldrovandi



Antonio Marco



Desde 2024, o radialista e apresentador Luiz Tarantni abriu espaço em seu programa Passe de Letra, na TV Metropolitana de Piracicaba, para caricaturas dos convidados do quadro semanal Movimentação Cultural. No final de 2025, as caricaturas continuam para os convidados do esporte no Passe de Letra na VTV - SBT.

Leandro Samarone



Oscar Schimidt



Marta



Magic Paula



Maguila



Maurren Maggi



Uma série de caricaturas de esportistas brasileiros foi feita por mim a convite do Sesc Piracicaba em 2011. As caricaturas integraram o projeto Sesc Verão daquele ano. A exposição teve o nome de Um encontro com desafios, heróis e lendas. Os desenhos ficaram expostos no hall de entrada do Sesc até o final de fevereiro daquele ano, em dimensões gigantescas, na estatura real de cada caricaturado. Alguns desenhos podem ser conhecido ou relembrados aqui. (ÉSJ)

Ayrton Senna

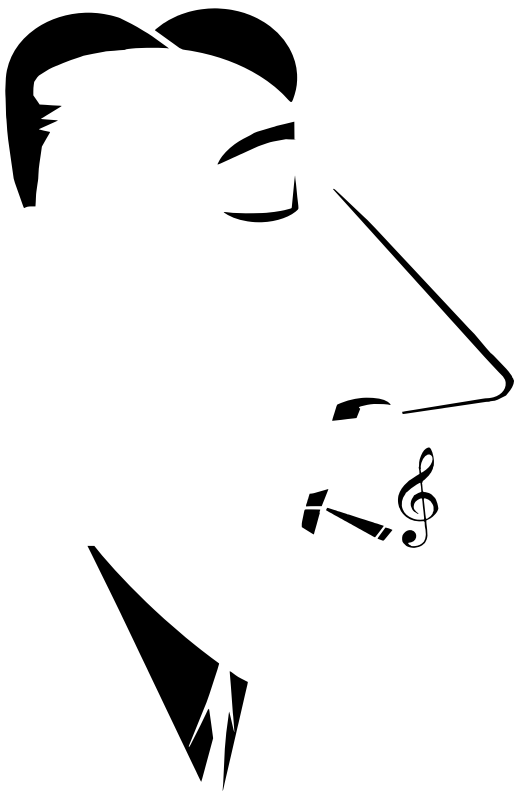


Robert Scheidt

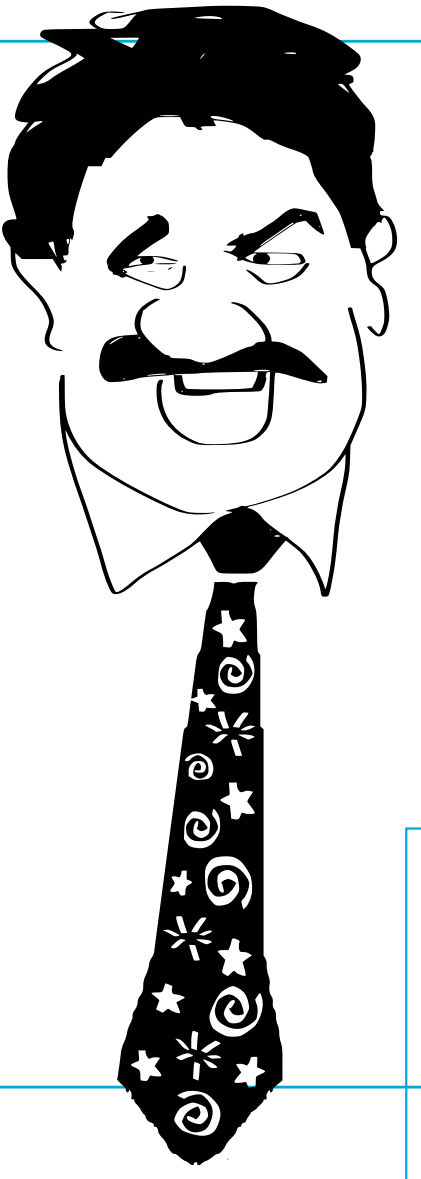


Além dos atletas desta página, a exposição também trouxe caricaturas de Antônio Tenório, Gustavo Kuerten, João do Pulo e Ronaldo Fenômeno

CARICATURAS
DE SALÃO



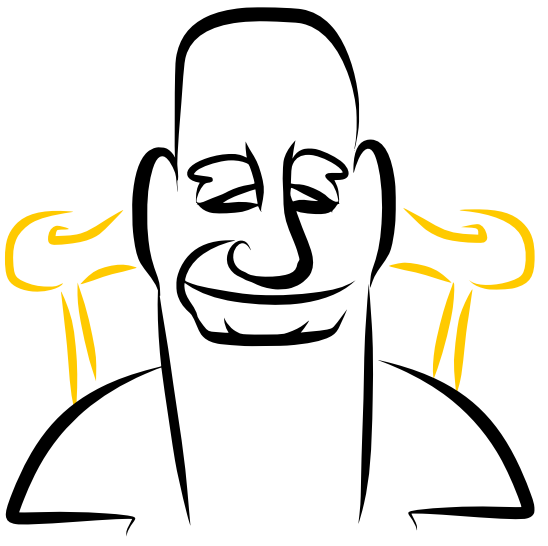
2011 | NOEL ROSA
Livro e exposição NOEL É 100
Instituto Memória Musical Brasileira
Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro



2013
RATINHO
Salão de
Humor de
Guaíra (SP)
MENÇÃO
HONROSA



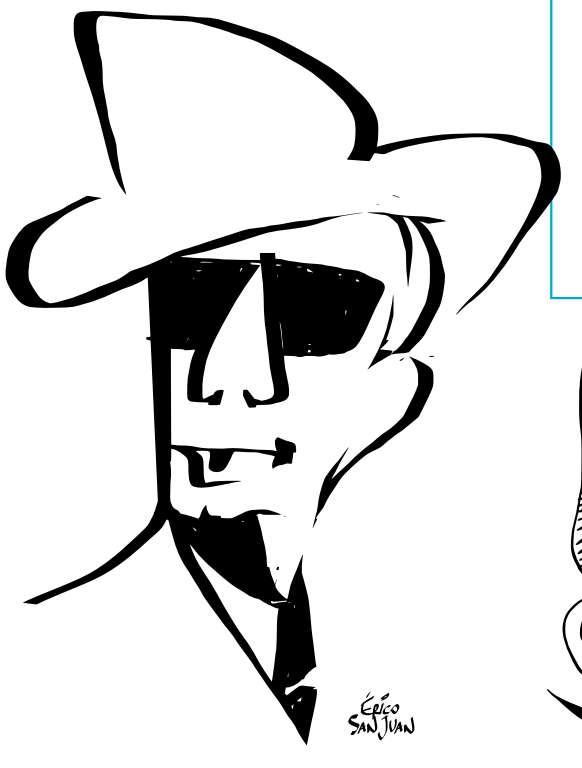
2012 | AGNALDO TIMÓTEO
Salão Internacional de Desenho
para Imprensa - Porto Alegre (RS)



2016 | ARIANO SUASSUNA
Salão Nacional de Humor
José Lins do Rego (João Pessoa, PB)



2013 | JORGE AMADO
Salão Internacional de Desenho
para Imprensa - Porto Alegre (RS)



2017 | WALDICK SORIANO
Salão Medplan
de Humor
(Teresina, PI)



2016 | RAUL
PEDERNEIRAS
Bienal Internacional
da Caricatura - Brasil
(Rio de Janeiro, RJ)
Mostra "Centenário
do 1º Salão
dos Humoristas
1916 - 2016"

Trabalhos da exposição itinerante de caricaturas minimalistas de Érico San Juan: selecionadas, premiadas e convidadas para salões de humor gráfico no Brasil e Argentina. Realizada em **2018** no CLQ Reserva Jequitibá e Clube Cristovão Colombo (Piracicaba, SP), em **2019** no Colégio 15 de Novembro, Instituto Baroneza de Rezende, Clube de Campo, Senac, Sindicato dos Contabilistas, Faculdade Salesiana Dom Bosco, Escola Bauhaus, Metrópolis Café, Fumep/EEP, Piracicaba Bike Café, FOP Unicamp e Fatec (Piracicaba,SP), Esamc (Campinas, SP), FAM (Americana, SP), Centro Cultural Tornatore (Elias Fausto, SP) e Gruta da Paz (Limeira, SP); em **2020** no Espaço Cultural do Fórum Dr. Francisco Morato (Piracicaba, SP).

Do caderno ao **impresso**





Diferente dos que desejam reinventar a roda da história do humor gráfico impresso de Piracicaba, eis um fato: as páginas de humor nos anos 2000 surgiram na cidade com a página Rio, editada por Érico San Juan no jornal A Tribuna Piracicabana, com 86 edições coloridas entre 2001 e 2003. Página encerrada, seu editor convidou Fábio San Juan e Edu Grosso para juntos editarem o jornal de humor Rio, tablóide independente que circulou entre 2003 e 2004, com 8 edições mensais em PB.

Alto da página: o autor e suas tirinhas na exposição coletiva Pamonhas, ainda!, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, em Piracicaba, em 2023

"Fui eu que fiz!" Esta é a frase que todo artista diz: ora em voz alta, ora para seu íntimo. Comigo não foi diferente. E isso desde os meus verdes anos.

Em 1982, no antigo pré-primário da escola Honorato Faustino, no bairro São Dimas, em Piracicaba, rabisquei meu primeiro personagem de quadrinhos, o Lup Lup, totalmente inspirado no universo-pato de Walt Disney... ou melhor, nos gibis criados por Carl Barks de tio Patinhas, Donald e seus sobrinhos.

Essa viagem à própria imaginação, muitas em companhia de meu irmão Fábio, rendeu dezenas de quadrinhos no formato de revistas inteiras, até 1989.

Nesse ano, eu e o mano participamos da oficina de quadrinhos de Jal & Gual - criadores do Troféu HQ MIX - no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1989. O grupo partcipante da oficina criou o fanzine NUQ - Núcleo de Quadrinhos de Piracicaba, com 5 números editados entre abril de 1990 e setembro de 1991.

Em 1990, mandei uma série de tirinhas do peixinho Leco, meu outro personagem dos verdes anos ao suplemento infantil do Jornal de Piracicaba, que me contratou como ilustrador no ano seguinte. Reproduzindo a prática recente de tomar para mim a edição da publicação da qual participava - afinal eu tinha feito dezenas de gibis, ora, ora! - interferi o que pude no Jornalzinho, em várias edições elaborando as chamadas das capas e escrevendo historinhas com o pseudônimo Joca Taubaté. Isso porque eu já fazia as tirinhas, passatempos, ilustrações, vinhetas...

Mesmo com os espaços generosos no Jornal de Piracicaba, me integrei de vez ao movimento dos fanzines dos anos 1990, entrando em contato e trocando essas publicações independentes com editores de todo o país, até de Portugal. Em 1993, criei o fanzine Só Uma?, com HQs de 1 página dos novos amigos postais: Edgard Guimarães, Henrique Magalhães, o saudoso Joacy Jamis. Era um jeito de resgatar o moleque que fazia gibi desde moleque. Mas o momento era de edições com mais de um exemplar, reproduzidas em fotocópias e distribuídas pelo correio Brasil afora.

Em 2001, a **Tribuna Piracicabana** acolheu minha ideia de editar uma página de humor semanal em cores. Os herois da área, agora colegas de profissão, tive o prazer de publicar na página, depois no tablóide independente Rio até 2004: Spacca, Baptistão, Fernando Gonsales, Orlando, tantos mais. Pessoal que voltou na página e no jornal CAPIAU, vinte e tantos anos depois. Sim, neste jornal que você lê, também editado por mim na **Tribuna**, agora em tempos esmagadoramente digitais.

O desejo de incluir um diferencial nos projetos se concretizou em iniciativas de fato interativas, de cunho 100% autoral. Além das capas personalizadas do jornal tablóide Caricaras, a revista Dito e os benditos também trouxe capas com a caricatura do leitor, estas impressas em cores, uma por uma.

O artista que entrou na redação do Jornal de Piracicaba como ilustrador contratado em 15 de janeiro de 1991, 35 anos atrás, terrmina estas linhas com uma única certeza: artistas não nasceram ontem... artistas renascem a cada dia! Obrigado por tudo, respeitável público. (ESJ)

TAMO JUNTO!

Em 35 anos como cartunista, nem sempre trabalhei sozinho. As tirinhas abaixo tiveram personagens e roteiros dos parceiros da vez: FELPS, com a jornalista Vera Magalhães (2017); DESENHA RESENHA, com o comunicador e escritor Fernando Vítolo (2023); CHICO DA TIANA, com o humorista Cleber Rosa (2025) e HISTÓRIAS DAS COPAS, com o jornalista Thiago Uberreich (2025). (ESJ)

FELPS



desenhaRESENHA

Fernando Vítolo | Érico San Juan



Chico da Tiana em quadrinhos

Cleber Rosa | Érico San Juan



Histórias das COPAS

THIAGO UBERREICH e ÉRICO SAN JUAN



A TRIBUNA PIRACICABANA
JORNAL capiau

Jornal de humor CAPIAU | Nº 25 | Ano III | 10/12/2025
Encarte mensal de A TRIBUNA PIRACICABANA
Fundador e diretor: Evaldo Vicente | **Gerente comercial**: Sidnei Borges

CAPIAU (@capiau.humor) | Especial 35 ANOS DE HUMOR | **Edição e conteúdo:** Érico San Juan
Fotos e imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Desenho da exposição Caricaturas de ninguém - Restaurante Lisboa - Piracicaba, SP (2012)
Agradecimento do autor: Aos meus pais e irmãos, aos mestres e amigos de ontem e de agora

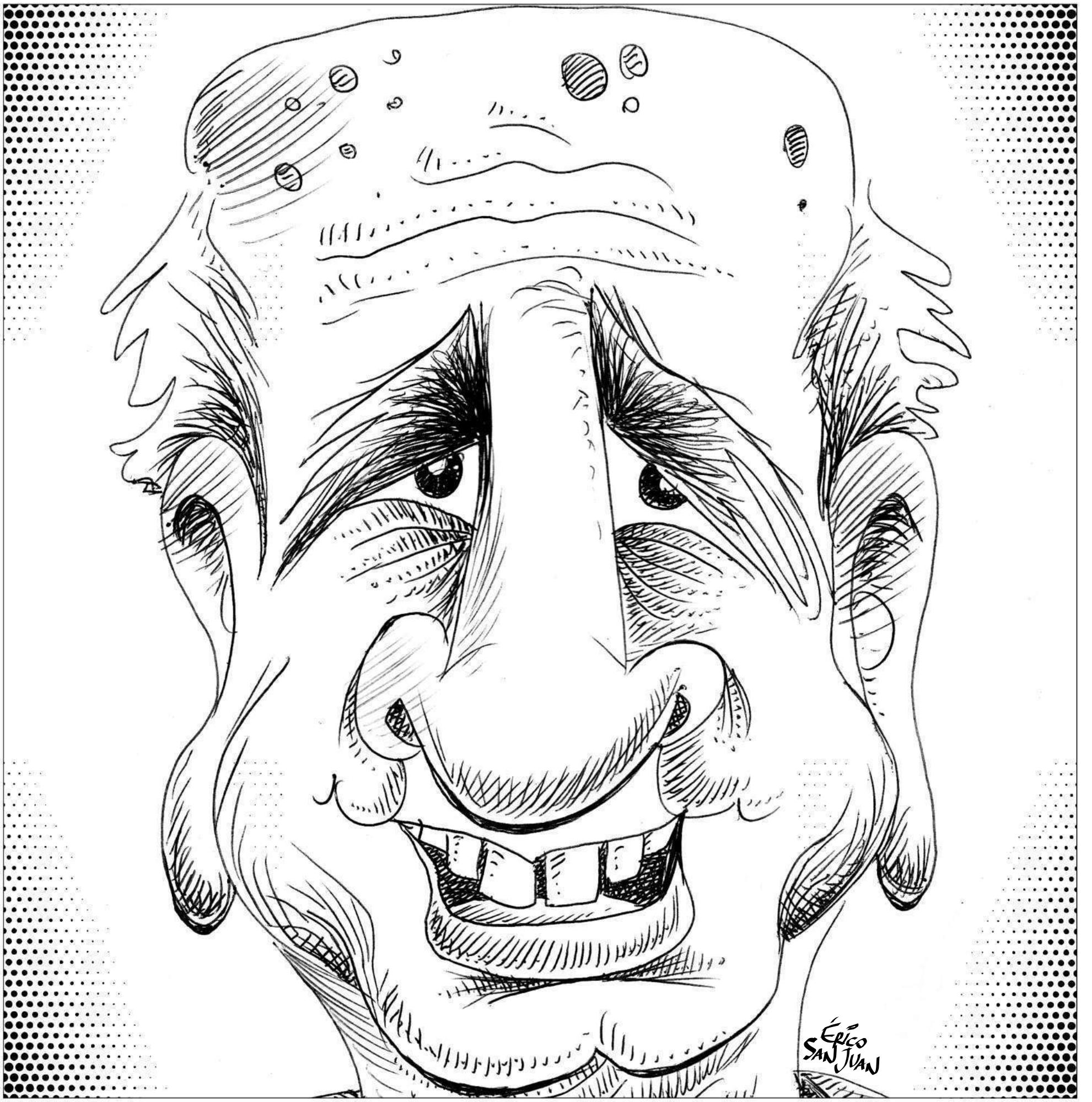
Leia a coleção completa do Jornal CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 26 | 17/01/2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Érico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 2



CHARGES

O trabalho como chargista do desenhista desta edição se desenvolveu em fases pontuais ao longo dos anos 2000, principalmente no Jornal de Piracicaba. A seleção de trabalhos dessa natureza é um desafio pelo caráter perecível da charge, ligada ao contexto social ou político do dia de publicação. Por esse motivo, optou-se pelas charges do autor relacionadas a acontecimentos recorrentes, como enchentes de começo de ano; personalidades mais duradouras; além de fatos que se repetem ano após ano na vida nacional, na vida de todos nós.



Jornal de Piracicaba | 04/02/2011



Jornal de Piracicaba | 10/05/1998



Jornal de Piracicaba | 07/01/2006



Programa Roda Viva | TV Cultura (SP)) 08/05/2023



Portal Vila do Cirilo | 18/02/2001



Jornal de Piracicaba | 08/05/1999



A Tribuna Piracicabana | 19/03/2025

coluna tutorial

O QUE É UM CARTUM?
Piada desenhada, mal-desenhada às vezes, a respeito de certos assuntos que sobrevivem ao tempo, às vezes como zumbis.

O QUE É UMA CARICATURA?
Retrato desenhado, bem-humorado e exagerado, do qual todo mundo gosta, menos o coitado do caricaturado.

O QUE É UMA CHARGE?
Análise gráfica da conjuntura nacional ou internacional, por meio de um ponto de vista ora mordaz, ora ácido, ora no calor da hora. Ora, ora!

O QUE É UMA TIRINHA?
Uma história em quadrinhos tão pequenininha que tem quadrinhos tão pequenininhos quanto estes diminutivos todos juntinhos.

QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS ENTRE CARTUM, CARICATURA, CHARGE E TIRINHA?
Pra começar, os nomes, que são diferentes um do outro. Pra terminar, sutis diferenças que fazem quem não entende disso achar que é tudo desenho mesmo, e pronto.

É pra **rir** ou pra **refletir**?

O cartunista Érico San Juan procurou responder à questão em palestras, como jurado de salões e nas homenagens em seus 35 anos de carreira



Palestra de Érico San Juan no evento Entrelinhas na PUC Campinas, em 2023, para estudantes de Design e Artes Visuais | Foto: Divulgação - PUC

Em 2021, o artista recebeu, na Câmara de Vereadores de Piracicaba, Moção de Aplausos por suas então 3 décadas de humor gráfico, das mãos do vereador Pedro Kawai
Imagem: Assessoria Parlamentar Câmara



Acima: júri de seleção do 43º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 2016. Da esquerda para a direita: José Maurício Conrado da Silva, Sander Carvalho, Érico San Juan, Leda Pasta e Rogério Vilela.
Imagem: Documentário 43º Salão Internacional de Humor de Piracicaba - Canal ETC (YouTube)

Artista adora ficar no cantinho dele, falando com todo mundo... mas no WhatsApp, é claro. Um meio de atingir o objetivo de comunicar minha arte para plateias em potencial foi a formatura em Radialista Locutor pelo Senac, em 2011, depois falar de meus projetos em programas de rádio, por fim expor a trajetória como cartunista a estudantes de escolas de ensino médio e em faculdades. (ÉSJ)



À direita: Érico San Juan e Fernando Vítolo, após palestra e homenagem de professoras e alunos da quinta série da escola Tirsi Anna (Mairiporã, SP), em 2025
Imagem: Divulgação

PERFIL

Nos anos 2000, fiz entrevistas para a **Tribuna Piracicabana** com Guilherme Arantes, João Carlos Marinho, Eumir Deodato... e Moacyr Franco. Nossa conversa saiu na **Tribuna**, depois reescrita e republicada no meu jornal de humor Caricaras. Segue a página como publicada no tablóide, antes de Moacyr ter se consagrado no filme O Palhaço. (ÉSJ)



entrevista

MOACYR FRANCO, 2004 d.C.

Tamanho-família

Liguei, o homem não estava. Deixei recado e saí. Na volta, uma voz espantada me passa outro recado: *"Não acreditei quando ouvi aquela voz grossa, querendo falar com você!"*.

Gerações de telespectadores acostumaram-se à presença daquele humorista-cantor na sala de suas casas, feito minha mãe, que o atendeu no telefone.

Vindo de Minas Gerais, Moacyr de Oliveira Franco construiu, a partir dos anos 60, um sonho de humor, poesia e música. O humorista-cantor permanece ativo n'*A Praça é nossa*, com o personagem Jeca Gay. Na época desta entrevista, dividiu o palco com Ronald Golias em *Meu Cunhado*, seriado dirigido pelo filho Guto Franco.

Como intérprete, o mais recente CD de Moacyr é "Se me deixarem viver", trazendo novas canções de sua autoria: *Zé Brasileiro*, *O sonho é livre* e *Pé de amor*. O disco não dispensa um *pout-pourri* de velhos sucessos (*Balada número 7*, *Seu amor ainda é tudo*, *Ainda ontem chorei de saudade*).

Quem espera...

Num contato inicial, o artista me promete um encontro e um almoço: *"Sou bom de entrevista"*.

Após a interferência de sua assessora de imprensa, marcamos novo local para o encontro, não mais num restaurante, mas nos estúdios do SBT, em Osasco, durante as gravações de *A Praça é nossa*. Era o mês de maio de 2004.

A espera de quatro horas, na ante-sala do Estúdio 1 da TV de Silvio Santos, me estimula a reler o vasto currículo do artista. Em várias ocasiões, Moacyr e seus programas tiveram audiências insuperáveis, em todas as tevês do Brasil: Rio, Excelsior, Tupi, Record, Globo, Bandeirantes, SBT.

Os primeiros sucessos musicais do cantor surgiram a partir dos anos 60: a marchinha de Carnaval *Me dá um dinheiro aí*, e *Suave é a noite*, versão da canção de Sammy Fain e Paul Webster. Nos anos 80, Moacyr investiu na composição sertaneja, adentrando a porteira aberta por Chitãozinho e Xororó.

Caipira Franco

No estúdio da *Praça*, o entra-e-sai de rostos familiares é incessante. Vestido de Zé Bonitinho, o advogado-ator Jorge Loredo repassa o texto com a gostosona-da-vez, no mesmo sofá do repórter, perto do bule de café. Marcelo de Nóbrega, diretor d'*A Praça é nossa*, e Tiririca, hoje trabalhando com Tom Cavalcante, circulavam pelo local.

Após a longa espera, Moacyr me recebe para a conversa. Caracterizado como Jeca Gay, de peruca ruiva com trancinhas, camisa branca amarrada na cintura, calça e sapatos caipiras, o humorista mantém a seriedade. Difícil é segurar o riso diante do contraste.

Aprender tudo enquanto se faz: mandamento número um da existência artística de Moacyr. *"Minha formação era assim: 'Vamos fazer, e pau!' Com isso, aprendi a sapatear, praticar esgrima..."*. Teve como inspirações, mais que influências, os comediantes e *showmen* Maurice Chevalier e Sammy Davis Jr. Chico Anysio, na opinião de seu contemporâneo Franco, é o "maior ator do mundo".

Textos e contextos

Segundo o versátil Moacyr, *"tudo vale se o texto for bom"*. Cita *A fuga das galinhas* como exemplo de realização bem-bolada, principalmente no roteiro. Ao seu lado, Zé Bonitinho - já vestido de Jorge Loredo - concorda com o colega.

Desde o início da carreira, Moacyr redige seus roteiros. *"O país precisa de autores. Faço o possível para ser original e engraçado"*.

Seu colaborador mais constante é o filho Guto Franco, atuando e escrevendo ao lado do pai desde molequinho. Hoje, Guto dirige *A Turma do Didi*, na TV Globo.

O veterano multimídia lembra outros colaboradores, muitos deles donos dos melhores textos do humor brasileiro. *"Você nem sabe quem são!"*, desdenha. Arapuã, Aloísio Araújo e Marcos César, os redatores de sua preferência, formam uma categoria raramente reconhecida.



Se me deixarem viver, *CD recente de Moacyr Franco, com novas canções e até um autógrafo (este, só para o repórter)*

Pobre de marré-marré

Trabalhando para uma multidão de telespectadores, o artista se diz incompreendido e patrulhado pela crítica. *"A mídia é preconceituosa. No Brasil, só vale 'quem é' , não o que você faz"*.

Mas Moacyr não deixou de correr riscos, agora em atividades nada risonhas. Nos anos 80, elegeu-se deputado, de cujo mandato saiu "mais pobre" do que entrou. Restou como alternativa a volta aos palcos.

Moacyr acredita que a tevê, na qual se formou e seguiu carreira, também empobreceu. *"Não sei se por dificuldades na economia brasileira... A televisão mudou por causa da proliferação de canais e da segmentação"*.

Ídolos

Intérprete de composições alheias ou próprias, o comediante sempre considerou a carreira de cantor algo paralelo à sua vida de humorista. *"Às vezes, gravava o que a gravadora queria, outras vezes não. Algumas coisas poderia ter feito melhor, mas tudo valeu"*.

O fato é que a "porção-ator" complementou a "porção-cantor" do artista Franco. *"Eu sempre fiz essa coisa performática"*. Moacyr emprestou dramaticidade inesperada a *Mundo maluco* e *Balada para um louco*, esta, versão para música de Astor Piazzolla, o mestre do tango moderno. Na música, o múltiplo mestre faz a sua lista de melhores: os compositores Fernando César, Peninha, a dupla Jair Amorim e Evaldo Gouveia (autores do repertório de Altemar Dutra), os cantores Taiguara, Luiz Vieira e Alcione. E surpreende, ao eleger Guilherme Arantes - *"um cara acima de todos"* - seu preferido.

De Vera e Rocha, o fim

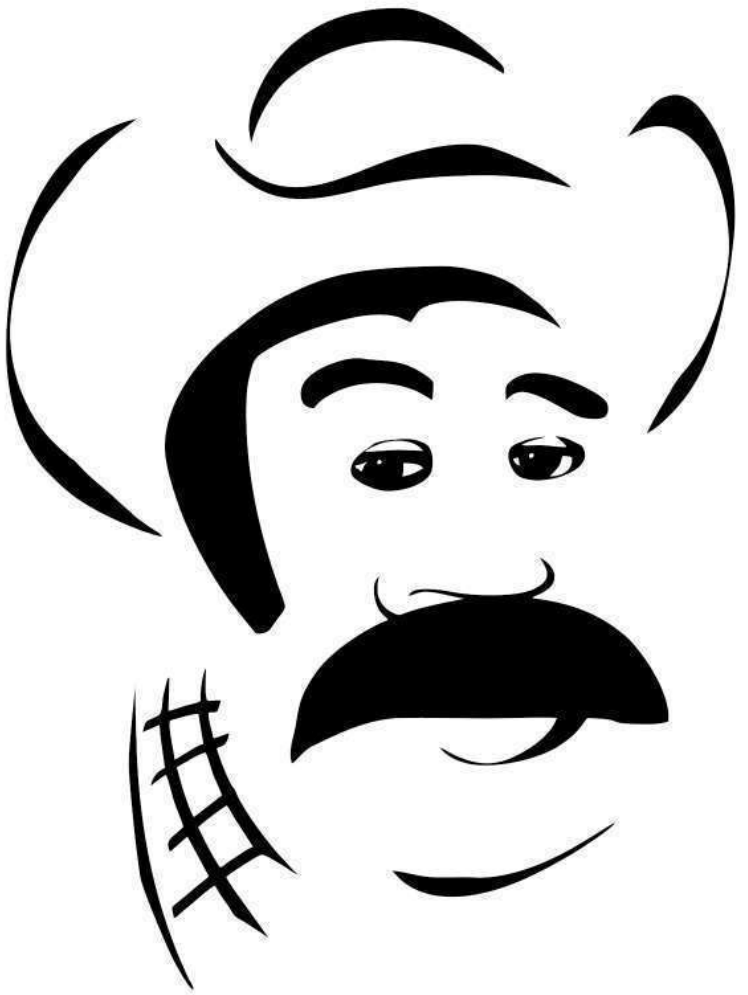
Os superlativos dão o tom ao fim de nosso papo. Por se julgar "relaxado", o mineiro de Ituiutaba jamais participou de filmes nacionais. *"Na fase da Companhia Vera Cruz, ao menos, o cinema brasileiro era muito carioca"*. Demonstrando incompatibilidade artística com o Cinema Novo, num projeto claramente oposto ao seu, o humorista fulmina: *"Uma cena de 'Matar ou Correr' [filme com Oscarito e Grande Otelo, dirigido por Carlos Manga nos anos 50] vale mais que cinco filmes do Glauber Rocha!"*.

Fechado o rolo, o intérprete de *Incêndio no canavial* oferece ao repórter seu recente CD e o seguinte autógrafo: *"Do meu coração para tua mão"*. Para Moacyr Franco, a emoção continua comandando o espetáculo.

■ Versão original do texto publicada no jornal Tribuna Piracicabana (2004)

CARICANTORES

A exposição com esse nome reuniu os retratos bem-humorados de Érico San Juan de artistas da música brasileira no Colombina Bar e Restaurante, em Piracicaba, no ano de 2014









Nesta página: caricaturas de Tião Carreiro, Ronnie Von, Fernanda Takai, Nara Leão, Ivan Lins, Elis Regina e Chico Buarque





As caricaturas minimalistas do autor são em sua maioria em preto e branco.



QUADRINHOS

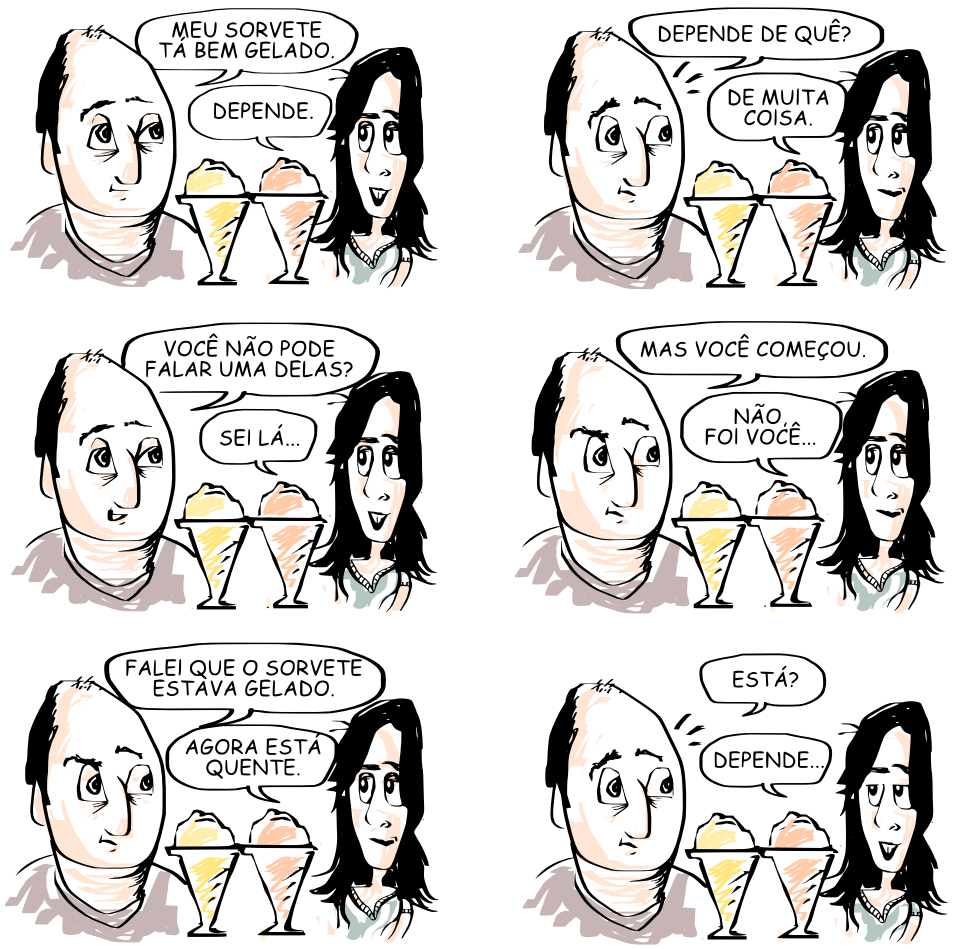
Nesta página, temos a série **Multifocal**, criada em 2016 para as redes de Érico San Juan e da cantora, escritora e compositora Patricia Mellodi, coautora dos cartuns. Já as tirinhas da dupla da DR são inéditas. A série **Um pamonha e uma quase-fofa** foi criada em 2013, somente pelo desenhista desta edição.

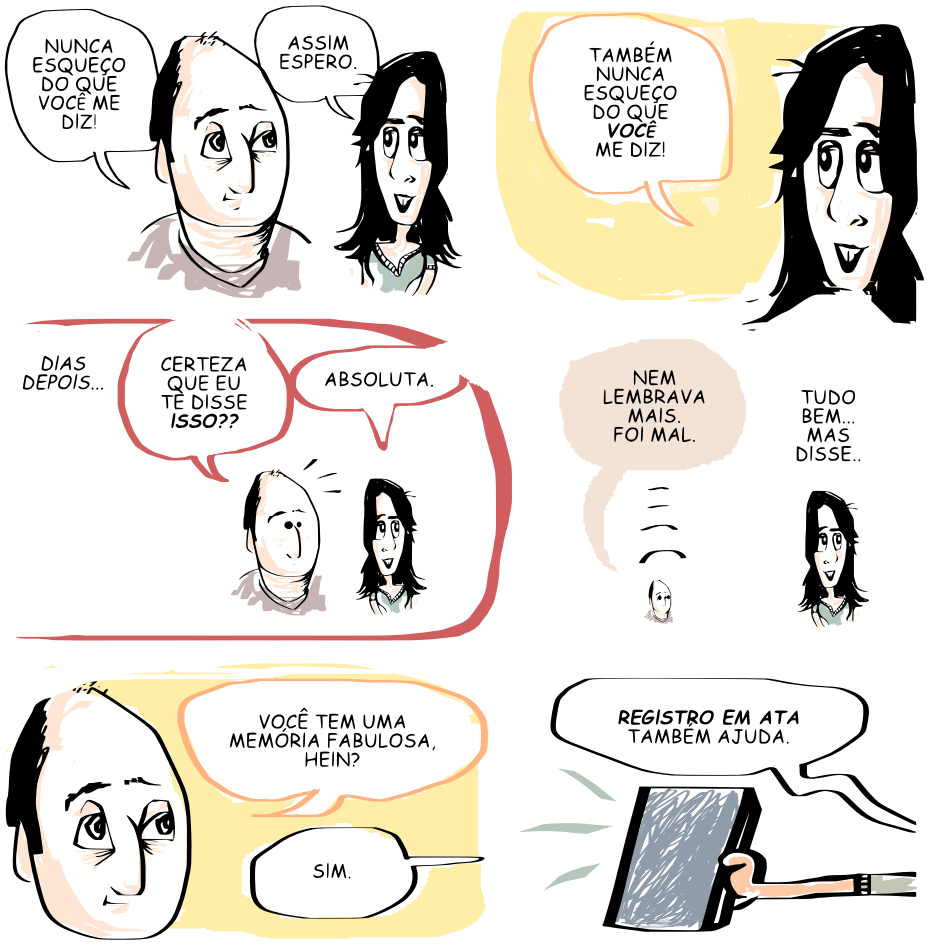
IDÉIA patricia mellodi

RENOME

DESENHO érico san juan







IDÉIA patricia mellodi

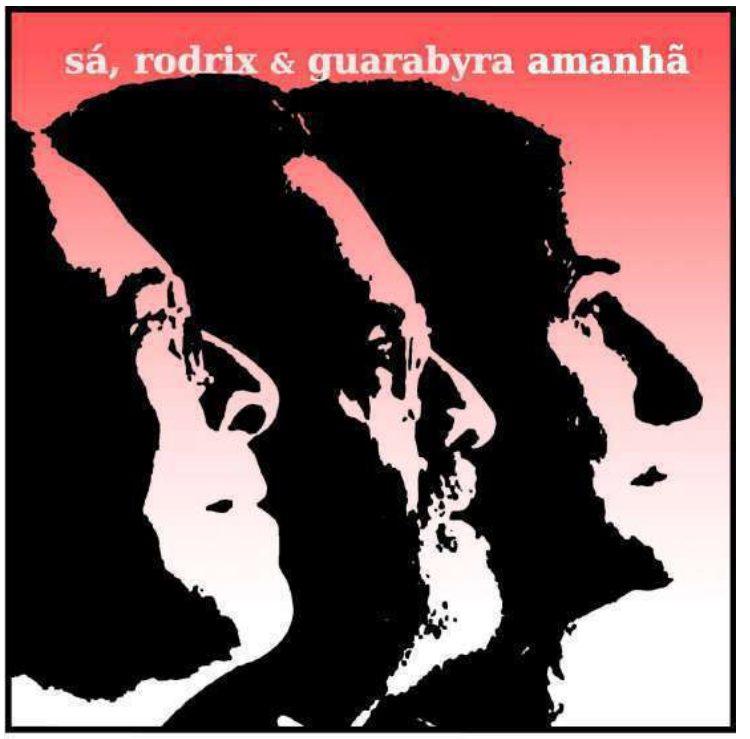
BOMPARTIDO

DESENHO érico san juan



LEIA TAMBÉM O PRIMEIRO JORNAL **CAPIAU** DOS 35 ANOS DE HUMOR DE **ÉRICO SAN JUAN** NO LINK DA BIO: **@capiau.humor**

DISCOS
e as caras de suas capas







Minha paixão pela música brasileira me fez buscar uma proximidade com os músicos. E a aproximação se deu principalmente por meio da criação de capas de discos, já na época do CD e antes dos albuns se transformarem em playlists nas plataformas digitais, disputando a audição de bilhões em meio a milhões de lançamentos diários. A primeira capa à esquerda é de AMANHÃ, último CD de Sá, Rodrix e Guarabyra, lançamento da Roupa Nova Music de 2010, ano seguinte ao da partida de Zé Rodrix. O trio fundador do Rock Rural retornou em 2001, no Rock in Rio. A capa foi criada por mim a partir de uma foto de Sérgio Jorge. Meu trabalho despertou a atenção de Julia Simões, para quem fiz as capas do songbook de Toninho Brandão e do duo da cantora com Marcos Cavalcante, ambos de 2013, o último com capa a partir de foto de Isa Silvano. A própria Julia me recomendou à musicista Fernanda Sander, com quem fiz dois trabalhos infantis de 2014: o novo design de capa e encarte de PARA DAR FLOR, além da criação visual dos personagens, capa e encarte do disco A FABULOSA HISTÓRIA DE MANU NA ILHA DA RAINHA ROXA. Em 2017, o músico e produtor Pedro Massa me chamou para fazer a capa do album com reinterpretações das piadas de Cornélio Pires, jornalista, escritor, showman e pioneiro das gravações da música caipira, nos primeiros anos do século 20. O artista que recriou as piadas de Pires foi o ator tieteense Ademir Furian. (ÉSJ)







@ericosanjuan

DITO, O BENDITO

@ditoobendito



Um **pamonha** de Piracicaba | por Érico San Juan



QUEM AVISA AMIGO PET! Érico San Juan

VEJA TODAS AS EDIÇÕES DO JORNAL CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 26 | Ano III | 17/01/2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 2
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Fotos e imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Desenho adaptado da exposição Mais caricaturas de ninguém Unimep, Pìracicaba (SP), 2014 - Original do acervo de Ricardo Leite

VEJA TODOS OS EPISÓDIOS DO PODCAST CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 27 | 14|02|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Épico San Juan
35anos
deHumor
1991 - 2026 | PARTE 3



RESENHAS

Meus textos abaixo saíram... ou melhor, foram postados no site Observatório da Imprensa, em 2013 e no meu blog autoral, em 2012. (ÉSJ)

Embalando Millôr

Millôr Fernandes, jornalista e desenhista de nome singular, era do tempo em que se fazia humor no Brasil – e as pessoas riam das piadas, em vez de procurar o advogado. Isso do século passado até sua morte, em incríveis 74 anos de carreira. Fã de Millôr desde criancinha, li tudo o que pude dele, em revistas e jornais de várias épocas. Peguei muita poeira em sebos para comprar seus livros. O que prova que não sou alérgico a humor, ainda bem.

Uma amostra da produção inicial do humorista está em Tempo e Contratempo, livro editado na década de 1950. A obra traz como souvenir uma árvore publicada em pôster anexo, desenhada folha a folha pelo autor. Dá pra morrer de velho contando a folharada toda. Em 1963, após muitas páginas viradas na carreira, o jornalista recebeu um pito público, em editorial da revista O Cruzeiro, órgão dos Diários Associados, conglomerado de comunicação onde o jornalista trabalhou desde os treze anos de idade. “A Verdadeira História do Paraíso” foi o estopim do editorial. A revista tinha publicado um especial com uma interpretação bem-humorada da gênese do mundo, de autoria do suposto herege.

Após receber queixas de certos setores da Igreja Católica, para livrar a cara e ficar “de bem” com a sagrada instituição, O Cruzeiro acabou por desautorizar Millôr publicamente. Isso porque o próprio veículo tinha autorizado o artista, por escrito, a publicar a matéria…

Mestre do riso

Diante da injustiça pública e da consequente demissão, Millôr processou O Cruzeiro, exigindo uma indenização trabalhista. Levou alguns cruzeiros para a carteira, mas amargou o purgatório do desemprego. Por pouco tempo, aliás. Em 1964, reuniu forças nada ocultas para lançar a revista Pif Paf, nome emprestado da sua seção de O Cruzeiro. A revista do ex-funcionário dos Diários Associados durou apenas oito números. Apesar de tão breve existência, é considerada a gênese de outro jornal de que vocês devem ter ouvido falar: O Pasquim. O jornalista-cartunista também presidiria a empresa editora do tablóide por breve período nos anos 70.

Recentemente, adquiri os oito números do jornal Pif-Paf, em edições reproduzidas tal e qual as originais. Um caderno extra, com depoimentos atuais dos colaboradores da empreitada, todos eles consagrados no Pasquim, colocam a publicação no prateleira dos clássicos do galhofa nacional. E já que estamos falando de galhofa, os responsáveis pela reedição tiraram um sarro dos felizes possuidores da coleção do Pif-Paf. Não sei se involuntariamente. Os jornais, impressos num papel-cuchê de gosto duvidoso, vieram embalados numa caixa de papelão. Fui tirar os Pif-Pafs da caixa e ouvi um rasgão imediato. Era a contracapa da edição 8 colando no fundo da caixa e tirando um pedaço da página. De quebra, a caixa descolou.

Como Millôr publicou seu jornal em tempos menos desprendidos que o atual, o descolamento da caixa da coleção se deu em sentido literal. Um papelão. Não sei o que o mestre do riso diria dessa desventura. Mas este dublê de palpiteiro e cartunista ergue as mãos ao paraíso por ter a chance de acompanhar o trabalho de Millôr Fernandes desde sempre. E para todo o sempre, espero. Amém.

Se eu falar mal do Renato... tá russo

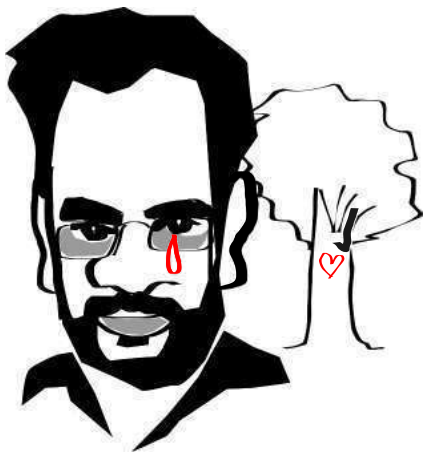
O problema de ser um icone nem é do ícone. É problema de quem se dispõe a falar do icone sem histerias típicas de quem o sustenta no pedestal: o fã.

Em época de internet, então, onde todo mundo tem opinião pra tudo, analisar o legado de um ídolo é atitude quase suicida.

Dito isto, convém explicar que não "falarei mal" do cantor e compositor Renato Russo. Nem falarei tão bem assim.

Nos anos 80, embora vocês não acreditem, o mundo não tinha internet. Mas tinha Legião Urbana tocando nas rádios brasileiras.

Entre canções de protesto adolescente e baladas melancólicas, o som do conjunto não escondia influências escancaradas do pop inglês. Joy Division que o diga.



Mesmo com esse "porém", mesmo não sendo um sex symbol como o RPM Paulo Ricardo, Renato Russo tinha carisma e inteligência. E tinha uns óculos retangulares que revelavam sua atitude nerd. Explorada à exaustão anos depois por nerds muito menos brilhantes que Russo.

Aos dez anos de idade, cheguei a maltratar o violão do meu pai em aulas do instrumento. As canções mais fáceis de tocar eram as do Legião Urbana e do Raul Seixas.

Após infinito consumo de bandeides nos dedos machucados, desisti de me tornar um violonista, o que certamente diminuiu meu eleitorado feminino nos anos de espinhas na cara.

O tempo virou meus gostos e desgostos pelo avesso. Passei a preferir o senso de humor do rocker baiano. O que não me impediu, anos depois das aulas frustradas de violão, de homenagear o roqueiro melancólico com uma caricatura. Esta que está ao lado.

É isso aí. Os fãs de Renato Russo não precisam mais me crucificar. Que alívio.

EDITORIAL pessoal

O jornal que você tem em mãos é obra de uma pessoa só. É um conjunto de obras de uma vida toda. Antes que você ache que estou falando de uma construção, de uma reforma, de um lugar com odor de cal, cimento e tinta, é de bom tom explicar o óbvio. Esta é uma edição de um jornal, de um jornal inteiro diagramado, escrito, ilustrado e revisado por uma pessoa apenas, um artista gráfico com 35 anos de carreira completos em 15 de janeiro de 2026. A celebração das três décadas e meia de ofício se deu a partir da edição 25 deste jornal, e se estenderá por algumas edições ao longo do ano. Seleções de caricaturas, tirinhas, cartuns, resenhas, perfis, entre vários conteúdos, estarão mês a mês por aqui. A obra continua, o textão termina agora.

Érico San Juan
editor do jornal CAPIAU

CONTEÚDO com conteúdo

No tempo em que os animais falavam, eles mesmos elogiavam as pessoas de conteúdo. Isso no tempo em que a internet ainda não tinha dado as caras - claro, né, porque poucos dão as caras na internet. Nos tempos de hoje, em que os animais continuam falando, se diz que as pessoas são *produtoras* de conteúdo, não que *sejam* de conteúdo. Ou seja, as pessoas com bagagem nunca mais terão vez. A não ser que paguem o excesso dela nos aeroportos.

CARICATURAS DE NINGUÉM

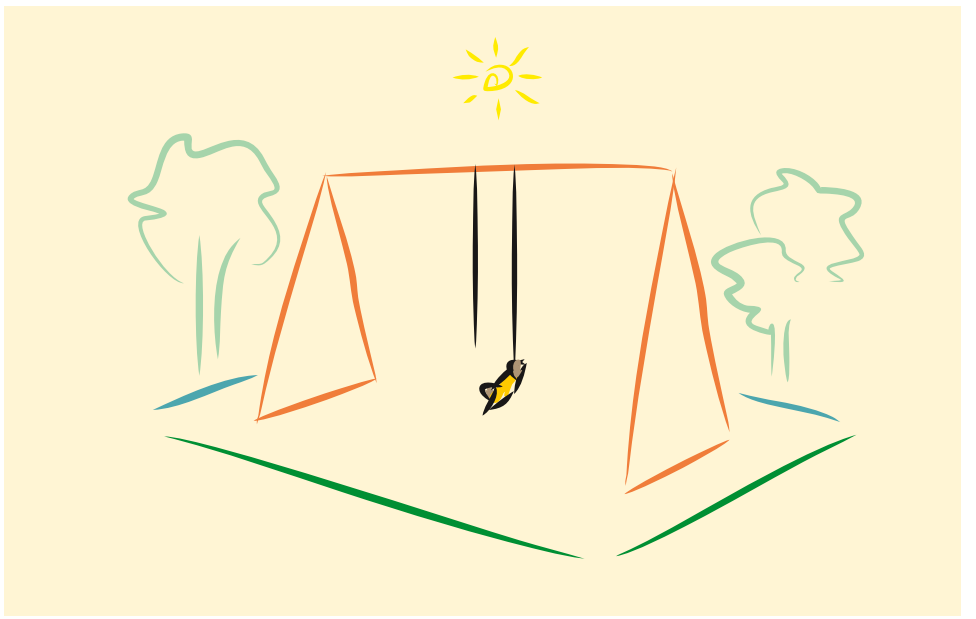
São assim chamados os desenhos livres do autor deste jornal, criados nos intervalos de suas ações de caricaturas ao vivo desde os anos 2000. Nas ações, o desenhista era assim indagado pelo público circulante: "Você está desenhando quem?" E a resposta do artista era sempre a mesma: "Não estou desenhando ninguém". Os trabalhos da página integraram as exposições "Caricaturas de ninguém" (restaurante Lisboa, 2012) e "Mais Caricaturas de ninguém" (Unimep, 2014), ambas em Piracicaba.







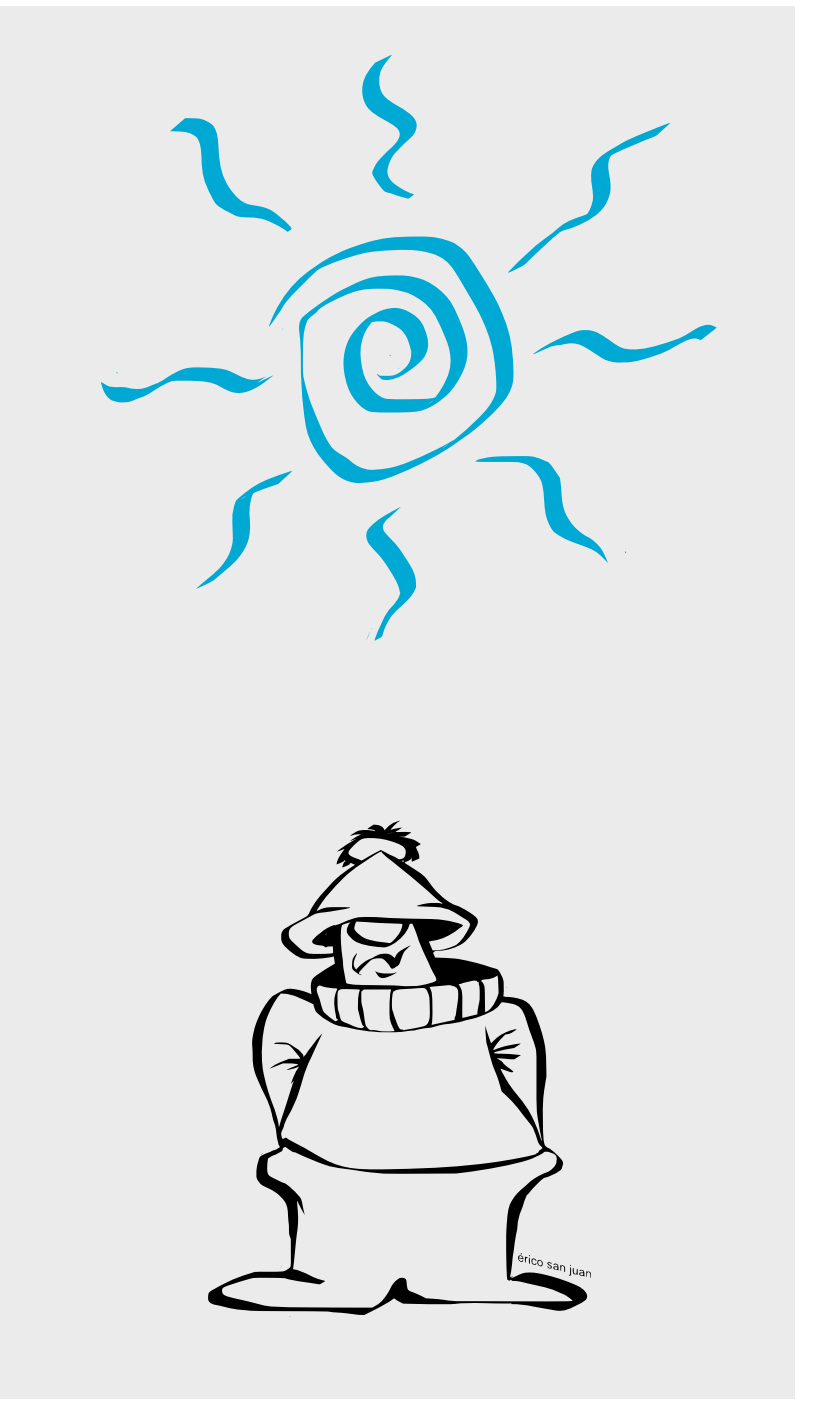
CARTUNS VIRTUAIS



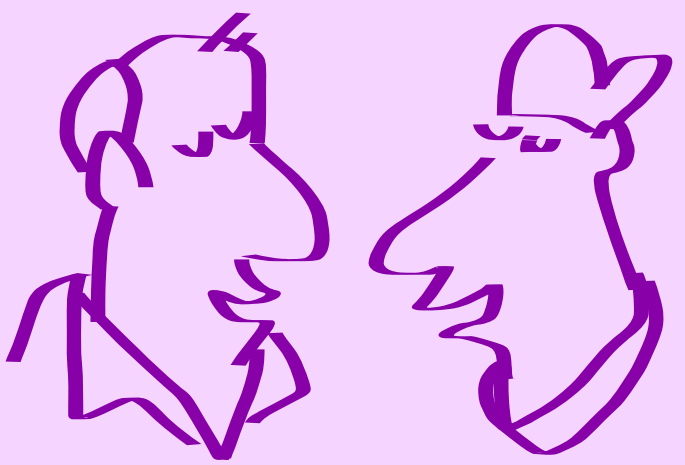
Balanço do ano que passou



Acabou de acordar



blasés pop



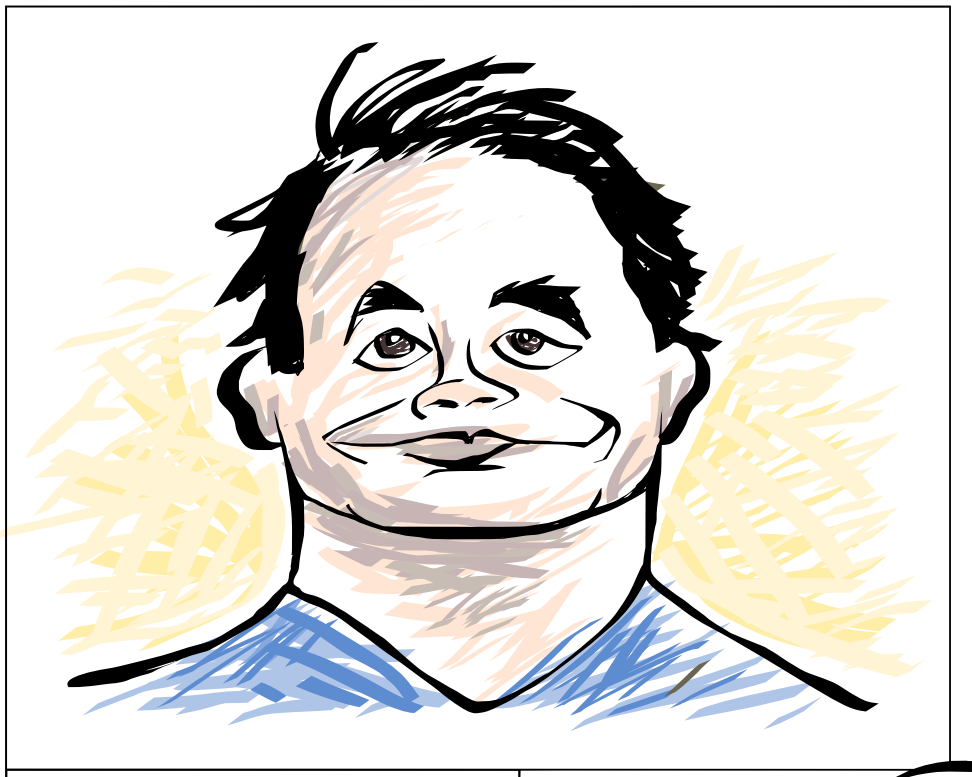
- Você viu o novo Woody Allen?
- Vi o novo Woody Woodpecker...



Os cartuns deste espaço fpram apresentados primeiro nas redes sociais e no blog autoral de Érico San Juan, nos anos de 2014, 2012 e 2017

CARICATURAS VIRTUAIS

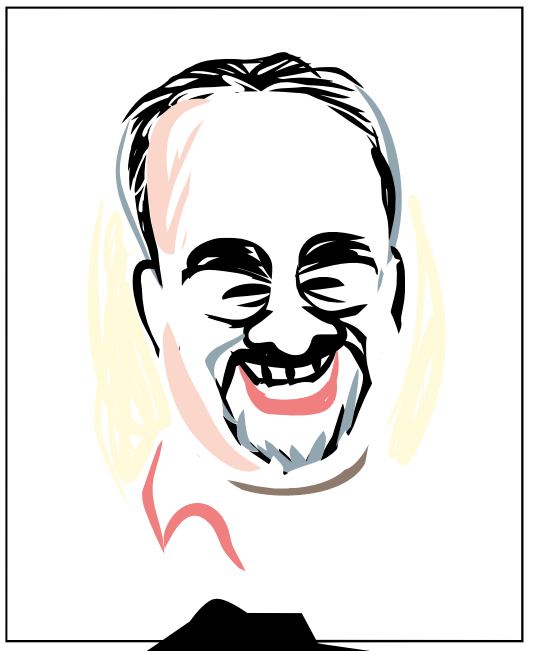
Os desenhos de Érico San Juan do humorista Carioca, do escritor e dramaturgo Mario Bortolotto, da cantora Inezita Barroso, do cantor e compositor Zeca Baleiro, do músico e compositor Zé Rodrix, do ator Robin Williams, do apresentador Raul Gil e do cantor Cauby Peixoto estiveram primeiro nas redes sociais e no blog do autor, de 2011 a 2016.











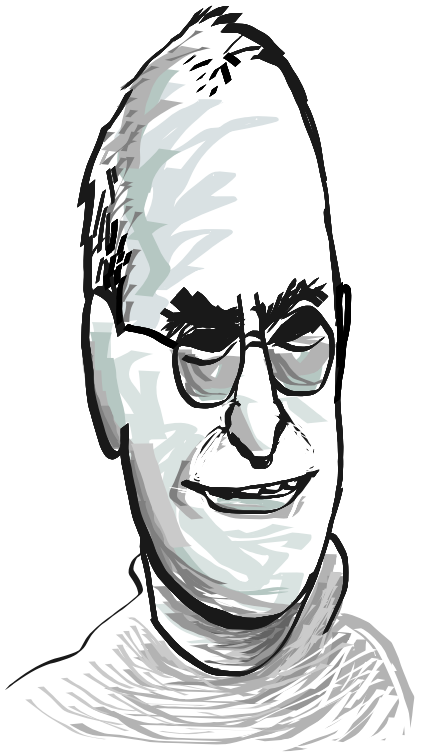






RESENHAS

Vez ou outra leio algum livro, vejo alguma peça, escuto algum disco e dá vontade de fazer resenhas sobre eles. Como as resenhas abaixo, escritas para o site Observatório da Imprensa em 2013. (ESJ)



O homem que fez o mundo morder sua maçã

Sempre que um líder mundial aparece no meu cérebro, vem a recordação de um ratinho animado. Não, não me refiro ao Mickey, personagem-símbolo da Disney. Falo do Cérebro, o rato de laboratório desejoso de dominar o mundo. Na companhia de Pinky, a metade apatetada da dupla, o ratinho cabeçudo estrelou uma série de animações produzida por Steven Spielberg para os estúdios Warner. O curioso é que os dois ratinhos me fazem lembrar de um fã ardoroso do desenho: um amigo que papagaiava a todo momento o bordão do ratinho-líder: "Agora não, Pinky!"

E eis que o destino me coloca nas mãos a biografia de um líder real, amado pelo mundo todo, ao menos o mundo da informática: Steve Jobs. Por coincidência, o comandante da Apple e criador do i-Pod no tempo em que esteve fora da corporação da maçã prateada, também revolucionou os desenhos animados com sua atuação na Pixar. Em pouco tempo, a empresa seria vendida para a Disney, companhia cuja marca é um rato. E "rato" é o que muitos funcionários de Steve Jobs gostariam de chamá-lo, não fosse o medo da demissão instantânea.

A biografia do criador do Macintosh, escrita pelo jornalista americano Leander Kahney, mostra que por muito menos que um xingamento os que trabalham para Jobs viviam aterrorizados pela chegada do bilhete azul.

Proeza nada desprezível

O livro de Kahney mapeia os passos do garoto abandonado pelos pais e adotado por outros, o começo da Apple na garagem de casa, o sucesso quase instantâneo dos primeiros Macs nos anos 80, a saída forçada do fundador da empresa, a ressurreição da Apple após o retorno de Jobs, a revolução dos i-Pods no século do entretenimento di-gital.

Em cada final de capítulo, o autor da biografia resume o capítulo em tópicos que funcio-nam como um manual de au-toajuda: as "lições" de Steve Jobs. Em todos os capítulos, os tópicos destacam as virtudes do retratado, sem deixar de lado aspectos menos louváveis de sua personalidade e de seu estilo de liderança..

Depois de literalmente devorar o livro, não consegui achar o biografado um cidadão digno de nota. Mas louvo a devoção do meu amigo designer, que me emprestou a biografia, ao empreendedor que fez o mundo literalmente morder a sua maçã, proeza nada desprezível.

Hebe, oito ou oitenta

Num 8 de março recente, Dia Internacional da Mulher, soube que esse era o dia de Hebe Camargo. Uma aniversariante que era uma gracinha. Gracinha. Está aí um adjetivo ouvido desde meus verdes anos. Não dirigido a mim, é claro. Aprendi o significado do tal elogio contemplando os programas de Hebe, cantora convertida a animadora de auditórios. Como Silvio Santos, um senhor apresentador, a apresentadora-senhora chegou a uma idade respeitável sem sair do ar. E jamais foi uma "fora do ar", ao contrário. Sabia onde pisava, apesar do salto alto de seus críticos, tão passionais quanto o objeto da crítica.

Hebe Camargo debutou na vida artística nos primeiros anos da televisão pioneira do Brasil: a TV Tupi de São Paulo. Um dos prédios da emissora, hoje MTV Brasil, ainda está em pé, conservando um grande mural com motivos indígenas. A então morena cantora só não participou da transmissão pioneira da telinha brasileira por ter um encontro marcado com o namoradinho da vez. Transmissão que se mostrou um legítimo programa de índio.

Hoje os tempos são outros. A vocação nacionalista das nomenclaturas televisivas deu lugar a ambições mundiais, simbolizadas por certa esfera platinada e multicolorida. Os pioneiros da telinha se foram: uns ao ocaso terreno, outros ao limbo eterno. E a resistente Hebe Camargo prosseguiu enquanto pode, eternizada no coração de multidões anônimas, simples feito ela. Mas menos espertos que ela, que sobreviveu a cantadas de Jânio Quadros, dissociou sua imagem da de Paulo Maluf e chegou a uma idade avançada sem se humilhar nas filas dos aposentados.

Exemplo brasileiro

Uma das últimas aparições públicas marcantes da apresentadora, ainda na emissora de Silvio Santos, se deu na comemoração dos oitenta anos de vida. Paparicada por celebridades duradouras e outras nem tanto, socialites com sorrisos escancarados como os da aniversariante, políticos com pretensões presidenciais, cantores e artistas de variadas quilometragens. O brilho da vitória sobre o tempo conseguiu, ainda que por instantes, superar a irrelevância de grande porcentagem dos convidados da ocasião. A festa iria continuar na Disneyworld, onde só houve um aniversariante à altura da brasileira, ao menos em idade: Mickey Mouse.

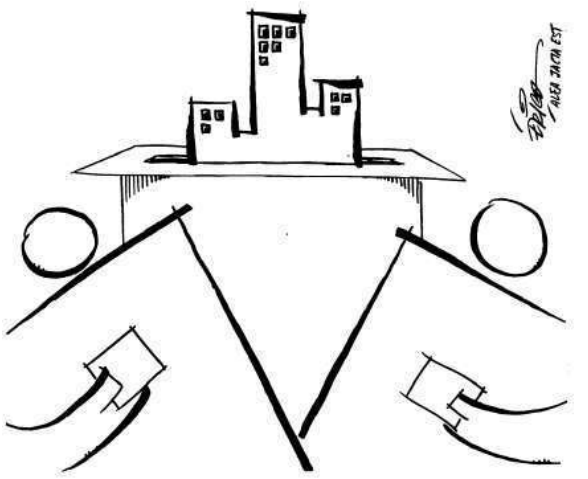
Dona Hebe foi um exemplo brasileiro. Isso pode nos dizer algo sobre certos exemplos e sobre o Brasil. Outros Dias Internacionais da Mulher virão, agora sem uma de suas representantes mais singulares.

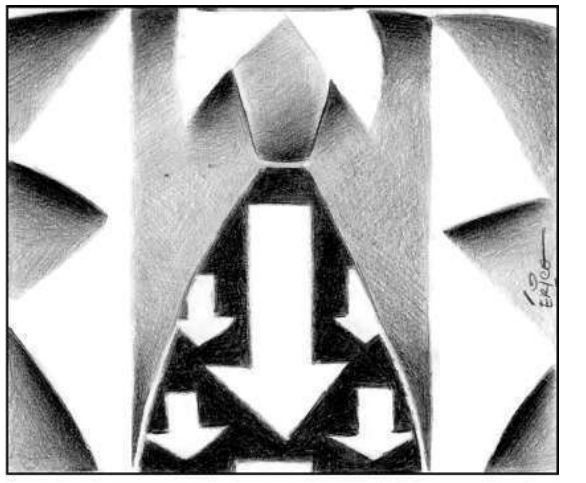
LEIA AS EDIÇÕES 25 E 26 DO JORNAL **CAPIAU** DOS 35 ANOS DE CARREIRA DE ÉRICO SAN JUAN: **@capiau.humor**

ILUSTRAÇÕES

Em 1996, deixei o suplemento infantil do então principal jornal de Piracicaba, agora ilustrando as páginas de opinião e os cadernos de fim de semana. As ilustrações editoriais tinham como temas política e sociedade na página de opinião do jornal; aos domingos, comportamento humano. (ÉSJ)

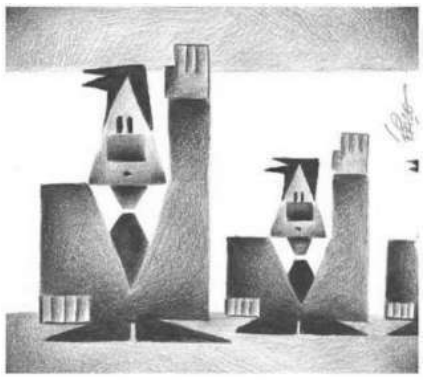
















Em maio de 1997, deixei o matutino. Terminava a primeira fase da minha carreira. As portas do jornal seguiriam abertas. Fui colaborador remunerado e relativamente intermitente até 2011, criando tirinhas diárias ou semanais, além de cobrir férias do chargista-ilustrador titular da época. O exercício de atender demandas "para ontem" num jornal diário foi decisivo para tudo o que venho criando até hoje. (ÉSJ)





































VEJA TODAS AS EDIÇÕES DO JORNAL CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

JORNAL Capiau

@capiau.humor

Nº 27 | Ano III | 14|02|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 3
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Ilustração publicada originalmente no Jornal de Piracicaba em 15 de janeiro de 2008 | **Contato**: capiauhumor@gmail.com

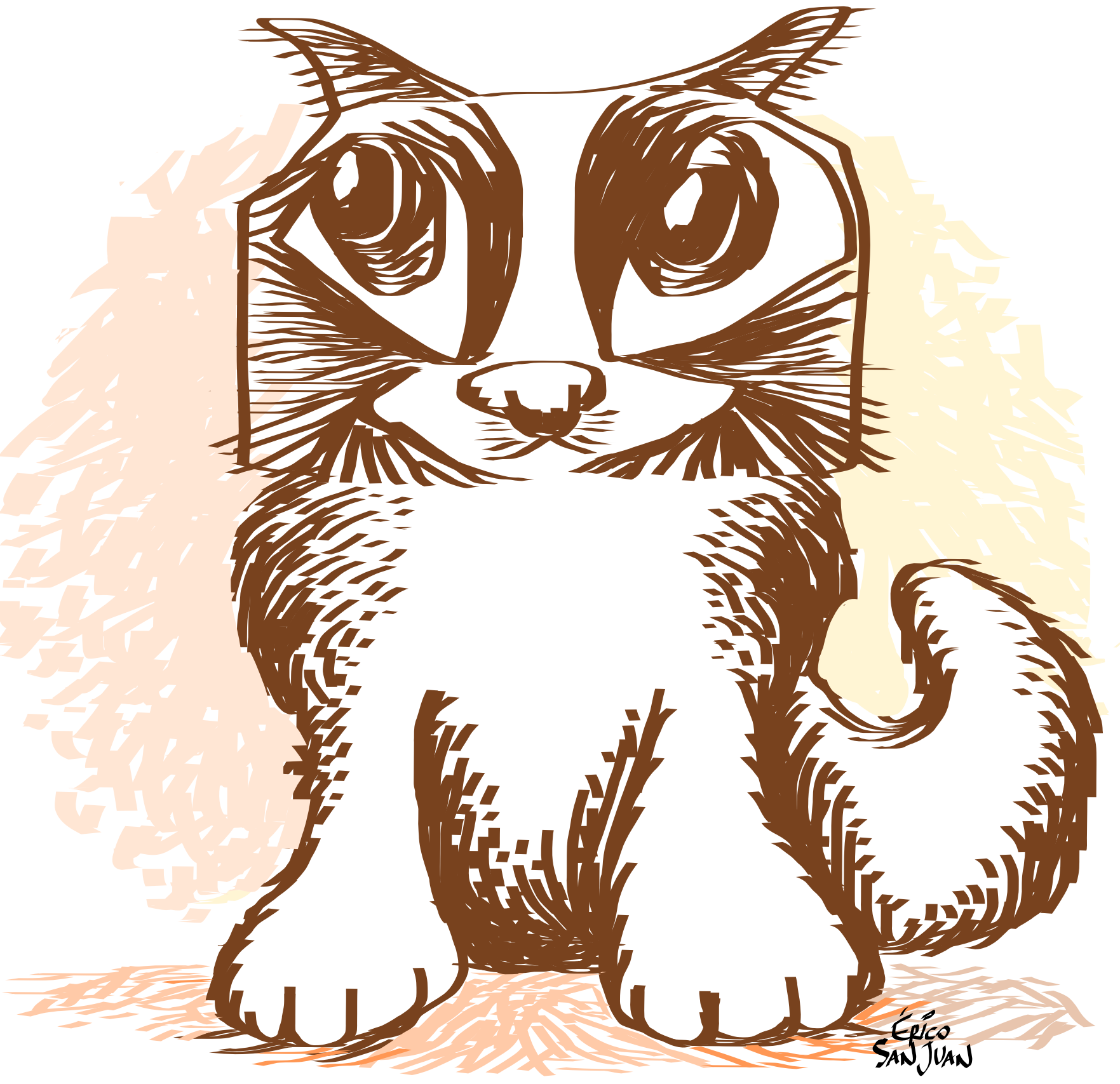
VEJA TODOS OS EPISÓDIOS DO PODCAST CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº **28** | 14|03|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Épico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 4



- Humor ferino? Prefiro humor felino!

FRASES-DEFEITO

Frases postadas originalmente
no blog autoral de Érico San Juan em 2011

elogios

Receber elogio de graça custa caro.

Receber elogio a seco
é chover no molhado.

Receber elogio de puxassaco
é uma pena.

Receber elogio de gente irônica
é um insulto.

**Receber elogio de interesseiro
é nada interessante.**

Receber elogio de gente lacônica
é um troféu.

Receber elogio pelas costas é uma
punhalada.

Receber elogio de gente tímida
é uma súplica para que
devolvamos o elogio a ela.

ditados editados

Elogio nos olhos dos outros é refresco?

Ninguém é de ferro. Mas nem por isso
se ferra o tempo todo.

Em briga de marido e mulher,
não se mete a colher. Dê uma colher
de chá a eles, que um dia a briga acaba.

Viva cada dia como se fosse o último.
De preferência as segundas-feiras.

Escreveu, não leu...
é um analfabeto funcional.

Amigos, amigos. Um negócio à parte.

Vivendo e apreendendo.

O futebol era o ópio do povo. Hoje é o ódio
do povo. Ainda mais se a seleção perde.

De boa intenção o diabo está
de saco cheio.

Quem ri por último, é porque não casou.

indiretas

Indireta: cacetada enrustida.

Indireta: maldizer sem nome aos bois.

Indireta: todo mundo fingindo
que não é com você.

Indireta: ofensa sem créditos.
E sem crédito.

Indireta: recurso de linguagem.
Típico de linguarudos.

Indireta: drible de corpo.
Sem corpo a corpo.

**Indireta: um jeito de falar
na cara. Sem mostrar a cara.**

Indireta: pra quem a recebe,
é flecha venenosa de efeito letal.
Pra quem a emite,
tem um efeito tão legal.

Indireta: não há inocentes
entre os envolvidos.

tímidos

Se você quer puxar papo com um tímido,
pra ele cada rodada de perguntas
é um interrogatório.

Tímido não tem só a cara fechada.
Ele é fechado por inteiro.

**O tímido nunca acha as palavras.
Mas também nunca as procura.**

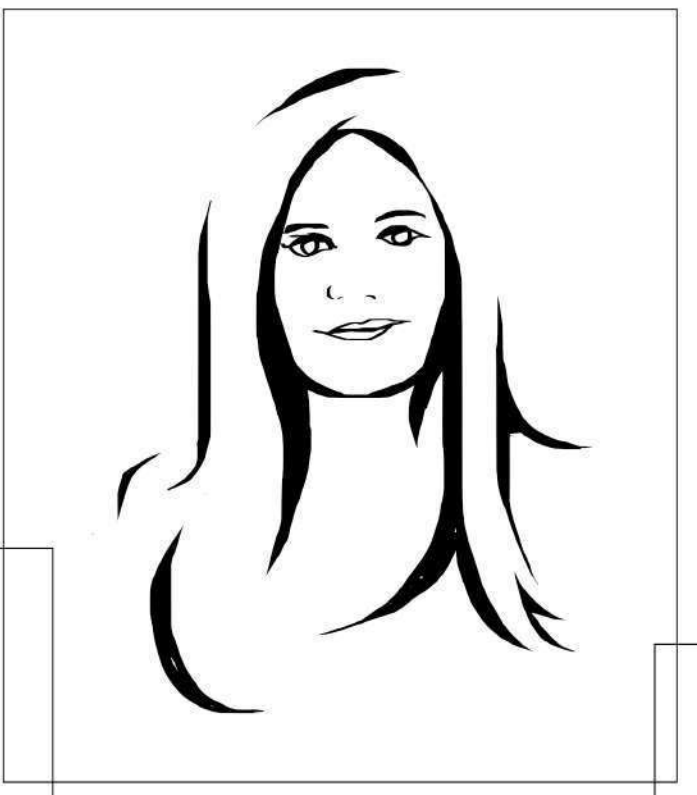
O tímido é o pior vendedor de si próprio.

O tímido sempre acha que o mundo
não é com ele.

O tímido tem olhar carente de viralata.
Mas não mexe com ele,
que ele vira um pitbull.

Por causa da timidez, eu não causo.
Por não causar, fico sempre
com as causas na mão.









MULHER
NÃO GOSTA
de caricatura
GOSTA de
RETRATO









Desenhos de Érico San Juan postados em suas redes sociais (2012 a 2017)

PERFIL

Entrevista e caricatura do humorista José Vasconcelos, feitos por este que vos digita para o jornal de humor Rio, editado por mim em 2004. Eis o verdadeiro precursor do *stand up* no Brasil. (ÉSJ)

José Vasconcelos
um pioneiro do humor



O Zé saiu de trás da cortina, só deixando o rosto de fora. Daria uma ótima foto, se houvesse uma câmera ali. Minutos depois, ele chega e me fala:

- Desculpe não estar dando a atenção que você merece.

Uma gentileza sem par. No teatro, assistindo ao show, tentava entender o porquê de certo público não dar a atenção merecida a Zé Vasconcelos.

Naquela noite, umas cem pessoas, em sua maioria com certa idade - a terceira - prestigiaram o espetáculo daquele senhor. E, olha, ele tem histórias pra contar.

Depois de ultrapassar a inevitável barreira de produtores e assessores do artista, encontro Zé Vasconcelos no palco do Teatro Municipal Dr. Losso Netto, em Piracicaba, interior de São Paulo. Interior que ele adotou, "para ter sossego", após o fracasso de um empreendimento grandioso, a Vasconcelândia.

Nesse tempo de parques aquáticos e temáticos, seria até fácil colocar em pé um projeto como esse. Em fins dos anos 60, porém, faltaram os apoios necessários para concretizar o sonho.

"Eu acreditei demais nas pessoas", diz Vasconcelos. "Levei o projeto à Embratur, pedi apoio ao ministro Andreazza, que não veio. Me associei a um investidor alemão, que disse: 'Sem estrada, sem negócio!' Para dar certo, uma estrada teria que ligar a Via Dutra à Fernão Dias. Falei também com o governador de São Paulo, que não liberou a estrada". O show continuou, é claro. Vasconcelos continuou fazendo espetáculos de humor e gravando discos.

No cinema, Zé apareceu em breves e marcantes participações. Em 1947, imitou Ary Barroso em *Este mundo é um pandeiro*, estrelado por Oscarito. Como astro principal, participou de *Os homens traem... e as mulheres subtraem*, em 1970. Segundo uma reportagem da revista O Cruzeiro, à época, "o filme é calcado nas principais figuras que José Vasconcelos criou e assim o artista se convenceu a filmar". O filme *Onde anda você*, de Sérgio Rezende, lançado em 2004, também traz o come diante em seu elenco.

Já que é pouco comum alguém decidir-se um humorista, pergunto a Zé de onde saíram as primeiras graças. Ele diz que as fez no colégio, imitando artistas e locutores, muitos deles conhecidos do público nas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, há décadas.

Ary Barroso, um dos primeiros multimídias de sua época, atuando como locutor de futebol, animador de auditório e que compôs canções como *Aquarela do Brasil*, foi um deles. Outros ídolos eram Luiz Jatobá, Oduvaldo Cozzi e César de Alencar - este, uma das inspirações de Silvio Santos.

"Aliás, num concurso de locutores da Rádio Guanabara, ganhei o primeiro lugar, disputando com o Silvio e o Chico Anysio". Isso nos anos dourados do rádio, que tinha tanta força, naqueles anos 40 e 50, quanto a televisão tem hoje.

Em seguida, Zé estreou no teatro. Fez vários espetáculos de humor musical, um gênero "que não existe mais". *Rádio, sinônimo de diversão, Professor de música, Ópera A Minuta*... O espetáculo-solo, porém, foi o seu pulo do gato. Danny Kaye, comediante norte-americano, era, para Zé, a inspiração maior.

Eu sou o espetáculo marcou a estréia de Vasconcelos como o primeiro *one-man show* brasileiro, um sujeito de inúmeros talentos: canto, dança, representação e humor afiado, na ponta da língua e dos cascos.

A Tupi, primeira emissora de TV do país, inaugurada em 1950, acolheu o humorista, no primeiro programa do gênero na telinha, *A toca do Zé*. E estrelou superproduções televisivas, já nos anos 60, como *Foguete ao sonho*. "Nesse programa, usávamos seis estúdios e uma orquestra!", diz ele. Também fez *O mundo alegre de José Vasconcelos*, programa de música e entrevistas.

Os discos, tirados ora de seus espetáculos país afora, ora com gravações exclusivas, se sucederam a partir dos anos 60. Vários deles via Odeon, atual EMI: *Eu sou o espetáculo, O espetáculo continua, As sete vidas do Doutor Mania, Não há cupido que aguente*, e, pela RCA, atual Sony, *Ria com José Vasconcelos*.

A veia musical do veterano artista é outro de deus múltiplos talentos. No espetáculo atual, Vasconcelos toca a Rapsódia Nordestina ao piano, homenagem a seus pais, que o trouxeram de Rio Branco, no estado do Acre, ao Rio de Janeiro, onde tudo começou para ele. Com Garoto - violonista morto aos 40 e tantos anos, resgatado por Chico Buarque e Vinicius de Moraes com *Gente humilde*, melodia do violonista letrada pelos dois compositores em 1970 - o humorista compôs *Sorriu pra mim* (gravada por João Gilberto) e *São Paulo quatrocentão*, que ganhou concurso promovido pela Prefeitura de São Paulo, na década de 50.

Antes que chegue a "hora mágica" de Zé Vasconcelos (hora do espetáculo, lógico), pergunto sobre a atual fase do humor na televisão brasileira, no cinema, no mundo. "O fim do *vaudeville* acabou com o humor. Desapareceram os redatores". Ele se mostra decepcionado com o uso do sexo no humor dos programas mais populares. A gente fica tão habituado com essa exibição da baixaria que parece acreditar que sem isso, não há humor. Zé Vasconcelos, em seu espetáculo, consegue atuar sem que haja piada alguma com material apelativo - no sentido exposto acima. E a graça sai.

O show atual de Zé termina com uma referência ao seu trabalho com a terceira idade, por meio de palestras destinadas a esse público muito especial. A continuação da vida sem os filhos, que casam e mudam, o estímulo à convivência familar depois dessas mudanças inevitáveis, são alguns dos assuntos abordados por ele com os idosos. Vasconcelos é um humorista que atravessa gerações, um humanista que anima os corações.

E fecha o pano. Até a próxima risada.

CARICATURAS
na internet e fora dela

O cartunista e jornalista JAL - presidente da Associação dos Cartunistas do Brasil e criador do Troféu HQMIX - organiza exposições coletivas de cartuns, charges e caricaturas com participação de artistas de todo o país, inclusive a deste que aqui digita. As mostras são temáticas, presenciais ou virtuais. Abaixo, algumas caricaturas minhas participantes das Flash Expos, nome genérico das mostras. (ESJ)





Danilo Santos de Miranda
(2023, inédita)



Glória Maria
(2023)

Gal Costa
(2022)



Rolando Boldrin
(2022)

CONTÍCULOS, etc.

1 Escolheu o melhor vinho para aquela noite. Mas levou mesmo foi um chá. De cadeira.

2 Por se julgarem um casal elegante, ela e o marido jamais admitiam aos amigos que tinham juntado os trapinhos.

3 Dizia aos amigos que "se bastava" sem a ex. Mas bastava estar só pra começar a chorar.

4 Adepta da teoria "morar separada e viver junto", restava a ela brigar com a própria sombra.

5 Reclamava que o parceiro falava pouco ou nada. Mas ficava falando isso o tempo todo na orelha dele.

6 O casal de escritores viveu feliz para sempre. Com os direitos autorais de seus contos de fadas.

7 Aos amigos, reclamava do fígado azedo da mulher. Embora ele, o marido, fosse azedo em todos os órgãos do corpo.

quero

Você tem uma vocação literária.

Trabalha por ela. Deixa que ela comande sua vida. Atravessa as inquietações naturais da existência, amplificadas pela sua sensibilidade ímpar: essa que nunca lhe deixa em paz.

Passa ao largo das benesses da vida, usufruídas por quem não carrega o mundo nas costas, feito você, o escritor de plantão. Finalmente, se vai.

O tempo passa. Sua obra é "compartilhada", destroçada, deturpada e banalizada por uma multidão de iletrados que jamais lerá um livro inteiro seu. De preferência, os fragmentos da obra que mais se assemelhem a lições de moral, conselhos ao estilo autoajuda, frasezinhas de agendinha.

E ainda há quem queira ser escritor.

autoajuda?

Quando você assume sua desimportância, é hora de se dar o devido valor.

Não fique chateado se for uma pessoa ímpar. Um dia você acha seu par.

Fuja de quem se acha o máximo. Gente assim não te dá a mínima.

Tenha uma alma leve. Fazer uma dieta também ajuda.

Ame os animais, as florestas. Mas cuida deles: a vida não é só amar.

De uns, a gente cuida. De outros, a gente tem mais é que se cuidar.

Viva a vida. Assim você não enche o saco citando a Clarice Lispector.

1 A maçã tava suculenta, de dar água na boca... O garoto mordeu um teco e jogou o resto no lixo.
O gato foi à lata e recolheu o resto da maçã. Um elefante cor-de-rosa pegou o gato e saiu voando.
O gato pediu para descer, que era muita mentira num dia só, caramba.

2 Vinte minutos depois do expediente acabar, e ainda muita fila, muito barulho, muita reclamação. Nisso, chegou um e falou:
- Não temam, o cão-fila veio para resolver o problema!
O doberman na fila latiu:
- Tu qué é furá fila, animal!

3 A obra de arte na parede estava linda. Então, um cara pegou o quadro, jogou no chão, pisoteou e urrou:
- **A vida** é uma obra de arte, seus mané!
A galera em volta não entendeu nada... mas aplaudiu.

Textos postados originalmente no blog autoral de Érico San Juan em 2011

COLEÇÃO **COMPLETA** DO **ÚNICO** JORNAL DE **HUMOR** DE PIRACICABA? **@capiau.humor**

EDITORIAL pessoal

Antes de ser o editor do CAPIAU, jornal impresso em tempos esmagadoramente digitais, sou um desenhista. Um artista que começou sua vida lendo quadrinhos em revistas contendo adivinha o quê? Depois, vi que quadrinhos existiam também em jornais. Mas diferentes: eram tirinhas, histórias que se resumiam a no máximo três quadros. Nesse caso, chama-los de "quadrinhos" era correto, por suas dimensões reduzidas. Mas reduzir os interesses do fã de cultura pop a isso? Era demais... ou de menos. Com os anos passando, conheci cartuns, charges e caricaturas. Mais anos se foram, e pude praticar tudo isso como "cartunista". E fique sabendo de mais uma coisa: cartunista é o genérico do desenhista de humor. Mas pra falar a verdade verdadeira... cartunista é desenhista somente de cartuns. Pena que neste Brasilzão de Deus não dá pra liquidar os boletos fazendo uma coisa só. Este que aqui escreve, por exemplo. Além de criar todo o conteúdo dessas páginas, sou o editor delas. Que coisa, não?

Érico San Juan
editor do jornal CAPIAU

DiTO, o bendito

O personagem mais conhecido de Érico San Juan surgiu em 1993 no Jornal de Piracicaba. As tiras abaixo são de 1997



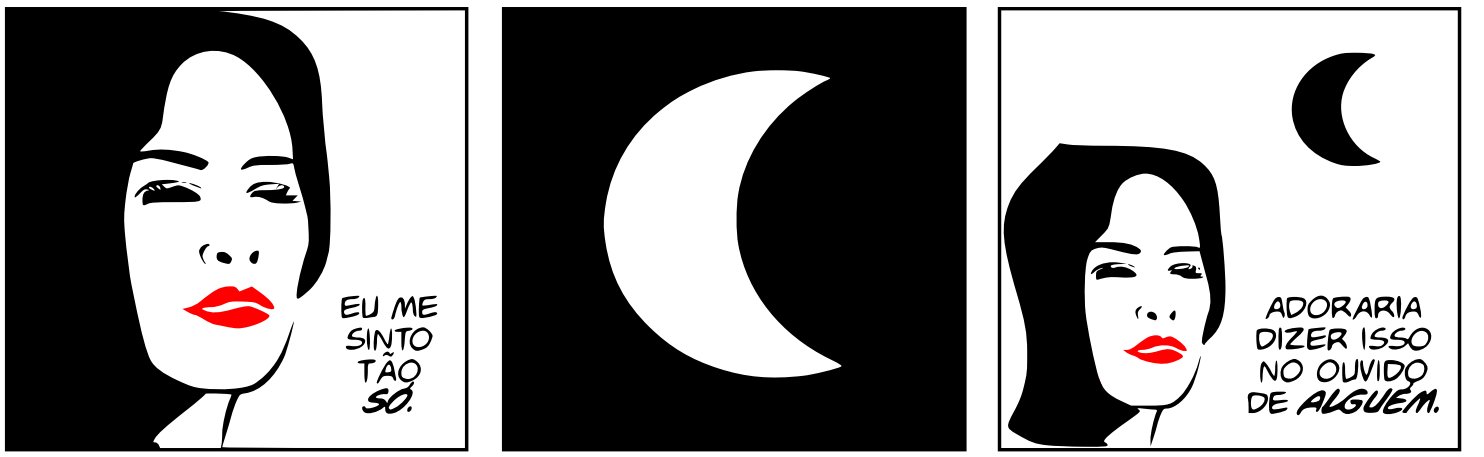
LÍNGUA SOLTA

TIRINHAS DE



01/12/2009

01 de dezembro de 2009



12/12/2009

12 de dezembro de 2009



11/04/2010

11 de abril de 2010



02/05/2010

02 de maio de 2010

TIRAS PUBLICADAS ORIGINALMENTE NO JORNAL DE PIRACICABA

VEJA TODAS AS EDIÇÕES DO JORNAL CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 28 | Ano III | 14|03|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 4
Edição, design gráfico e conteúdo integral: **Érico San Juan**
Imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Ilustração inédita (2013) transformada em cartum (2026)
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

VEJA TODOS OS EPISÓDIOS DO PODCAST CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 29 | 11|04|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Érico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 5



VARIAÇÕES DESVAIRADAS



23 de abril de 2000



05 de agosto de 2000



05 de maio de 2000





06 de agosto de 2000



TIRAS PUBLICADAS ORIGINALMENTE NO JORNAL DE PIRACICABA

PERFIL



Meu texto desta página saiu inicialmente no Jornal de Piracicaba em 2009. A visita que fiz ao músico se deu em pleno sábado de Carnaval daquele ano. A caricatura à esquerda guardei por 16 anos. Valeu a espera. (ÉSJ)

Johnny Alf
música e coração

Alfredo José da Silva, mais conhecido por Johnny Alf, é um dos precursores da bossa nova, estilo forjado por Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra e Roberto Menescal. Após mais de cinquenta anos de carreira, restou ao humilde Alf - cantor, compositor e pianista - a crença obstinada em seu trabalho musical, até os dias do novo século. Crença que o mantém vivo e atuante aos quase oitenta anos de idade, a serem completados em maio próximo.

Por acreditar no ser humano por trás de Ilusão à toa, O que é amar, Eu e a brisa, Luz eterna e Redenção, canções imortalizadas nos corações dos admiradores da música brasileira, tomei o trem para Santo André, onde Alf reside, para conhecê-lo pessoalmente. Uma atitude que me faria esquecer da frustração carregada por mais de dez anos, quando perdi uma rara chance de vê-lo, ele e sua banda, num show no Sesc Piracicaba.

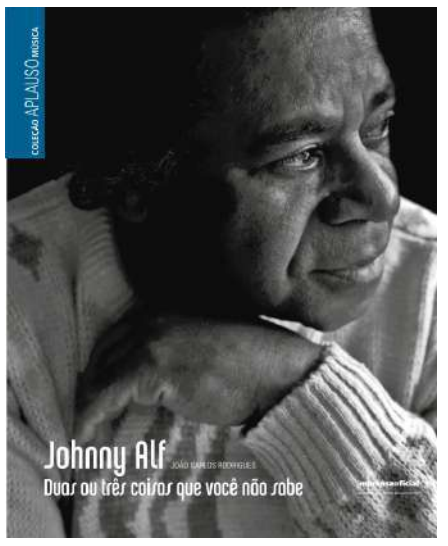
Em plena recuperação de uma doença grave, o músico e compositor me recebe com poucas e boas palavras. Observando o desconhecido de sua poltrona, como um pacífico mestre que sabe exatamente a proporção de sua grandeza, a saraivada de perguntas sobre carreira, composições e detalhes de produção dos discos não incomoda Johnny Alf. Mas as respostas oferecidas por ele são monossilábicas, minimalistas. Alf é daqueles artistas que dizem mais em sua arte do que num bate-papo. Mas dizem tudo.

Em vinte minutos de conversa, porém, as palavras do músico começam a se expandir. Os visitantes também. Entra no quarto o cantor Djalma Dias, famoso nos anos 70 pela canção Capitão de Indústria, dos bossanovistas Marcos e Paulo Sergio Valle, incluída na trilha sonora da novela global Selva de Pedra. Djalma começa a falar do controverso Agnaldo Timóteo, cantor e atual vereador pela cidade de São Paulo, e do disco que este fez com as canções de Roberto Carlos. Johnny Alf, mais prestigiado e respeitado na música brasileira que Timóteo, elogia o intérprete do sucesso Meu grito.

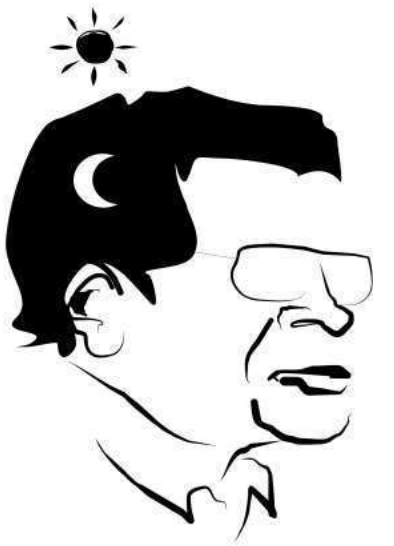
Mais à vontade com a entrada do colega de ofício, a alegria de Johnny Alf aumenta com a chegada de mais visitantes: o pianista Luiz Loy e sua esposa Mara. Como Johnny, Loy é a própria história da música brasileira, especialmente a partir dos anos 60. O recém-chegado desmistifica o lendário gênio difícil de uma certa companheira de trabalho, ninguém menos que a mãe de Maria Rita: Elis Regina. Descreve a cantora como dona de um espírito solidário, capaz de presentear colegas com generosidade. A mesma Elis que faria Luiz Loy ficar um ano inteiro sem conseguir tocar uma nota, devido ao impacto de sua morte repentina há vinte e sete anos.

A conversa avança por outros assuntos, entre os quais a reestréia de Alf nos palcos paulistanos em janeiro. Dividindo o palco com as cantoras Alaíde Costa e Leny Andrade, o músico saiu do palco ovacionado pela platéia. O retorno se deu depois do seu difícil período de enfermidade no ano passado, que impediu a participação de Johnny nas comemorações do cinquentenário da bossa nova.

No espetáculo de janeiro, o artista soltou a voz e o tempo cantou, conforme o dito de Chico Buarque em canção do disco Paratodos. No hotel-residência em Santo André, Alfredo José da Silva agradeceu a visita, ganhando beijos e abraços de seus pares. Na volta a Piracicaba, continuei acreditando no ser humano por trás da música. Felizmente.



Capa da biografia de Johnny Alf escrita por João Carlos Rodrigues, lançada em 2010 (acima à esquerda)



A página 121 da biografia traz desenho do músico criado por Érico San Juan para a obra (acima à direita)

CARICATURA também é cultura

Esta é uma série de vídeos de Érico San Juan produzida originalmente para o programa de entrevistas de Fernando Vítolo, em 2023. Veja a playlist dos episódios no YouTube!



Há muitos e muitos anos o artista plástico e futuro carnavalesco da Beija Flor chegou ao Rio de Janeiro. Venceu na vida, venceu no Carnaval e nunca mais saiu da passarela. E nunca mais saiu também da memória dos brasileiros. **Joãozinho Trinta** também cunhou uma frase memorável que diz muito sobre o Brasil e sobre os brasileiros: "Pobre gosta de luxo, quem gosta de pobreza é intelectual!"



O homem que inventou o personagens em histórias virou ele mesmo um personagem da nossa história. **Monteiro Lobato** criou o Sítio do Picapau Amarelo, criou o caipira como Jeca Tatu e também inventou a indústria do livro no Brasil. E agora que a obra do Lobato está em domínio público é hora de fazer justiça ao homem que fez história.



Quem é vivo sempre aparece! E a dona **Maria Branyas** é uma pessoa muito viva, tanto que ultrapassou 100 anos de idade. Ela nasceu nos Estados Unidos em 1907: façam as contas! E a Dona Maria contou os segredos da sua longa vida: "Ordem, tranquilidade, além dos genes e da boa sorte, claro!"



O que **Ruy Castro** tem em comum com o outro Rui, o Rui Barbosa, é a paixão pela palavra. Desde criancinha, quando foi um radialista precoce, Ruy Castro já escrevia que nem gente grande. Ele fez as biografias do jogador Garrincha, do escritor Nelson Rodrigues, dos ídolos da Bossa Nova e do samba-canção. Depois de décadas escrevendo sobre imortais, o jornalista acaba de se tornar ele mesmo um Imortal, membro da Academia Brasileira de Letras!

35 ANOS DE HUMOR GRÁFICO



GRATIDÃO | Na entrega da Moção de Aplausos pelo vereador Pedro Kawai, fiz um agradecimento a algumas pessoas pelo incentivo, oportunidades e reconhecimento em minhas três décadas e meia de carreira: o próprio Pedro, meus pais e irmãos, Viviani Rambaldo, Edson Rontani Junior, Vera Magalhães, Fernando Vitolo, Danilo Telles, Evaldo Vicente, Junior Kadeshi, Carlos Beltrame, Maurici Scarpari, Victor Corte Real e Alessandra Soares (ESJ)

Moção de Aplausos

No último 30 de março, o cartunista Érico San Juan, editor do jornal CAPIAU na **Tribuna Piracicabana**, recebeu Moção de Aplausos na Câmara Municipal de Piracicaba. O autor da homenagem, o vereador Pedro Kawai (PSDB) assim se referiu ao artista e sua obra: "Tenho orgulho em reconhecer publicamente uma carreira construída com dedicação e amor pela arte, com o impacto do trabalho de Érico na formação e inspiração de jovens que desejam seguir na área". A honraria é concedida no ano dos 30 anos da primeira exposição do artista (convite abaixo), realizada no antigo hall de entrada da Câmara. A mostra trazia as primeiras tirinhas de Dito, o bendito, símbolo do autor. **(Foto à direita: Guilherme Leite)**









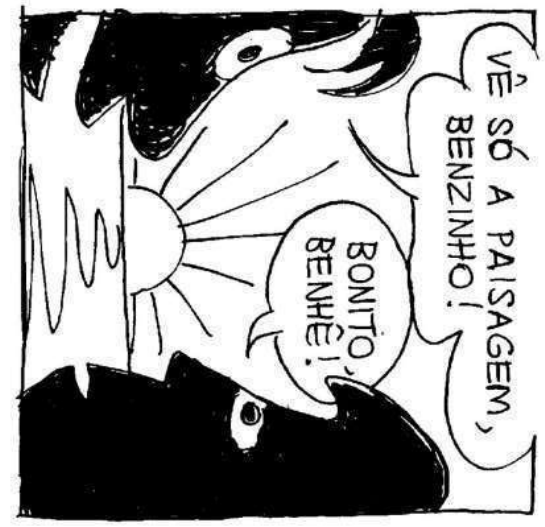


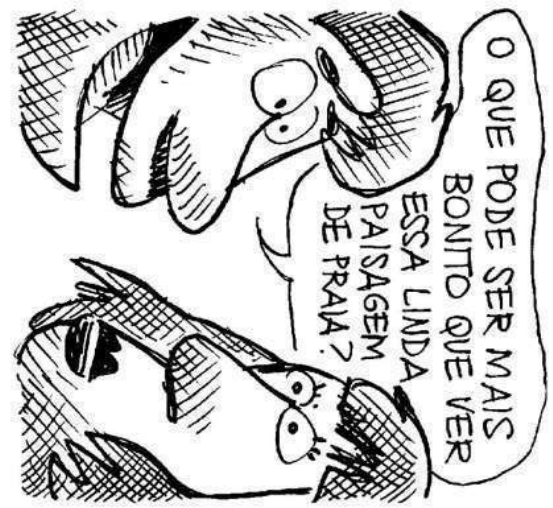
Rádio e podcasts

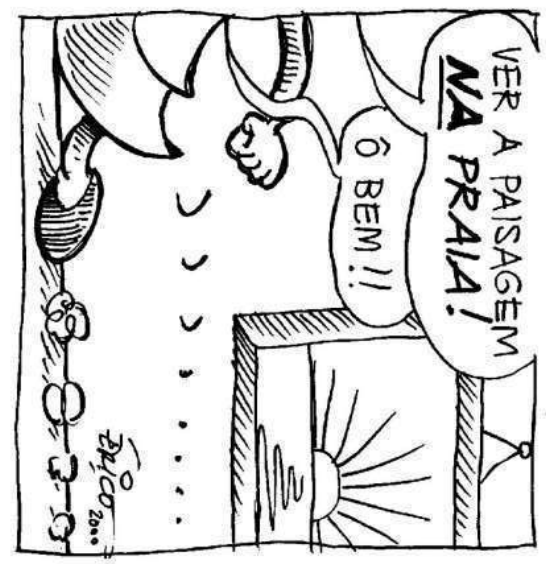
O editor do jornal CAPIAU e autor da clássica tirinha Dito, o bendito concedeu uma série de entrevistas em Piracicaba por seus 35 anos de carreira. Na primeira foto à esquerda, o desenhista está com Ary Jonnes no podcast do jornal Via Piracicaba, em 20 de janeiro. Na imagem 2, o artista junto a Fernando Favoretto e Leandro Bollis, apresentadores do Notícias 105 na Educativa FM Piracicaba, no dia 12/1. Na terceira foto, o cartunista aparece com Fabiano Pereira no programa Conexão TV USP, em 21 de janeiro. Na imagem final, o caricaturista posa ao lado dos Comentaristas da Educadora, programa comandado por Jairinho Mattos na Educadora FM, no dia 13/1.

VARIAÇÕES DESVAIRADAS

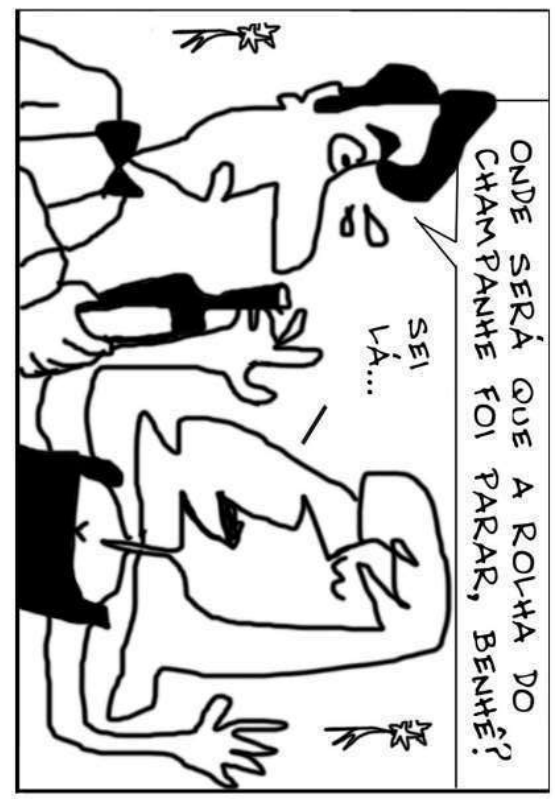
TIRAS PUBLICADAS ORIGINALMENTE NO JORNAL DE PIRACICABA







07 de agosto de 2000

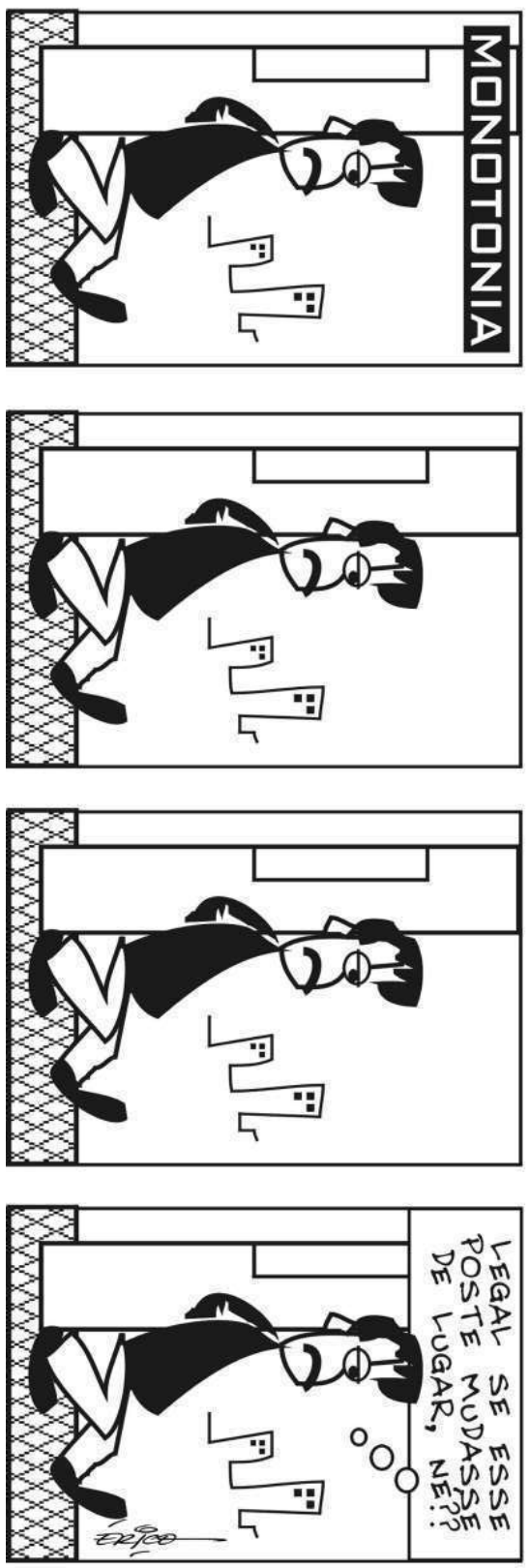




04 de janeiro de 2000



10 de janeiro de 2000



12 de março de 2000

CARICATURAS de podcast

Após o lançamento do livro **45 do primeiro tempo**, em 2019, seu autor Patrick Santos lançou o podcast homônimo nas plataformas da rádio Jovem Pan. As capas do programa tiveram minhas caricaturas dos convidados até o episódio 76, em 2020. Nesse ano, os trabalhos também foram exibidos no Conversa na Pan, programa que continha as entrevistas do podcast de Patrick. (ÉSJ)



ALGUNS CARICATURADOS E ENTREVISTADOS DO PODCAST 45 DO PRIMEIRO TEMPO (2019 e 2020):
Carpinejar, Amyr Klink, Monja Coen, Domenico De Masi, Ignácio de Loyola Brandão, Tony Bellotto, Murilo Gun, Marçal Aquino, Lya Luft, João Carlos Martins, Sabrina Parlatore, Marcos Piangers

desenhaRESENHA

Fernando Vítolo | Érico San Juan



As tirinhas que encerram a 29ª edição do CAPIAU são de Fernando Vítolo e Érico San Juan, editor deste jornal. Desenha Resenha surgiu no insta dos autores. O roteirista Vítolo entrevistou na ficção figuras da arte e da cultura com quem não conversou na vida real, por motivos de força maior. Ou por desencontros da vida.

o chato e o bom humor





O comunicador, professor, roteirista e apresentador Fernando Vítolo está lançando NÃO SEJA CHATO, edição United Press. É seu primeiro livro de humor, descrito por ele como um "manual antichatice". O livro traz tirinhas criadas para a obra, em parceria com Érico San Juan.

O autor Fernando Vítolo não é escritor de primeira viagem. Com Herodoto Barbeiro e Nilo Frateschi, lançou a "trilogia do rádio" por diferentes editoras. Com Flavio de Souza, lançou "Alô, alô! Planeta Terra chamando", sobre os programas infantis clássicos da TV Cultura.

o chato e o bom humor



As tirinhas inéditas que integram o livro NAO SEJA CHATO são criações de Fernando Vítolo - o autor do livro - e Érico San Juan. Além dos quadrinhos exclusivos dos personagens Chato e Bom Humor, os capítulos trazem Dito, o bendito - criação de San Juan - e a citada Desenha Resenha. Quatro tiras do livro podem ser lidas nesta página.

desenhaRESENHA

Fernando Vítolo | Érico San Juan



VEJA TODAS AS EDIÇÕES DO JORNAL CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 29 | Ano III | 11|04|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 5
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Desenhos da série "Caricaturas de ninguém... que você conheça"
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

VEJA TODOS OS EPISÓDIOS DO PODCAST CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 30 | 09|05|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Épico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 6



- Quem tem luz própria paga a conta de energia?

EDITORIAL pessoal

A tradição do humor gráfico de Piracicaba - de Edson Rontani ao Salão Internacional de Humor, passando pela geração impressa dos anos 1990 e os novos artistas da geração da internet - continua documentando sua memória e história.

Além da publicação a partir de 2023 da página e do jornal de humor CAPIAU, a página Recanto estreou na **Tribuna Piracicabana** em 15 de abril de 2026 (imagem à direita).

O "espaço de prosa" editado e escrito na **Tribuna** por este que aqui digita tem como proposta o resgate de autores da Capital do Humor Mundial, em resenhas de seus trabalhos pontuais ou clássicos. Os desenhistas nacionais e estrangeiros também terão seus trabalhos abordados em artigos e entrevistas da página mensal.

O tempo é o grande amigo da solidificação, do amadurecimento dos artistas gráficos, pela própria natureza do ofício. Mas o tempo atua também como apagador do dia a dia desses desenhistas, se não tiverem uma fortuna crítica a respeito do que fazem.

Os livros Os quinze de Piracicaba e Piracartum foram exemplos de reunião de cartunistas da cidade, ao mesmo tempo amostras gráficas e analíticas desses agentes do humor, cada qual a seu momento.

O jornal CAPIAU e a página Recanto, publicados mensalmente na **Tribuna Piracicabana**, seguem desempenhando esse papel de registro e resgate em tempos esmagadoramente digitais. Em papel jornal, é claro.

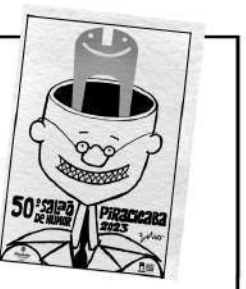
Érico San Juan
editor do jornal CAPIAU
e da página Recanto na
Tribuna Piracicabana



PÁGINA **recanto**

O espaço de prosa do humor em Piracicaba

Número 1 | Abril de 2026 | Edição e textos: Érico San Juan | @ericosanjuan



Gatos, ratos e quadrinhos

Os anos 1990 do século passado trouxeram uma movimentação incomum no mercado brasileiro de quadrinhos. E tal agitação se refletiu em Piracicaba, a terra do Salão Internacional de Humor.

Cartunistas da cidade como Edu Grosso cultivavam a linguagem do cartum. No entanto, despontaram à época artistas do traço influenciados pelas narrativas sequenciais ilustradas. Um deles, Willian Hussar.

O piracicabano veio ao mundo das HQs num momento em que a internet nem sonhava em dar as caras. Tampouco os seres do planeta imaginavam a bigbrotherização geral e irrestrita. Os quadrinhos apareciam nas revistas de banca, em jornais, em livros. Ainda eram coisa de criança. E não eram coisa de Salão.

A atuação de Hussar nos quadrinhos desafiou esses limites. Suas histórias em 3D concreto e palpável conquistaram premiações sem fim no Salão de Humor de Piracicaba. No fanzine Herege, o artista experimentou um sistema cooperativo com artistas de sua geração, elevando o padrão gráfico das publicações independentes, com capas multicoloridas em serigrafia. Revistas como a Heavy Metal brasileira o convocaram para suas páginas. E o artista conhecido pelo 3D da vida real finalmente estreou no traço 2D com uma série de tirinhas.

Ratos de Salão foi publicada na página semanal de humor e quadrinhos do Jornal de Piracicaba a partir de 2003. A complexidade das histórias esculpidas do autor que venceram Salões deram lugar à simplicidade dos desenhos e dos personagens das tradicionais tirinhas. Um gato e multidões de ratos reproduziam os velhos embates entre seres que jamais se bicaram. Com uma peculiaridade: o gato encarnava a figura do crítico de arte: os ratos, os artistas. Com direito a debates sobre o papel de cada um destes, entre frases de efeito, alfinetadas mútuas, reflexões pertinentes mas sempre irreverentes.

A produção de Hussar no jornal ganhou uma seleção no livro homônimo à tirinha, publicado pela Com-Arte em 2010. A edição traz os quadrinhos devidamente rediagramados e de letreiramento refeito, com direito a fonte criada a partir da caligrafia do desenhista. A capa cartonada e o papel cuchê do miolo valorizam o visual minimalista e a paleta de cores propositalmente limitada das sequências de piadas gráficas.

O pioneiro da HQ de Piracicaba que abriu as fronteiras da cidade com seu trabalho agora aguarda uma coletânea de seus trabalhos premiados em salões e bienais. O primeiro passo está dado, com o livro Ratos de Salão. Para marcar a arte sequencial deste país.

Humor eternizado

Cinco décadas se passaram desde o primeiro Salão Internacional de Humor de Piracicaba. De 1974 a 2024, milhares de cartuns, charges, caricaturas, quadrinhos e esculturas tiveram espaço nas mostras anuais competitivas do evento.

Inúmeras matérias em jornais, revistas, TV e internet retrataram o Salão de Humor desde seus primórdios. Há farta documentação e trabalhos originais das mostras de cada ano, principalmente os trabalhos premiados. No entanto, para o respeitável público visitante, o Salão fica apenas na lembrança. Mais recentemente, as redes sociais se encarregam de preservar momentos e desenhos da mostra por meio de posts e stories, vídeos curtos ou nem tanto.

O registro perene do conteúdo dos Salões - trabalhos selecionados e premiados - se fez de forma eficiente por meio de catálogos anuais impressos. Era de se esperar um livro mais robusto com o registro da edição 50 do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. E o livro veio. E sua versão em PDF acaba de chegar nas redes.

Com capa trazendo a arte do cartaz de Zélio - irmão de Ziraldo e fundador da grande mostra do humor mundial - o livro tem o requinte digno de um catálogo comemorativo, tanto em forma quanto em conteúdo: mais de 200 páginas em miolo com papel couchê, capa dura, inteiramente colorido.

A obra percorre as cinco décadas do Salão de Humor com textos sucintos e fartamente ilustrados com fotos dos fundadores e artistas gráficos dos primeiros anos do evento: Ziraldo, Jaguar, Fausto Longo, Luís Fernando Verissimo, Paulo Caruso, tantos mais. Os diretores que integraram o evento - inclusive Junior Kadeshi, o atual - também dão seus testemunhos por escrito, sempre fazendo crer que a grandiosidade do Salão se deve principalmente aos cartunistas participantes.

Os cartazes das 50 edições constam do livro, bem como o conteúdo de uma das principais exposições dos 50 anos: 50 Anos 50 Mãos, com cinco dezenas de versões muito pessoais do logotipo do Salão criado por Zélio. Artistas de Piracicaba, do Brasil e do mundo tiveram o privilégio de recriar o logo, numa reverência irreverente ao mestre.

Para completar essa obra de importância inquestionável, as obras de 2023 - selecionadas e premiadas - são reproduzidas em cores. O registro impresso assegura a perenidade de trabalhos que, a partir da publicação do livro, deixam de pertencer apenas à memória afetiva do público visitante do Salão. Passam a integrar o acervo gráfico do humor mundial. Livro publicado e postado, humor eternizado!



Tirinhas animais

Piracicaba é muito bem-servida em símbolos que a traduzem com absoluta fidelidade. Falar de peixe, de rio, de pamonha é falar da cidade. Se o XV de Piracicaba tem o Nhô Quim imortalizado por Edson Rontani, a capivara tem sua versão cartunizada, criada pelo chargista Erasmo Spadotto.

O nativo de Santa Maria da Serra adotou Piracicaba e foi adotado pela Noiva da Colina, por meio da honraria de Cidadão Piracicabano concedida pela Câmara Municipal. Para além da sua arte nos veículos impressos diários, o cartunista atuou na direção do Salão Internacional de Humor. Também percorreu as escolas municipais como orientador no projeto Humor na Sala de Aula, por meio do Salão ou por iniciativa própria.

Vinte e cinco anos de carreira como chargista e ilustrador do Jornal de Piracicaba lapidaram a verve sarcástica do trabalhador braçal do matutino. Rontani abriu a porteira do humor gráfico impresso na ter-rinha a partir da segunda metade do século 20. Nos anos 1990, Spadotto ultrapassou a porteira e se alojou instantaneamente no jornal da família Losso.

O autor intuitivo e o desenhista autodidata tomaram para si os espaços possíveis e imagináveis nas edições diárias do JP. Mesmo assim, o então editor Mário Evangelista o fez ocupar mais um território: a tirinha diária.

Os quadrinhos da capivara nasceram motivados por um fato real: casos seguidos de febre maculosa em Piracicaba, transmitida pelo carrapato-estrela. E não é que o inseto cabuloso tinha como hospedeiro justamente o roedor? A febre se foi, a tira sobreviveu ao tempo.

Esse material só poderia ter o melhor dos destinos: um livro, editado pelo centenário matutino em formato horizontal e em cores. O lançamento da obra se deu no Museu Prudente de Moraes e numa exposição no Salão de Humor de Piracicaba em 2013.

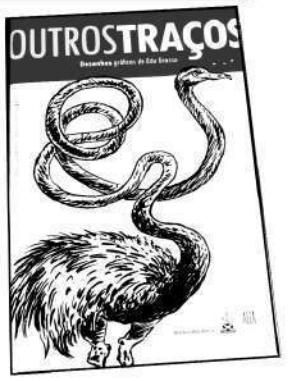
O livro de Spadotto traz momentos do personagem que se confundem com a história da cidade e do país. O DNA do chargista é evidente nas tirinhas. Os animais protagonizam monólogos ou diálogos a respeito do que se passa ao olhar deles. Olhos baços, olhares ranzinzas. Porém atentos.

A fluidez do traço do cartunista é ainda maior que no carro-chefe de sua produção: a charge diária. Estilo tão à vontade quanto um rabisco descompromissado de caderno escolar. As protagonistas dos quadrinhos não possuem identidade definida como personagens, atuando como porta-vozes da inquietação popular pontual. As situações ditam o tom das tiras, e não a personalidade dos bichos.

Seja em livro ou jornal, em salões de humor ou escolas, o chargista autoconstruído à base de sarcasmo caminha para tornar-se, ele próprio, um símbolo da cidade que o acolheu. Junto às capivaras, o rio, a pamonha e o XV de Piracicaba.

HUMOR NA TRIBUNA? Jornal CAPIAU (1x mês) + Página RECANTO (1x mês)

Traços em revista



Em arte não existe pódio. Artistas são competitivos por desejarem influenciar os colegas ou conquistar espaços no mercado. Porém, a longevidade de uma trajetória, a qualidade de um trabalho fala por si. E essa fala pode ecoar aos que quiserem ser aquela voz quando crescerem. É o caso de Edu Grosso.

A tentação de conferir a Eduardo Ferreira Grosso a honraria de melhor ou maior cartunista de Piracicaba em atividade é irresistível. Um motivo de força maior impede essa tentativa de qualificação: a modéstia do artista com décadas e mais décadas de carreira. Artista plástico, designer gráfico, ex-diretor do Salão Internacional de Humor de Piracicaba... o robusto currículo dispensa o justo pódio.

No momento em que Edu Grosso trouxe ao Salão de Humor uma nova exposição - Um rinoceronte e outras coisas, no armazém 8 do Engenho Central - registrei nas redes sociais um importante trabalho, essencial em sua vida. Ou melhor: uma seleção de trabalhos de uma vida.

A revista Outros Traços foi uma edição da Associação dos Amigos do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e a editora Nova Consciência. Trouxe o aval de, entre outros, o colega de traço Fausto Longo e o crítico de arte Cassio Padovani.

A publicação reúne quadrinhos, caricaturas, charges e cartuns de Grosso, numa edição diagramada pelo próprio autor. O formato de revista pode soar estranho a quem esperaria o óbvio: um livro. Mas a Mas até nisso Outros Traços se mostra atraente ao leitor. A linguagem do humor comporta a quebra de expectativas. Por que uma edição não poderia fazer isso em seu próprio formato físico? Nas páginas da obra, saltam aos olhos os desenhos ricos em detalhes e atmosferas, as cores e os traços, as pinceladas e as hachuras.

Na leitura, nota-se um artista preocupado com sua cidade e seu rio, com os efeitos da imprudência humana sobre o ambiente, com a vida opulenta de alguns às custas da vida miserável de quase todos. Caricaturas elegantes de figuras eminentes da arte e cultura contemporâneas são o contraponto à melancolia das reflexões gráficas da publicação.

Numa época em que os marqueteiros histriônicos chamam a atenção para si mesmos no ambiente insalubre das redes sociais, Edu Grosso é um artista militante do conteúdo: o verdadeiro conteúdo, outrora sinônimo de densidade, de qualidade.

Quem quiser que o siga. E que bom que muitos ainda queiram.

FÁBULAS CHEIAS DE MORAL

A lesma e a minhoca



Era uma vez uma minhoca cansada de ser sacaneada por uma lesma devagar-quase-parando, mas uma lesma toda sonsa, toda dissimulada.

A minhoca resolveu dar o troco na lesma. Sabia que jogando sal na lesma, ela se dissolveria na hora. Resolveu chamá-la.

A minhoca disse à lesma o quanto ela era uma boa alma, um ser do bem, e coisa e tal.

Comovida com tanto carinho, a lesma se derreteu toda. Literalmente. E a minhoca ficou feliz por economizar um punhado de sal, que andava bem caro.

NA MORAL?

Se a gente não aprende a se defender, vai ficar tudo sempre na lesma lerda.

O lobo bom



Era uma vez um lobo com muito amor no coração. E também era uma vez três porqueiras sem eira nem beira.

O lobo construiu um muro em sua casa. Lá de cima da sua obra, contemplava o horizonte.

Os vizinhos porqueiras do lobo estufaram os pulmões. E derrubaram o muro e o lobo com um sopro daqueles.

E era uma vez um lobo bom.

NA MORAL?

Ficar em cima do muro pode não ser uma boa ideia.

O cigarro e a formiga



Era uma vez uma formiga que voltava do trampo, quando viu um cigarro rindo da cara dela.

O cigarro ria muito, falando que a formiga jamais iria subir na vida, que nunca daria a volta por cima, entre outros trocadilhos baixíssimos.

Nisso, apareceu uma gigantesca mão, que catou o cigarro e o fumou até este virar uma bituca.

Passado o perigo, a formiga se aproximou. E viu com pena o cigarro no chão, agora reduzido quase ao tamaninho dela.

NA MORAL?

Pra quem crescer na base, um dia a cobra vai fumar.

A hiena e o sábio

Era uma vez uma hiena que andava triste, toda jururu. O hipopótamo estranhou e a chamou pra um dedo de prosa.

A hiena desabafou ao hipopótamo o motivo de sua falta de risos. Andava preocupada com o futuro da desumanidade... ou melhor, da humanidade.

O hipopótamo disse pra hiena deixar de carregar o mundo nas costas, de colocar tanto peso nas coisas, e coisa e tal.

A hiena estranhou aquele ser de tantas toneladas falando que a pesada era ela. E gargalhou como nunca. Desde então, voltou a rir de tudo e de todos.

NA MORAL?

Conselhos de pesos-pesados podem fazer a gente pegar leve com a vida.

O louro e o jabuti

Era uma vez um papagaio no poleiro perto da janela, que um dia viu o jabuti no quintal.

O jabuti no quintal ia andando devagar-devagarinho, um passo por vez, para chegar ao tomateiro.

O papagaio berrou da janela para o jabuti, perguntando quando ele pretendia chegar ao tomateiro, naqueeeela velocidade.

O jabuti encarou o papagaio. E falou que, quando chegasse ao tomateiro, iria jogar uns tomates na cara de quem tinha se metido a besta com ele, jabuti.

NA MORAL?

Quem fala feito um papagaio. acaba pisando no tomate.

TEXTOS E DESENHOS DE ÉRICO SAN JUAN (páginas 3 e 6) PUBLICADOS NO LIVRO "FÁBULAS CHEIAS DE MORAL (ed. do autor, 2020)

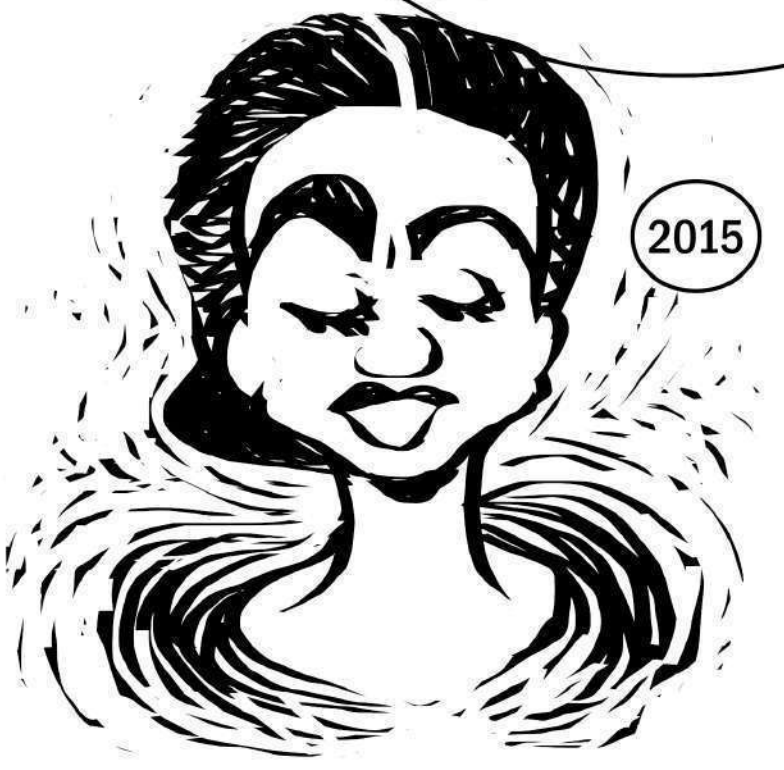
CARICATURAS VIRTUAIS







Caricaturas de CACILDA BECKER, CAETANO VELOSO, JEAN-PAUL SARTRE, PAUL McCARTNEY, FRIDA KHALO e CHACRINHA postadas nas redes sociais do autor

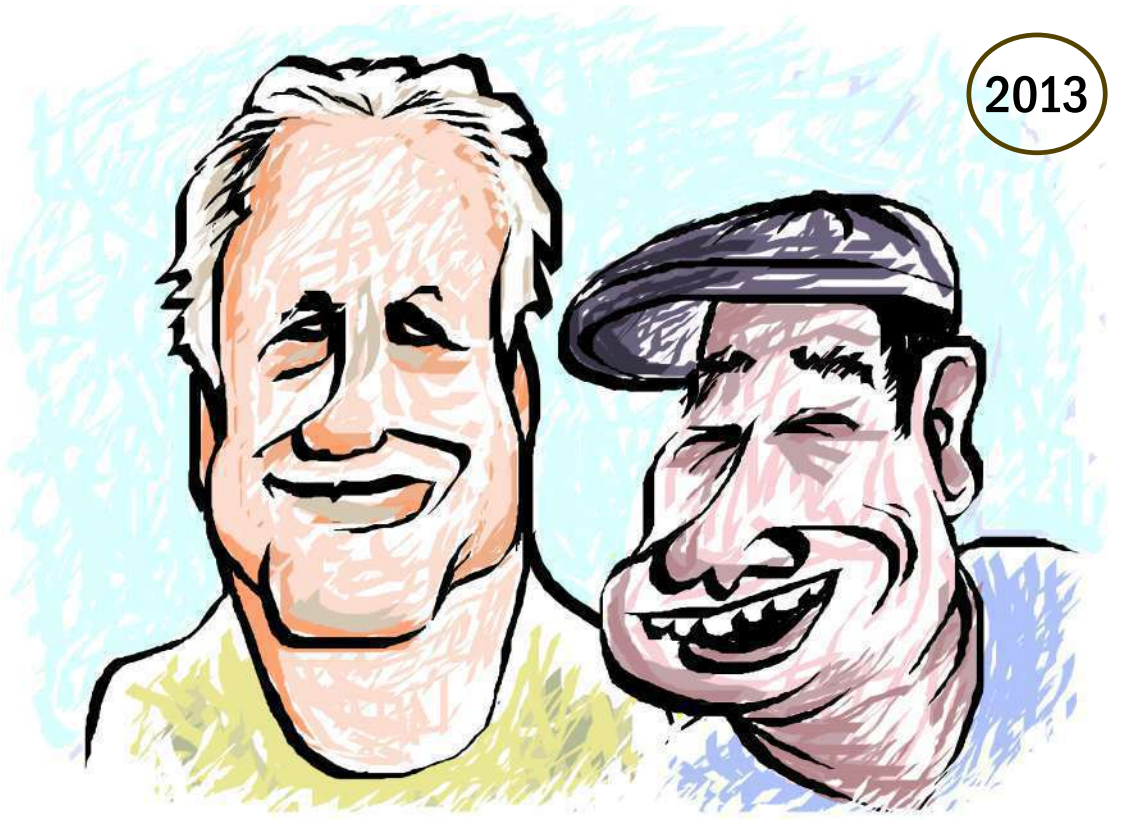




CARICATURAS VIRTUAIS

Desenhos de ANTONIO FAGUNDES, STENIO GARCIA, CLOVIS BOURNAY, HENRY MANCINI, BARBIXAS e a gata TETÊ (da escritora HELOISA SEIXAS) postadas originalmente nas redes sociais do autor

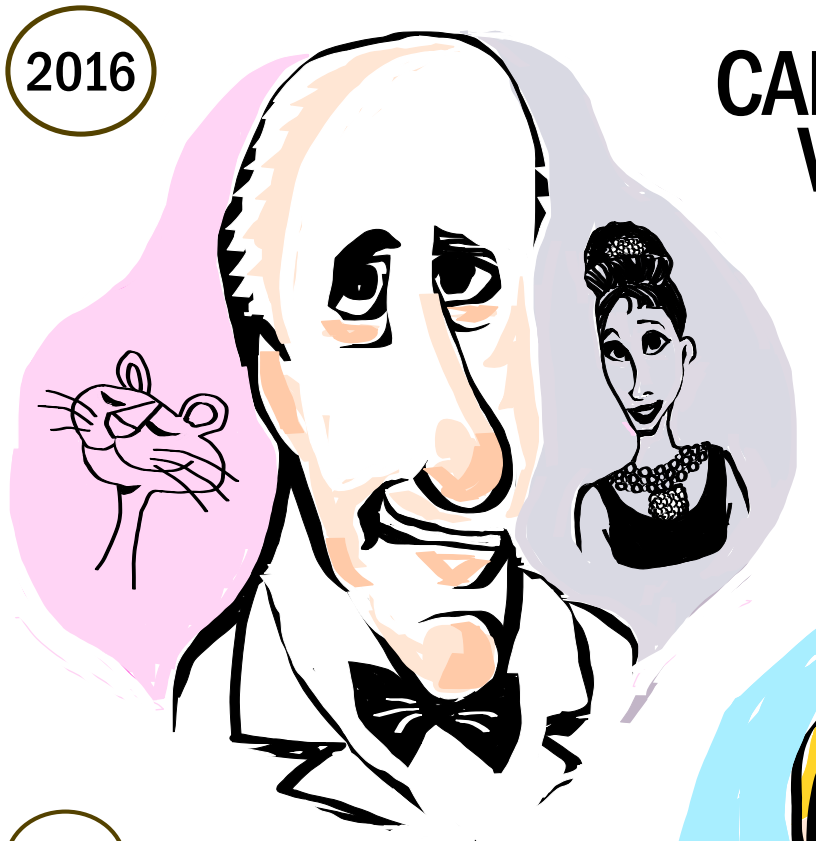
2013



2016



2016



2016



2012



FÁBULAS CHEIAS DE MORAL

O gato e o mouse



Era uma vez um gato que ia pro computador do dono, dava um tapa no mouse e apagava tudo que era texto do dono.

Depois de ver o gato apagar mil e uma vezes seus textos, o dono do gato parou, pensou e decidiu.

O dono do gato passou a servir sopa de letrinhas nas refeições do gato. Ele gostou, engordou, parou de apagar os textos do dono.

NA MORAL?

Gatos deixam
a gente sem paavras
mesmo.

O burro e a anta



Era uma vez um burro e uma anta que não se bicavam. E olha que os dois nem estavam nas redes sociais, mas numa bela floresta.

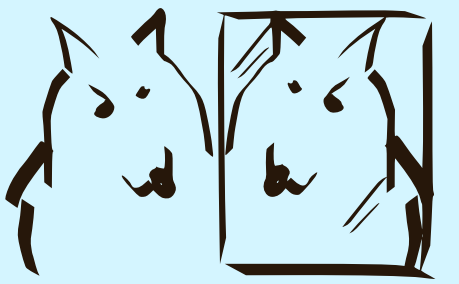
O burro apontava pra anta e dizia que ela era uma burra. A anta apontava pro burro e dizia que ele era uma anta.

O rei leão perdeu a majestade. E mandou o burro e a anta calarem a boca imediatamente. O burro e a anta falaram cobras e lagartos do rei leão. Mas em pensamento, é claro.

NA MORAL?

Isso aí é tudo um bando de animal,
e ponto final.

O raposo e a uva



Era uma vez um raposinho tímido que se armou de coragem. Ele foi se declarar à raposinha por quem era apaixonado.

O raposinho chegou na amada, estufou o peito, armou o melhor sorriso. E disse à raposinha que ela era uma uva.

A raposinha achou a cantada ridícula, tão antiga quanto as múmias do Egito. E cuspiu de lado. Realmente, o raposinho ainda estava muito verde!

NA MORAL?

Quem não sabe
jogar verde, 0nunca vai
colher maduro.

Os bichos de renome

Era uma vez um bicho do pé, um bicho da seda e um bicho da goiaba em crise de identidade.

Os três bichos não queriam mais ter os nomes que sempre tiveram. E pediram uma audiência com o Criador de todos os bichos.

Após uma espera que quase os desespera, os bichos em crise entraram na sala do Criador, que perguntou que bicho estava pegando. Ele riu, se desculpou pelo trocadilho e pediu para que todos se sentassem.

O Criador ouviu os pedidos e os argumentos dos três bichos para mudarem de nome. E autorizou a mudança, não sem antes perguntar os novos nomes que eles adotariam.

O bicho do pé disse que seu novo nome seria Alcebíades. O bicho da seda declarou que se chamaria Epaminondas. E o bicho da goiaba falou que sua nova identidade seria Serapião.

Depois de algum tempo da mudança de nomes, os bichos suplicaram ao Criador que osdeixasse voltar aos nomes de antes. Disseram a Ele que estavam sendo chamados de tudo que é nome, menos dos nomes novos.

NA MORAL?

O nome disso tudo é mimimi!

O jacaré e o pintassilgo

Era uma vez um pintassilgo que passava voando pelo jacaré e sempre brincava: "Eu sou eu, jacaré é um bicho!"

O jacaré, que andava meio mal-humorado sem saber qual o motivo, começou a ficar danado da vida com a zoeira diária do pintassilgo.

Assim que o pintassilgo passou voando de novo, o jacaré abriu o imenso bocão para devorar o pássaro.

O pintassilgo se assustou com a boca gigantesca e escancarada do jacaré. Mas notou que um dos dentes do bicho estava cariado.

O pintassilgo, que passava pelo lago do jacaré todos os dias a caminho do seu consultório, ofereceu a ele um tratamento dentário completo de graça.

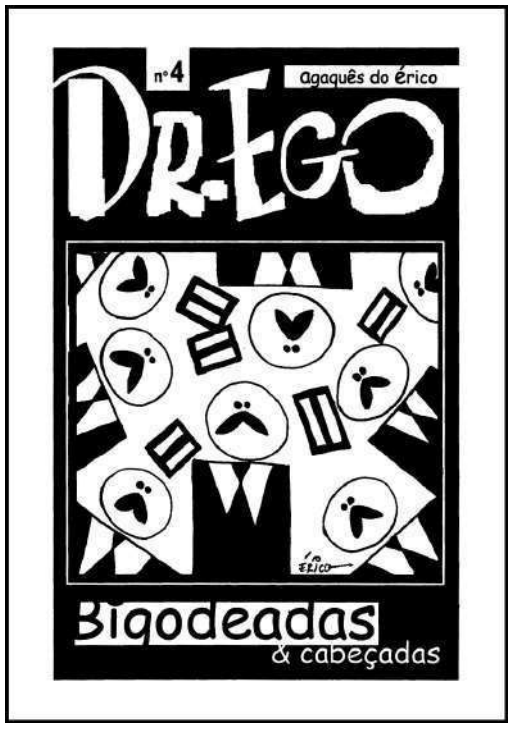
O jacaré sacou ali que seu mau humor vinha de uma dor de dente que não passava. E aceitou.

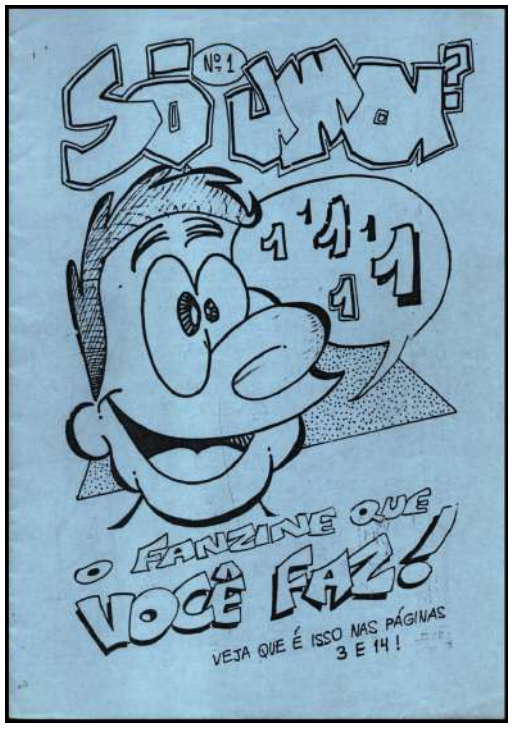
Após o tratamento dentário feito pelo pontassilgo, o jacaré abriu a boca assim que o pássaro passou pelo lago. Mas era pra agradecer com uma brincadeira: "Eu sou eu, o pintassilgo é o bicho!!"

NA MORAL?

Quem tem
boca...
vai ao dentista.

FANZINES EDIÇÕES



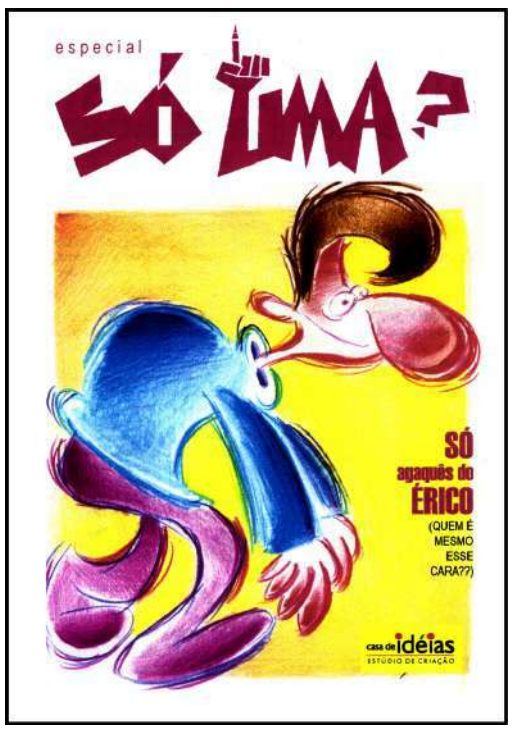


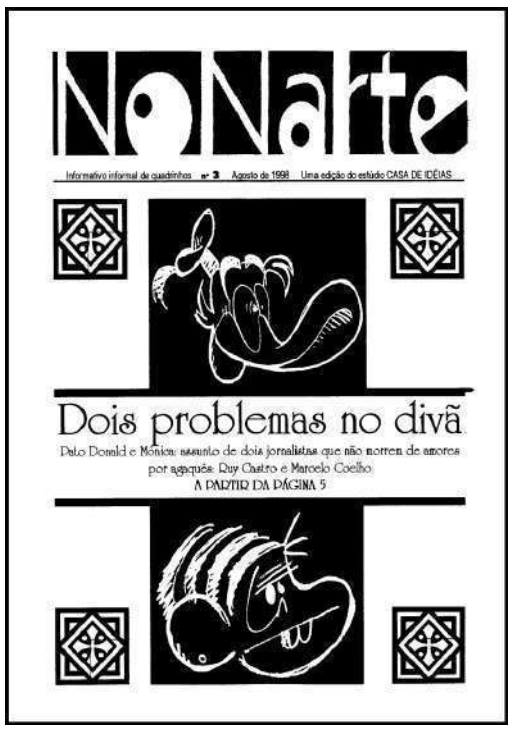










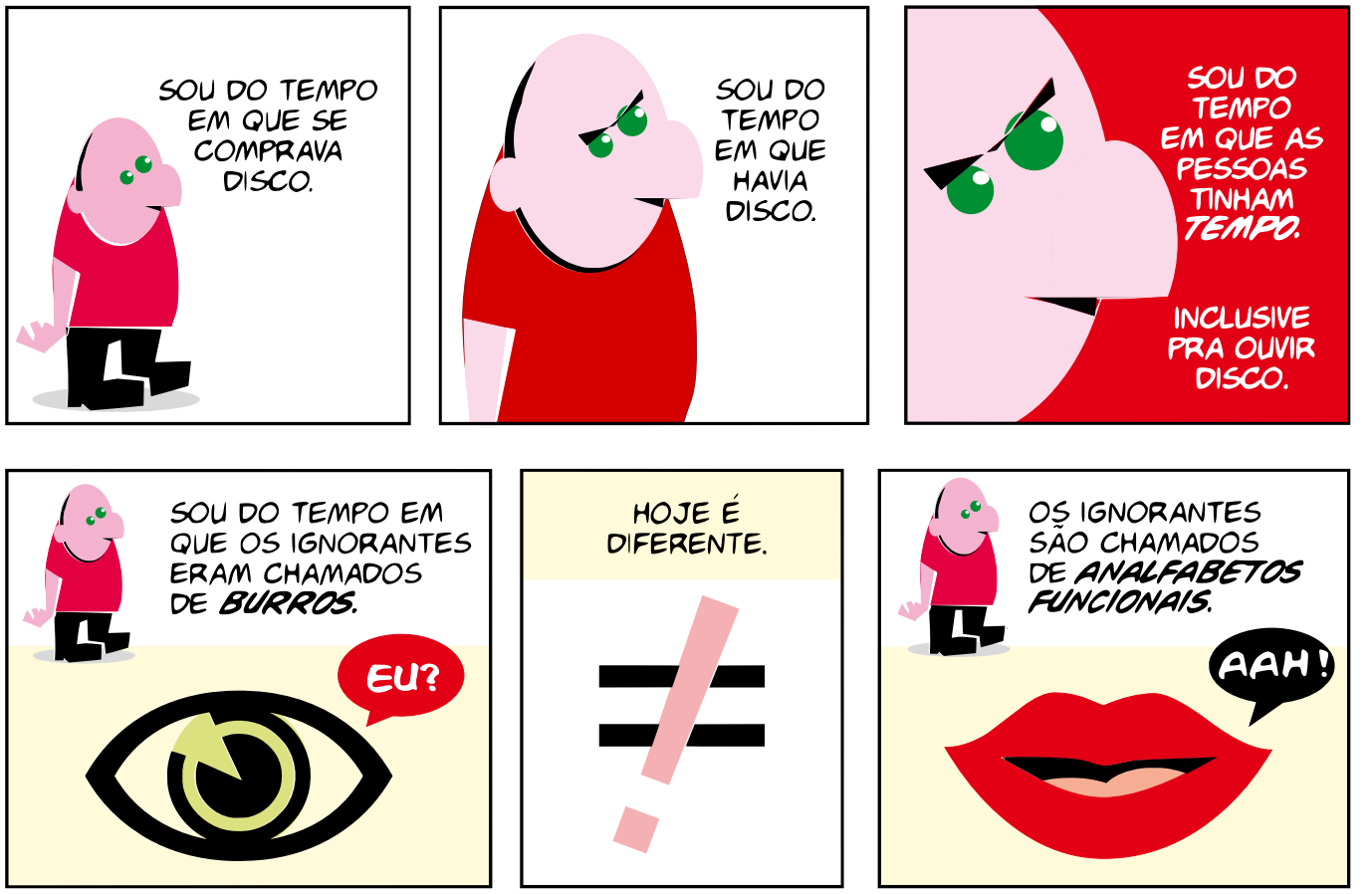




A primeira rede social antes da internet, da qual o autor e editor deste jornal participou há 23 anos, em 1993, foi o fanzine QI, do quadrinista, pesquisador e professor Edgard Guimarães. A publicação trazia pequenas resenhas das edições independentes de autores nacionais, alguns estrangeiros. Os editores - fãs ou criadores de HQs e música - trocavam suas publicações por outras pelo correio. Animado com essa movimentação cultural alternativa, o então ilustrador do suplemento infantil do Jornal de Piracicaba, a partir de 1993 passou a criar seus fanzines de quadrinhos e sobre quadrinhos, individuais ou coletivos: Só Uma?, Nonarte, Dr. Ego, Os Engravatados, Shalom, Pé Gelado, Se liga 16, O homem de preto, Sex Appeal, Out Comix. Graças aos contatos proporcionados pela lista de edições sempre atualizada no QI, este desenhista conheceu autores independentes de todo o país, além de ter suas revistas de pequenas tiragens divulgadas em publicações profissionais de maiores tiragens como o Almanaque dos Fanzines (RJ) e o jornal Barlavento, de Portugal. (ÉSJ)

DIVÃ em VÃO

TIRAS ORIGINALMENTE PUBLICADAS EM 2010 NO JORNAL DE PIRACICABA



CONVITE pontual



O fotógrafo Paulo Vitale anuncia sua exposição **Cartunistas**, com mais de 100 artistas gráficos brasileiros, entre eles o editor deste jornal CAPIAU. A mostra está no Centro Cultural Fiesp, em São Paulo, com visitação gratuita até 20 de setembro de 2026, de terça a domingo, das 10 às 20h.



O volume com os 12 primeiros números do jornal de humor CAPIAU, editado por Érico San Juan desde 2023, pode ser baixado de graça no site da editora Marca de Fantasia: **www.marcadefantasia.com**

VEJA TODAS AS EDIÇÕES DO JORNAL CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL Capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 30 | Ano III | 09|05|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 6
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Ilustração de capa do livro "Fábulas cheias de moral" (2022)
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

VEJA TODOS OS EPISÓDIOS DO PODCAST CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 31 | 13|06|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL Capiau

Épico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 7



caricas









TIRAS PUBLICADAS ORIGINALMENTE EM 2006 NO JORNAL DE PIRACICABA

MÚSICA



A imagem à esquerda é a hipotética capa de um CD, CANÇÕES DE HUMOR, projeto de 2007, onde este cartunista mostra seu lado-compositor. Hoje seria a thumb de uma playlist nas plataformas digitais. O que você verá abaixo é parte do projeto, de acordo com o título abaixo. Quem sabe a publicação desta página enfim torne este projeto realidade. Com as músicas junto às letras. (ÉSJ)

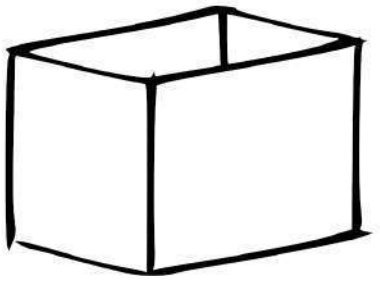
Letras esperando músicas

se a gente

Se a gente ganha pouco
fica louco com o patrão
Se a gente perde o emprego
sem sossego paga um pau

Se a gente paga imposto
é um encosto federal
E a gente guarda raiva
do Ano Novo até o Natal

Se a gente quebra prato
fica bravo e paga o pato
E a gente a vida inteira
fica só nessa canseira!



a música que eu faço

A música que eu faço
É uma coisa toda pop
Só tem sobra e tem bagaço
Ela é feita pra dar ibope

A música que eu faço
Tem de tudo e tudo tem
É pedaço e mais pedaço
Mais parece um Frankenstein

A música que eu faço
É um rap mascarado
Eu só quero o meu espaço
Pra cantar muito animado

A música esquisita
Fica linda ou fica feia
Se os mano vão na fita
Ela vai pegar na veia

chororô

A lágrima rola
É bonito chorar
cachoeiras, oceanos
A tristeza esfola

A mácula vem agora
É lindo sentir
melancolia, saudade
A tristeza chora

A música fala
É esquisito cantar
dores, amores
A tristeza é mala!

Emoção demais enjoa
Canção precisa de alegria
Coração não é coisa à toa
Chororô demais anestesia!

no tudo ou nada

Tudo já foi feito
O defeito, o malfeito
O imperfeito e o prefeito

Tudo é um dilema
Um problema, um teorema
Um poema ou Maizena

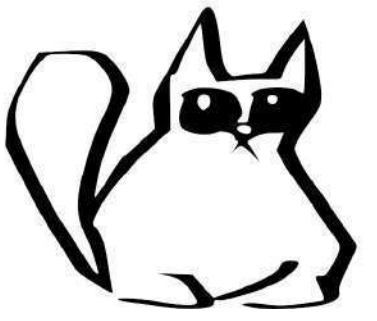
Nada tem mudança
A esperança, a bonança
A festança e a vizinhança

Tudo é demais
Os animais, as vicinais
Os bananais e os milharais

Se tudo é tão ruim
Nada tem um fim

par ou ímpar

Quando eu a vi
Enlouqueci
Louco lati
Ela me atraiu
Me seduziu
Me traduziu
Veto chegando
Serpenteando
Degringolando
Pegou-me de jato
nos peito a peito
E eu satisfeito
Até me exigir
Me subtrair
E logo sumir
Fui lá pro bar
Beber e esperar
De porre chorar
Meu destino é uiva-ar
à procura de um pa-ar

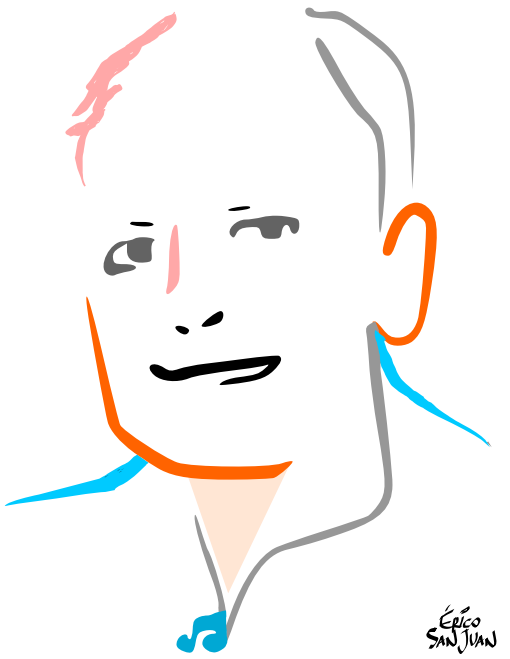


PERFIL

Nesta entrevista publicada em 2005 na Tribuna Piracicabana, o compositor preenche todos os silêncios. (ÉSJ)

Guilherme Arantes

militante verde artista maduro



O ruído de piano bate-estaca invade a boate fechada. Lá fora, moças de ingresso à mão soltam gritinhos na porta do recinto. Em dez minutos, o tecladista termina de passar o som do instrumento, sentando-se a uma mesa de canto. Ele e sua equipe jogam alguma conversa fora e goles de bebida goela dentro, antes de uma conversa a dois entre um fã e o artista. Sem rodeios, Guilherme Arantes dá seu recado antes de subir ao palco em Piracicaba, no último sábado de setembro de 2004.

Na década de 80, o artista dava shows em ginásios esportivos, época sem as gigantescas salas de espetáculo hoje predominantes no eixo Rio-São Paulo. A onda daqueles anos era o pop-rock brasileiro, embora o artista não se considere um roqueiro. “Nos anos 80 houve uma bolha de consumo de classe média, uma faixa de público jovem, por força do Plano Cruzado”. Apresentava-se com banda, outros músicos junto. Com a tecnologia atual, faz suas apresentações sozinho: ele e o teclado com arranjos programados e som de voz e piano ao vivo.

O público de um show espera os sucessos acumulados na carreira do artista, mas a visão de Guilherme sobre essa expectativa vai na contramão. “Você tem que olhar uma carreira num conjunto, numa perspectiva... A minha competitividade, com o passar do tempo e da idade, vai diminuindo. Eu não tenho condições, nem obrigação de emplacar sucessos, de virar o Midas da música.” Ele prossegue cortante. “Sucesso é uma palavra muito desgastada. O pessoal do ‘Big Brother’ é sucesso...”. Sinal dos tempos. Nem todo sucesso vem com selo ISO 9000.

Apesar de ter dezenas de canções no coração das platéias, Guilherme não se sentia prestigiado pelos colegas de ofício, ao menos no início de sua caminhada nos anos 70. Em tempo de ditadura militar e censura pesada, compositores engajados como Ivan Lins e Gonzaguinha tinham prestígio, não sucesso. Guilherme tinha sucesso e zero de prestígio. Elis Regina o ajudou, pedindo ao compositor uma canção inédita, Vivendo e aprendendo a jogar, novo hit. Com Planeta Água, segundo lugar no Festival de Música da TV Globo de 1981, veio a consagração definitiva. Apesar do sucesso, do posterior prestígio, Guilherme seguiu sua trilha sonora ao passo da intuição. “As coisas foram acontecendo naturalmente. Eu não fui um bom estrategista. A gente acaba fazendo a carreira em cima da nossa personalidade. Eu tô no meu ambiente”.

As chateações, no entanto, não terminaram. “Hoje me acusam muito de estar fora da mídia. E tem o reverso da moeda, de quem fica muito tempo exposto, depois fica a cobrança de que você tá esquecido”. De antenas ligadas, sem fazer do umbigo o seu mundo, Guilherme traça um retrato do mercado e antevê suas transformações. “O mercado do produto fonográfico está morto! O mercado do futuro é o show ao vivo, aonde você não pode ser clonado”. E segue em frente, em direção ao futuro. “O produto digital subverteu toda uma estrutura industrial que existia. A tendência é que a informação seja uma commodity de acesso livre e gratuito”.

Artista experiente, 30 anos de carreira em 2006, Guilherme começou no tempo do disco de vinil, um suporte físico incopiável. Nessa época, pirata tinha olho de vidro e cara de mau. Hoje, tem cara de camelô. As gravadoras, por sua vez, têm a cara no chão. A indústria cultural brasileira, na opinião do compositor, foi pega desprevenida com as mudanças tecnológicas. “O que garantia o faturamento da indústria era o controle da venda, a oligopolização dos pontos de distribuição. Quando comecei a minha carreira, havia 3000 lojas de disco no país, hoje há 120”.

Outras situações a temer, o compositor aponta. "A grande ameaça será a de uma invasão subterrânea, de nossos recursos hídricos e de biodiversidade." As soluções para a bizarrice ecológica, porém, começam a chegar, com os projetos de replantio de manguezais, em conjunto com a Marinha e o Exército. Uma prática inédita no país, feita pelo Instituto Planeta Água, ONG que o músico mantém no interior da Bahia. "O ambientalismo é um braço do pensamento de esquer-da, que tem reservas quanto à participação das Forças Armadas na causa ambiental: isso é um erro. Num futuro próximo, as Forças Ar-madas atuarão pesadamente na proteção ambiental do Brasil".

A conversa segue por outros terrenos pantanosos. O poder econômico, que garante a permanência das duplas sertanejas na mídia. A corrupção dos espaços da mídia, que garantem a sobrevivência dos gêneros musicais corrompidos. A falta de democratização dos espaços, uma falta de responsabilidade com o público. Guilherme cita o Caetano Veloso de antigamente para falar do hoje. "Ele só consegue ser o mito que é hoje porque fez aquele discurso no Festival, nos anos 60: ‘Vocês não sabem nada, vocês não entendem de estética!’ Porque ele bateu de frente com a preferência da época, que era cuspir a novidade e ficar na mesmice". E os espaços, o que ficaram? "Existia o espaço para o Caetano fazer essa crítica, o espaço da discordância. Com a evolução da mídia para a aferição constante da audiência, para o atendimento dos anseios do público, perdem-se os espaços críticos dentro da mídia".

Para sociedade doente, embalagem bonitinha e vazia. O compositor denuncia um fenômeno que atinge não somente produtos musicais. "Isso acontece em vários setores industriais. Você tem remédios de larga vendagem que não têm efeito nenhum. Grandes sucessos de venda de produtos inócuos." Nem tudo é apocalipse, porém. Maria Rita, filha de Elis, é citada pelo músico para sinalizar o que, em sua opinião, o mercado fonográfico está fazendo em prol do respeito ao ouvido alheio - e do faturamento, claro, que gravadora nunca foi instituição de caridade. "As gravadoras estão aplicando grandes quantias em marketing para artistas que apresentam baixo pirateamento, voltados ao público adulto contemporâneo, como Maria Rita". Nesse contexto, adeus duplas sertanejas! "Uma dupla nova, iria custar muito caro pra gravadora lançar e fazer estourar na mídia, deixa de ser bom negócio, ela será campeã de disco pirata".

Boa, a conversa. Mas o show tem que continuar. Ou melhor, começar. Guilherme vai ao hotel se vestir. E o fã-repórter vai para casa transcrever as fitas do papo. Solitário e solidário, o artista vai defendendo sua arte e sua integridade humanista, ao alcance do respeitável público sobrevivente na selva..

CARICATURAS DE NINGUÉM









Desenhos da exposição CARICATURAS DE NINGUÉM EM CORES, realizada na Biblioteca da Fumep (Piracicaba) em 2014





CARICATURA TAMBÉM É CULTURA

Veja as caricaturas e textos abaixo numa playlist de vídeos exclusiva do canal do YT de Érico San Juan



silvio luiz

Foi, foi, foi, foi ele! Foi ele o pioneiro da TV brasileira, foi o símbolo do Desafio ao Galo e do Clube dos Esportistas. E foi o craque da locução de futebol no nosso pas.



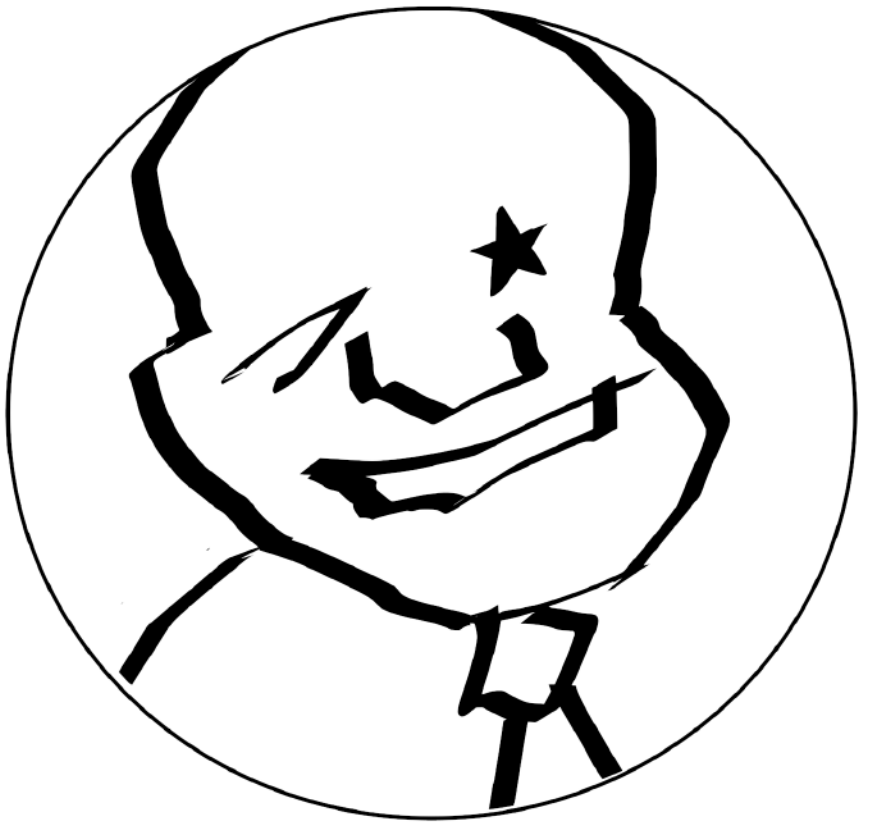
rogério morgado

Quem imita, nunca se limita. Que o diga o imitador oficial do Bola, do Faustão, do Datena, do Léo Dias. E para quem não se limita, tipo o Morgado, o limite do humor é só uma pergunta xarope.



jacaré banguela

Ele foi de Sinop ao Rio de Janeiro. De São Paulo a Chicago. Da internet ao stand up, da TV ao cinema. Esse foi um cara que passou por muitos lugares. Só não passou pelo lugar-comum.



ricardo boechat

Ele teve uma vida nos jornais e na TV. Mas ele teve uma vida nova no rádio. Nunca um jornalista foi tão amigo das pessoas. Nunca um amigo fez tanta falta.

35 ANOS DE HUMOR GRÁFICO

Exposição CARTUNISTAS na Fiesp + Salão de Humor de Pinda





O cartunista piracicabano Érico San Juan, editor do jornal de humor CAPIAU na **Tribuna Piracicabana**, esteve em São Paulo em 27 de abril passado, na abertura para convidados da exposição Cartunistas, de Paulo Vitale, com 143 ensaios fotográficos de desenhistas brasileiros (*acima, fotos de Fernando Vítolo do editor no Espaço Cultural Fiesp)*. Em 9 de maio, o Salão de Humor de Pindamonhangaba abriu sua oitava edição, com exposição especial dos 35 anos de carreira do artista de Piracicaba.

Humor que comunica em Mairiporã



O comunicador Fernando Vítolo e o cartunista Érico San Juan estiveram na Câmara Municipal de Mairiporã (SP) em 03 de junho passado, onde ministraram a palestra Comunicação: a maior invenção do mundo. O evento integrou o projeto Vozes da Educação, promovido pela Escola do Parlamento e Cidadania Profª Alice Clara Soares Frias, em parceria com a Escola Municipal Nakamure Kikue Aiacyda. Os palestrantes agradecem à professora Alessandra Soares, à Presidente da Câmara Leila Ravazio e aos alunos e alunas da EM Nakamure pelo interação entusiasmada na atividade!

EDiTORiAL no final

O humor impresso do século 21 nos jornais de Piracicaba estará completando 25 anos no mês que vem. A página Rio na **Tribuna Piracicabana** foi o estopim de uma movimentação de cartunistas que extrapolou o período do Salão Internacional de Humor, com quase 100 edições semanais, sucedidas pelos jornais independentes Rio e Caricaras. Por sinal, o Salão acolheu uma exposição especial da página, no primeiro ano desta em 2002. A movimentação cartunística impressa, na **Tribuna** e na imprensa da cidade, se repete mais de uma década depois, em tempos esmagadoramente digitais. 2026 avança com uma constatação: o humor universal continua no jornal CAPIAU!

@ericosanjuan

DITO, o bendito

@ditoobendito

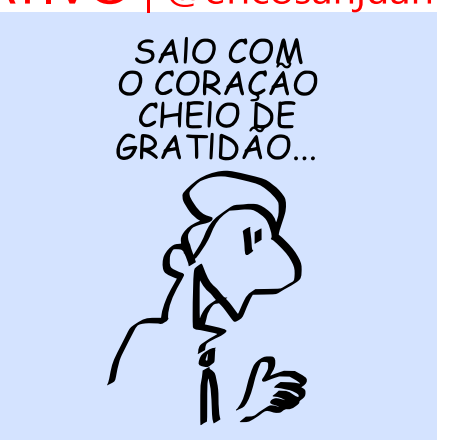






CORPO-A-CORPORATIVO | @ericosanjuan









CORPO-A-CORPORATIVO | @ericosanjuan









@ericosanjuan

DITO, o bendito

@ditoobendito





AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 31 | Ano III | 13|06|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 7
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Imagens: Acervo pessoal do autor, exceto quando indicado
Capa: Desenho adaptado da exposição "Mais caricaturas de ninguém" (2014)
Contato: **capiauhumor@gmail.com** | **ericosanjuan@gmail.com**

AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

JORNAL
capiau

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº **32** - 04|07|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

especial Caipiras de Salão

caricaturas de uma exposição com sotaque universal, igual a este jornal



Inezita Barroso - ou Ignez Magdalena Aranha de Lima - era uma paulistana de sotaque capiau. Seu centenário seria celebrado em 2025. Apresentou o programa Viola Minha Viola na TV Cultura por 34 anos. Artista de vozeirão potente e humor afiado, lutou toda vida pela preservação da cultura-raiz. Gravou modões e modinhas, canções folclóricas e gaúchas, além de ser a primeira a registrar Ronda, de seu amigo Paulo Vanzolini.

almir sater



O violeiro de Campo Grande viajou mundão afora para cantar e tocar, mas poderia ter sido um advogado. Preferiu ser primeiro o Lupe com o parceiro Lampião, aprender viola com Tião Carreiro, trabalhar com Tetê Espíndola e Diana Pequeno. Há 36 anos, apresentou ao Brasil seu Pantanal com Benedito Ruy Barbosa, em seguida peregrinando na telinha como Zé Trovão. Em meio a tanta andança, seguiu tocando em frente, solo ou bem acompanhado pelo compadre Renato Teixeira.

as galvão



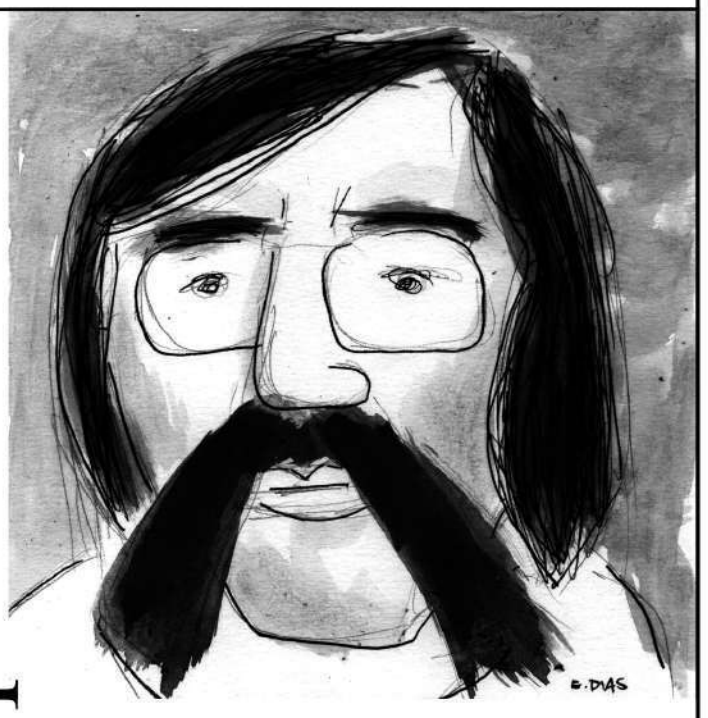
Elas mudaram o nome artístico para As Galvão, nos primeiros anos 2000, mas nunca deixaram de ser as Irmãs Galvão. Mary e Marilene atuaram até 2021 na música caipira, sertaneja, raiz ou como achar mais justo nomear o gênero. Além de cantarem, foram instrumentistas, feito boa parte dos intérpretes da velha guarda, que tocavam em circos e em todos os palcos possíveis e disponíveis. E assim fizeram por sete décadas, desde 1947, encantando e enlevando gerações.

nhô quim



O símbolo do XV de Piracicaba teve o traço de diversos artistas, inclusive o atual de Luis Marangoni. Mas a versão que a imprensa piracicabana acolheu por décadas é a de Edson Rontani, pioneiro do humor da cidade.

paulo leminski



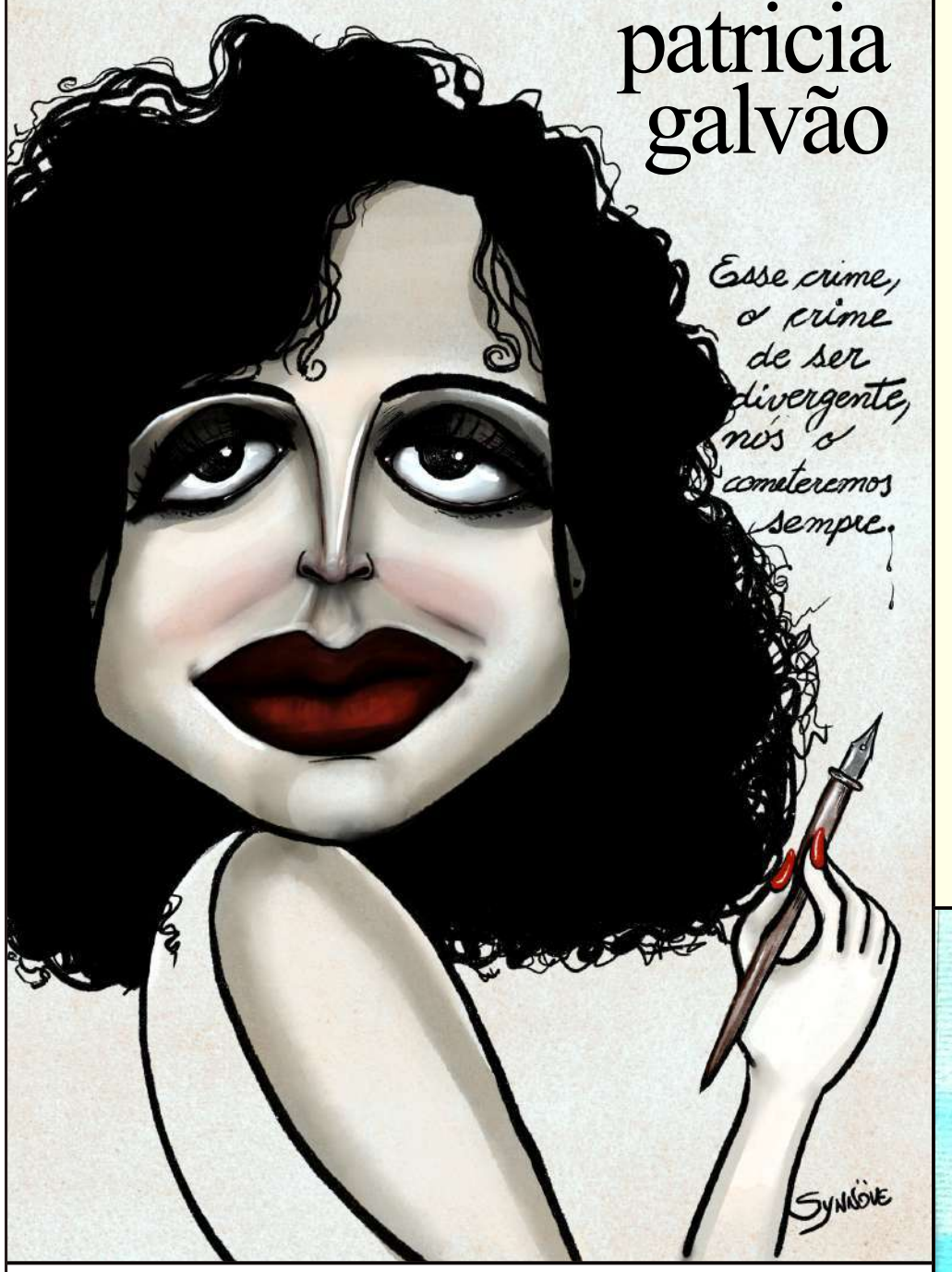
O jornalista e publicitário é o poeta da provincia curitibana, no bendizer do concretista Haroldo de Campos: "Caipira cabotino (como diz afetuosamente o Julinho Bressane) ou polilingue paroquiano cósmico".

thales de andrade

A saudade do educador piracicabano nunca cessa. Mas Saudade também nomeia seu livro mais conhecido. Com seu amigo Monteiro Lobato, foi um dos precursores da literatura infantil brasileira. Suas obras tiveram ilustrações de outro conterrâneo e colega de ensino: Octávio Prates, primeiro chargista da Capital Mundial do Humor que se tem registro.



patricia galvão



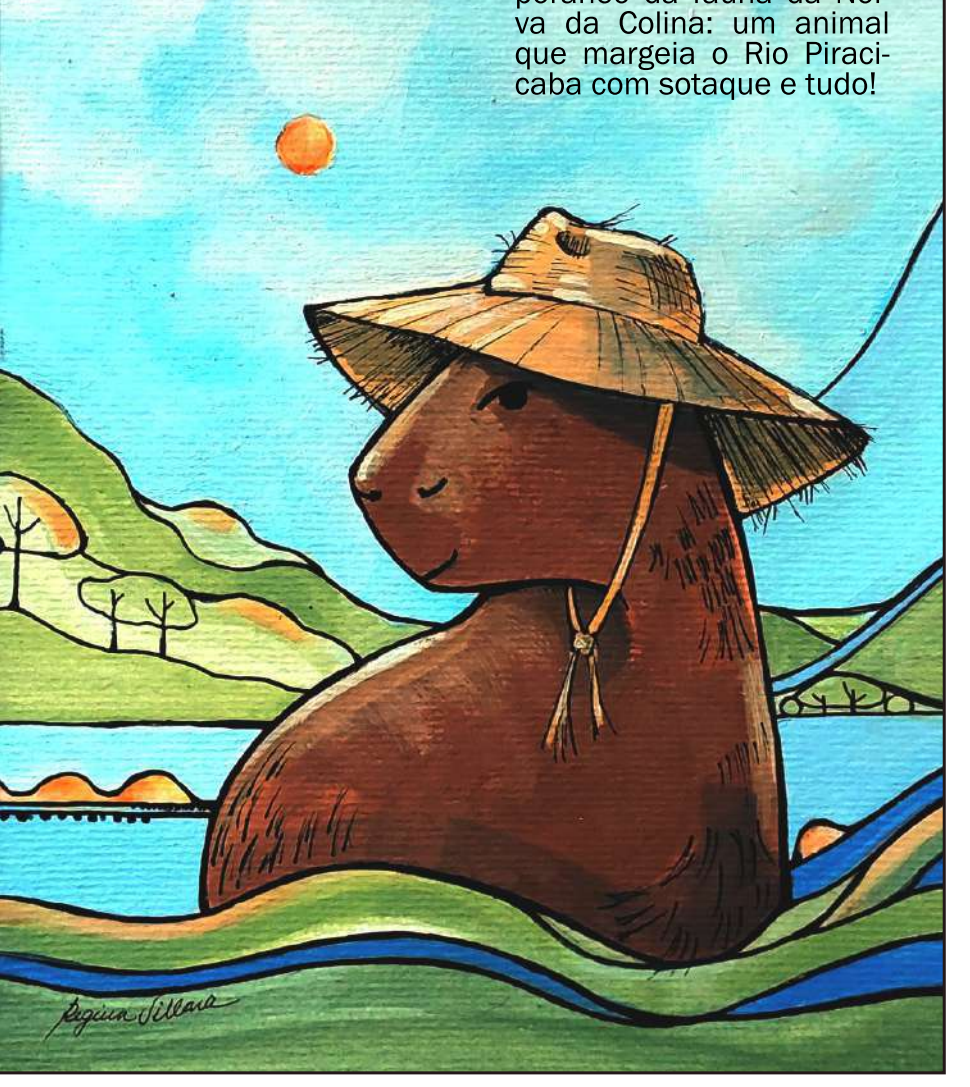
cecilio elias netto



Cecílio Elias Netto exerceu inúmeras facetas: jornalista, escritor, empresário da comunicação. Mas uma palavra resume tudo isso dele: o *caipiracicabanismo*, ainda alimentado e retroalimentado apaixonadamente.

caipivara

A artista visual **Regina Villara** criou o que promete ser o símbolo contemporâneo da fauna da Noiva da Colina: um animal que margeia o Rio Piracicaba com sotaque e tudo!





Pagu (acima) tinha um talento multimídia que não cabia em seu tempo e cidade-natal: São João da Boa Vista. A ilustradora, escritora, desenhista, tradutora e diretora teatral foi abraçada pelo movimento modernista. Décadas depois, a Flip 2023 a homenageou.

chico da tiana

O radialista-raiz **Cleber Rosa** viralizou com a Reclamação do Dia e trouxe consigo o **Chico da Tiana** (à esquerda), que ganhou os palcos e o banco da Praça é Nossa, no SBT.

monteiro lobato

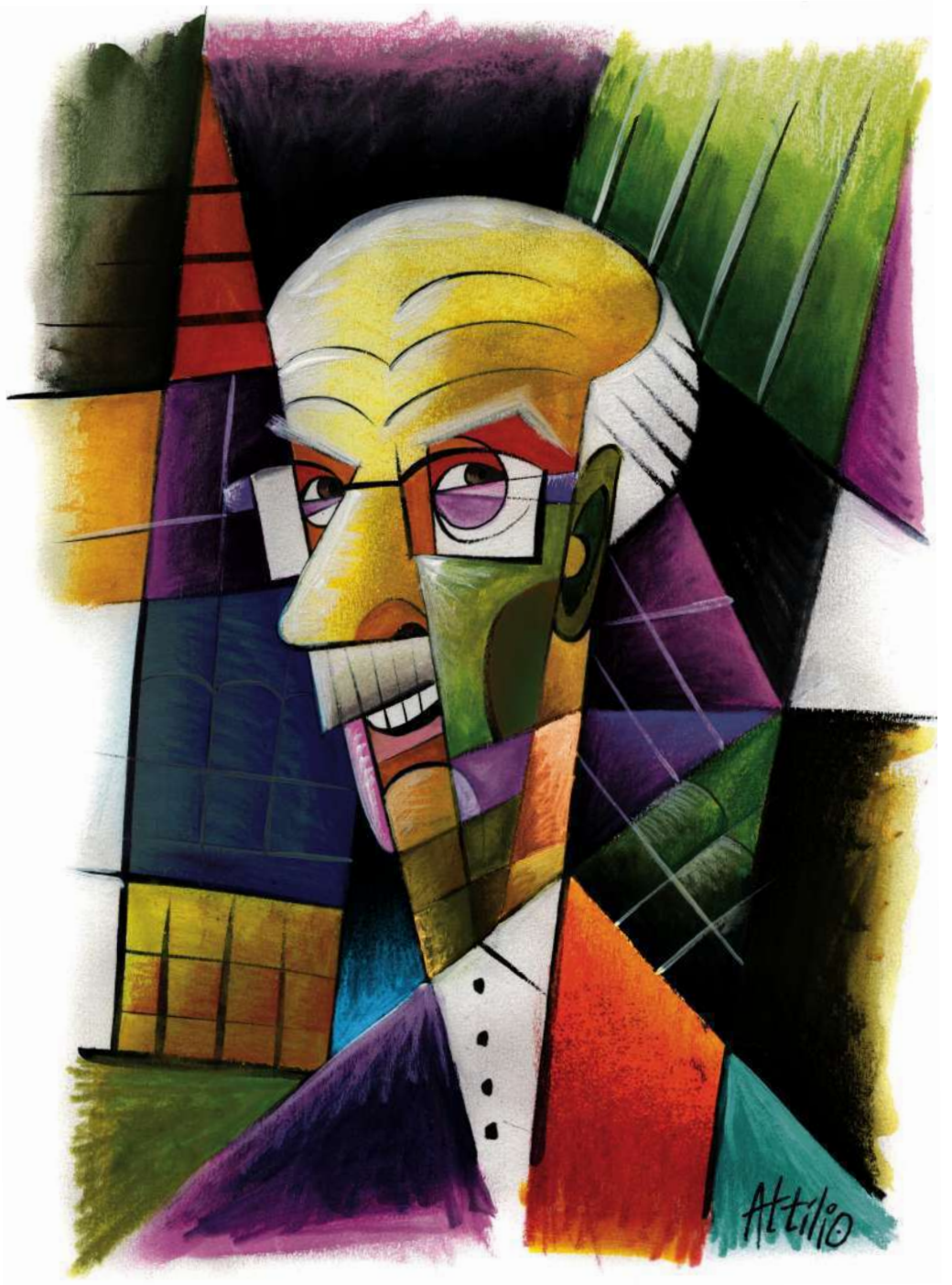


Da certidão de nascimento de Lobato constava o nome José Renato, mas logo ele o mudaria para José Bento. Se o escritor não aceitou a própria alcunha de origem, não seria ele a aceitar o atraso de seu país nos primeiros anos do século 20. Fundou revista (a do Brasil), editoras (Nacional e Brasiliense) e até poços de petróleo (em São Pedro). Odiado por adultos (como o presidente Getúlio Vargas), amado por gerações de crianças (leitoras ou espectadoras do Sítio do Picapau Amarelo), Lobato nunca foi o Jeca que ele mesmo popularizou.



rolando boldrin

O pioneiro da TV brasuca poderia ter sido um Tarcísio Meira de seu tempo - os olhos claros e a imponência natural favoreciam a consolidação do perfil. E quem imaginaria que o cantador substituiria o artista de novela? Os programas Som Brasil na Globo e Sr. Brasil na Cultura mostrariam o pioneiro em seu melhor papel. Para sorte do público da telinha.



antonio candido

O ser humano quase centenário, o crítico literário de obra vasta, o sociólogo e o professor da USP foram tudo isso numa só pessoa. E que bom para a cultura brasileira. Os Parceiros do Rio Bonito, uma de suas obras-síntese, foi literalmente uma pesquisa de campo, resultando na sua tese de mestrado, defendida em 1954. A outra obra que diz a que Candido veio é Formação da Literatura Brasileira, de 1959. No tempo em que o rodapé não era somente a parte de baixo da parede da nossa casa, mas um espaço nobre na imprensa escrita brasileira, o professor o utilizou nos jornais de seu tempo para críticas literárias. E sua humanidade pode ser vista no documentário 4 Antonios e 1 Jobim, de 1993. Impressão confirmada por seus contemporâneos do filme: o sobrenome era, sim. a sua personalidade.



amácio mazzaropi

Bom de palco, mas bom de negócios também. O paulistano de 1912 começou a vida artística nos circos mambembes de São Paulo, quatorze anos depois. Em 1946, fez o Rancho Alegre na rádio Tupi. Em 1950, no ano de nascimento da primeira TV da América Latina - a Tupi - o programa teve uma versão na telinha. Mas o ator vinha de uma temporada de 10 anos, encerrada em 1945, com sua trupe viajando pelos circos do interior paulista. No cinema, a Vera Cruz o chamou para estrelar Sai da Frente, dois anos depois do Rancho Alegre na TV. Dois filmes depois, o comediante faria mais 5 fora da companhia que o projetou. Em 1958, fundaria a PAM Filmes, tornando-se o seu próprio produtor. Após muitas décadas e dezenas de fitas vistas por multidões, o amado artista deixaria este mundo em 1981. Mas jamais deixaria o coração do povo que aqui ficou.

cornélio pires



Mandi e Sorocabinha foi a dupla caipira a merecer a primeiríssima gravação sob a batuta do tieteense Cornélio Pires. Ele mesmo registrou sua verve de showman piadista nos discos de 78 rotações da Série Caipira do selo vermelho da Columbia. Verve desenvolvida nos palcos, em espetáculos com as duplas dos seus discos. E seus livros de anedotas foram best-sellers em seu tempo. Mas o tempo da boa arte é o tempo da perenidade. Viva Cornélio!

Sotaque universal

Quando comecei a editar a página, depois o jornal de humor Capiau, de saída adotei este slogan para a publicação: "Humor com sotaque universal". O lema remete à tradição acolhedora de cartunistas do mundo inteiro pelo Salão Internacional de Humor de Piracicaba, há pelo menos meio século. Para iniciar a celebração dos três anos do jornal universal em quintal caipiracicabano, este que aqui digita convidou colegas de traço da cidade e de todo o país para uma missão: darem suas versões gráficas a figuras com o sotaque da arte, da cultura, da literatura. Personagens da ficção e personalidades absolutamente reais. Algumas muito reconhecidas, outras finalmente resgatadas. Seu coração baterá mais forte ao contemplar os trabalhos destas páginas, agrupados também numa exposição da programação oficial do Salão de Humor, no Shopping Piracicaba, em julho de 2026. Com emoção e com humor.

Érico San Juan
editor do jornal CAPIAU
e curador de Caipiras
de Salão, exposição do
Salão Internacional
de Humor de Piracicaba



baptistão

desenhou
INEZITA BARROSO
(capa) e
ROLANDO BOLDRIN
(página 5)

@baptistaoe



fernandes

desenhou
ALMIR SATER
e as IRMÃS
GALVÃO
(página 2)

@_caricaturistafernandes_



edson rontani

é homenageado no CAPIAU
por sua obra no humor
gráfico e imortalização
do personagem NHÔ QUIM
(página 3)

@edsonrontani



lucas leibholz

desenhou
o escritor
THALES DE
ANDRADE
(página 3)

@lucasleibholz



elias dias

desenhou o poeta,
jornalista
e publicitário
PAULO LEMINSKI
(página 3)

@eliolatria



synnöve

desenhou a
escritora e
cartunista
PATRICIA GALVÃO
(página 4)

@synnove_arts



poliana urquidi

desenhou o
escritor e jornalista
CECILIO ELIAS
NETTO
(página 4)

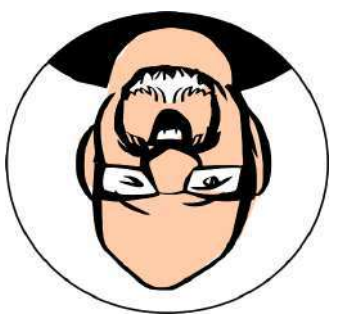
@polianaurquidi



regina villara

criou e desenhou
o novo símbolo
da Noiva da Colina:
a CAIPIVARA
(página 4)

@reginavillaraatelie



érico san juan

é editor do jornal CAPIAU,
criador e curador da exposição
"Caipiras de Salão", desenhou
o CHICO DA TIANA (página 4)
e escreveu os textos
desta edição

@ericosanjuan



amorim

desenhou o
escritor, jornalista
e editor
MONTEIRO LOBATO
(página 5)

@amorimcartooons



attílio

desenhou o
escritor, jornalista
e professor
ANTONIO CANDIDO
(página 6)

@attilio.art



willian hussar

desenhou o
ator, humorista
e cineasta AMÁCIO
MAZZAROPI
(página 6)

@willian_hussar



spacca

desenhou o
escritor, humorista
e jornalista
CORNÉLIO PIRES
(página 7)

@joao.spacca

AQUI: TODOS OS
JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 32 | Ano III | 04|07|2026 | Especial CAIPIRAS DE SALÃO
Editor, redator e designer: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Colaboradores desta edição: Relacionados acima
Capa: Eduardo Baptistão (caricatura de Inezita Barroso)
Contato: **capiauhumor@gmail.com** | **ericosanjuan@gmail.com**

AQUI: TODOS OS
PODCASTS CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA PIRACICABANA
Nº 33 | 29|08|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL CAPIAU

Érico San Juan
35anos deHumor
1991 - 2026 | PARTE 8



artista DE SALÃO

O cartunista **Érico San Juan**, autor da tirinha **Dito, o bendito** e editor do jornal CAPIAU na **Tribuna Piracicabana**, completa **três décadas e meia** de carreira com **exposição** retrospectiva no **Salão Internacional de Humor de Piracicaba** em 2026



Confira depoimento de Érico San Juan sobre suas **três décadas e meia** de carreira no humor gráfico para o **Museu da Imagem e do Som de Piracicaba** (MISP) no projeto Memória Audiovisual de Piracicaba

Humor que não nasceu ontem

2024 Érico San Juan e seu cartum selecionado na edição 51 do Salão Internacional de Humor de Piracicaba

Bom, como não podia deixar de ser, eu sou de Piracicaba, né? Eu sou *caipiracicabano*. Eu sou dos anos 70, eu sou de 1976. Eu nasci na Santa Casa de Misericórdia, em Piracicaba. E segundo a certidão, consta na certidão de nascimento que eu nasci às 9 horas da manhã do dia 3 de janeiro de 1976. E, sendo de Piracicaba, a gente já meio que incorpora o espírito do lugar, né? E isso, de alguma maneira, ou de todas as maneiras, isso aí foi esse ambiente, a gente crescer num determinado ambiente, num determinado tempo, é que dita pra gente até as preferências, os gostos, os costumes, o modo de agir, de ser, de pensar, de uma vida inteira.

Então, eu cresci nos anos 80, lá pelos 4, 5 anos de idade, aliás, nos 5 anos de idade que eu comecei a desenhar. E, geralmente, a gente tá cercado do ambiente, o ambiente contamina a gente, de uma certa maneira. Eu não sou da geração da internet. A barba branca não deixa mentir, né? Então, eu sou do tempo dos jornais impressos, das revistas, do tempo que você ia numa banca de jornal na esquina, ia comprar um gibi, uma revista em quadrinhos, um jornal, uma revista. E até livros tinha em bancas nessa época. Geralmente livros e fascículos da editora Abril. Que publica a revista Veja e ainda, a duras penas, tá viva essa editora, né?

Eu falo da editora Abril porque ela meio que formou gerações de leitores no Brasil, isso num país que ainda se lê pouquíssimo. E ainda não sei se na internet as pessoas acham que estão lendo porque ficam lendo postagem de rede social, mas as pessoas lêem, escrevem bastante, mas ficam restritas a esse aparelhinho aqui, né? O nosso bendito celular, né? E eu não sou desse tempo, eu sou do tempo, como eu falei, das revistas impressas, dos jornais impressos, da televisão que é muito importante.

Eu ainda sou do tempo que eu consegui jogar um pouco de bola na rua, na minha rua, né? Que eu me lembro bastante da rua Edu Chaves. A rua Edu Chaves é que tinha a escola, três, quatro quarteirões adiante da minha casa, tinha a escola Honorato Faustino. Como eu falei, a gente começa a fazer, a viver praticamente cercado dos nossos ambientes todos, das pessoas e dos ambientes da família. Os ambientes que a família deixa a gente atuar, de certa forma, né? Então, na minha casa tinha a televisão, tinha os jornais e revistas que eu falei, tinha os gibis que a gente comprava na banca do jornal da esquina.

E na escola eu comecei a desenhar. No antigo pré-primário, pré-primário de 1982, eu fiz os primeiros desenhos na escola ainda. Os primeiros personagens que eu fiz eram meio que tentativo de imitar o que eu lia, que era gibis do Pato Donald, do Tio Patinhas, que eram, não por acaso, da Editora Abril, que eu citei, né? Que eram baratinhos e que a gente já lia nessa época. Com seis anos eu já, no pré-primário, eu não tive que passar pelas cartilhas da vida aí, né? Os caminhos suaves da vida para aprender a ler. Então, no pré-primário, eu já lia. E já li os gibis que eu falei e os primeiros rabiscos de qualquer desenhista a gente tenta reproduzir ou imitar o que a gente vê. Então, os meus primeiros personagens já vieram desses primeiros rabiscos aí com um giz de cera duro pra caramba! Hoje eu acho que é um giz duro porque a gente começou a aprender nessa época que havia materiais adequados pra gente desempenhar melhor o nosso ofício. O desenho virou ofício um pouquinho mais tarde.

Mas com aquele giz de cera que eu podia ter naquele momento, eu desenhei os primeiros personagens, que era uma turma de um personagem que se chamava Lup Lup! Então, assim, é um nome até engraçado, né? E até veio de alguma dessas revistas, esses gibis aí que eu lia do Tio Patinhas. Tem uma história do Tio Patinhas que tinha as cataratas de Lup Lup. Aí eu achei legal o nome e coloquei nesses primeiros personagens... no primeiro personagem que eu vim a desenhar. Esse personagem em gibis próprios, feitos sem rascunho, com folha de caderno, juntava, grampeava tudo, pintava os gibis todos desse personagem aí, que veio a ser o chefe aí de uma turma, que era a turma do Lup Lup.

Então, até 89, até adolescente, eu desenhei esses gibis artesanais aí, né? Eu enchia o saco dos professores e colegas de escola lá, passava de mão em mão os gibis, queria mostrar pra eles o que eu tinha feito e levava a sério. Tipo, a produção que eu tinha, eu não considerava uma coisa de amador, eu tinha muita convicção no que eu fazia, mesmo que fosse uma coisa, um tipo de trabalho que ainda não era um trabalho, era rabisco de alguém que estava começando, mas que gostava muito daquilo a ponto de levar muito a sério. Então os gibis rodavam de um exemplar só. Não tinha como copiar, né? Embora já tivesse xerox naquela época, mas não era acessível. Não tinha internet ainda, então eu não podia fazer blog, não podia fazer uma impressão dos gibis, como eram os gibis que eu lia, que eram distribuídos em todo o país, né? Então aquilo lá, vamos dizer que era um ensaio de trabalhos que eu viria a fazer e só que eu percebi que gibis eram um formato, então eu não fazia como muita criança faz, desenho solto para mostrar. Eu fazia sob um formato, eu sabia que existia uma maneira de mostrar o trabalho com a narrativa sequencial, que eram os quadrinhos. E fiz os meus quadrinhos dessa forma, nesse formato que eu conhecia, que eu estava cercado dele na minha casa e na escola também.

Em 89 eu fiz os últimos gibis aí dessa fase amadora e um ano antes, em 88, eu já comecei a querer publicar em jornal. O jornal era também algo que eu via que eu tinha acesso em casa. Na oficina mecânica do meu pai tinha o jornal O Diário, que já acabou, infelizmente. O Jornal de Piracicaba ainda está circulando. Um jornal impresso. Então eu via que nos jornais, eu percebi que nos jornais, quadrinhos se publicavam no formato de tirinhas, nas seções de variedades dos cadernos de cultura, geralmente. Aí eu percebi que jornal não publicava gibi, jornal publicava tirinhas dentro dos cadernos de entretenimento, variedades e cultura diários.

CONTINUA NA PÁGINA 3

Aí como eu achei que ainda não dava pra começar ainda de uma maneira profissional - afinal eu tinha 13 anos de idade, 12, 13 anos de idade - em 87, 88, eu quis fazer uma tirinha pra publicar numa página infantil do jornal O Diário. A página infantil não por acaso se chamava O Diarinho. Muito criativo esse nome, né? Mas assim... Aí eu resolvi fazer um personagem que eu achava que daria pra segurar a onda, ser mais ou menos convincente, assim, como desenho dentro das minhas limitações, de alguém que estava começando. Então eu fiz um peixinho. Nós estamos numa cidade que tem um rio, né? Então não é por acaso, nada é por acaso.

O peixinho chamava Leco. Então eu fiz o Leco, que era um peixinho que o pescador vivia querendo pescá-lo porque ele era de uma espécie chamada Leccus Treccus, ele era o último exemplar, digamos assim, da espécie Leccus Treccus. Aí tinha um pescador que vivia querendo pescá-lo e o peixe sempre dava uma volta nesse pescador, ele nunca conseguiu pescá-lo. Aí tinha uma turma de personagens que outro peixe amigo desse Leco, que era o Peixot, que era um peixe de óculos escuros e topete de Elvis Presley, não sei porquê! E tinha uma ostra conselheira desses peixes que era o Seu Ostra. Era uma espécie de oráculo desses peixes aí. E o pescador que vivia querendo pescar o peixinho Leco.

As primeiras tirinhas que eu fiz consegui publicar no jornal O Diário. Eu desenhava com caneta esferográfica, preta, sem rascunho e entregava no balcão de entrada do jornal O Diário, que ficava na rua São José, pertinho da praça José Bonifácio. Então, morrendo de timidez, assim, eu praticamente deixava o desenho lá no balcão e saía correndo, assim... quase. Só que eu insisti com esse peixinho, aí O Diário, infelizmente, ele fechou. Alguns meses de 88 eu consegui publicar essas tirinhas do peixinho e em 1990 eu resolvi mandar novas tirinhas desse personagem agora para o suplemento infantil do Jornal de Piracicaba, caderno infantil chamado Jornalzinho, que foi fundado no Jornal de Piracicaba e começou a sair em 1982, que era o ano que eu tinha começado a desesenhar. E eu li esse Jornalzinho do Jornal de Piracicaba desde criancinha, desde aquela época de seis anos de idade. Aí foi muito legal publicar, começar a expor os meus primeiros trabalhos no caderno infantil que eu tinha lido desde criancinha.

E aí fiquei um ano colaborando com as tirinhas do peixinho no Jornal de Piracicaba, e no começo de 91 o jornal me contratou para ser o ilustrador do suplemento infantil. Então, além dos quadrinhos que eu já fazia desse peixinho - continuei fazendo - fiz outras séries de quadrinhos de tirinhas, geralmente, e comecei a fazer os passatempos. Aqueles joguinhos de ligue-pontos, de palavra cruzada, né?

Junto com as capas, **ilustrações** de capas do suplemento e também ilustrações para contos e fábulas, que era a sessão de historinhas que saia em cada suplemento. E eu era tão... assim... com tanta vontade de mostrar serviço, assim, que eu não me contentava só - e já era bastante coisa! - em ilustrar o suplemento, fazer quadrinhos, passatempos e ilustrações para o suplemento Jornalzinho. Eu também ensaiei umas historinhas escritas. Eu colocava um pseudônimo de Joca Taubaté, também não sei porquê. Esse nome, mas... Já que eu era do Piracicaba, talvez quisesse contrapor com caipira de outro lugar, né? Sei lá.

Aí eu fiquei até 96 ilustrando o caderno infantil, até 2010, 20 anos, com algumas pequenas pausas aí, eu tive uma trajetória no Jornal de Piracicaba. Os seis primeiros anos, de 91 a 97, eu fui ilustrador lá. Também fiz artigos, fiz resenhas. Então, eu desenhava e escrevia também, não só no Jornalzinho, mas no jornalzão. No caderno adulto.

Os principais trabalhos do Jornal de Piracicaba que foi a minha casa inicial, o meu berço, digamos assim do meu trabalho, foram as ilustrações e tirinhas para o suplemento Jornalzinho e também as tirinhas adultas do personagem Dito, o bendito, que já também passou dos 30 anos, aí, de idade. De criação do personagem e publicação também meio entre idas e vindas, mas até hoje a gente está fazendo o Dito, desde a pandemia. Eu quis resgatá-lo porque também ficou nessas idas e vindas, aí, alguns períodos sem produção desses quadrinhos. Então, na pandemia, muita gente espanou o pó de muitos projetos que tinha, né? E eu não fui diferente disso.

Em 2020, eu retomei o Dito, o bendito, que não saía desde 2005 em jornal impresso, passei para o Instagram. Isso aí deu um gás para voltar a fazer tirinhas novas já no Instagram próprio do personagem e no meu pessoal, né? E aí, com o tempo, a gente conseguiu continuar uma produção e é um personagem o Dito, o bendito que, ao contrário de muitos, ele tem... ele segue uma linha do tempo como uma pessoa normal, que... geralmente os personagens, eles congelam numa fase da vida e tipo o Charlie Brown do Schulz. Ele é criança, ficou criança, há 70 anos praticamente que foram produzidas as tirinhas dele pelo Schulz. A Mônica também. Até hoje é uma criancinha de vestidinho vermelho. Só que o Dito, o bendito teve um diferencial que... como ele teve essas idas e vindas, cada vez que ele voltava a ser publicado eu fazia ele numa fase diferente da vida. Teve uma fase que ele tava jovenzinho e tinha um amigo que bebia com ele no fim de tarde. Depois ele teve um filho, tinha os embates com o filho dele. Teve um mascote, um gato também... sempre interagindo com mais uma pessoa, trocando ideias com uma pessoa, geralmente não se bicavam, assim... com um deles sempre tentando levar a melhor, né?

E depois de 2020, o Dito entrou nessa época digital que nós estamos hoje, e agora em duelos verbais com o neto que nunca vai aparecer nas tirinhas. Porque o Dito tá sempre... ele é sempre mostrado nos quadrinhos como alguém que tá conversando com o neto via whatsapp. Então só aparece ele, mas o neto tá lá, tá sendo mostrado pro leitor o duelo permanente de gerações entre o Dito e o Beto. Beto, o neto do Dito, né? Então, esses personagens tem sempre uma rimazinha assim, pra dar um tempero diferente pro personagem.

E eu falei muito de quadrinhos, falei dessa minha trajetória muito ligada a jornal, pelo menos por bons anos aí. E teve um momento da minha vida que eu achei que o quadrinho não dava oportunidade pra ir pra outros caminhos aí dentro do humor gráfico, né?

CONTINUA NA PÁGINA 6



2023 Érico San Juan no Roda Viva (TV Cultura) com a jornalista Vera Magalhães e o Ministro Gilmar Mendes (STF)

caricaturas



2016 JEAN-PAUL SARTRE | Livro Filosofia para o Enem
Professor Jota | ed. Zodíaco | Teresina - PI



2018 MARIO SERGIO CORTELLA
Salão Medplan de Humor | Teresina - PI



2020 Maestro JOÃO CARLOS MARTINS
Podcast 45 do Primeiro Tempo | Patrick Santos | ep. 57



2024 DANIEL AZULAY | Coluna Caricatura Também é Cultura | Canal New Rádio - Fernando Vítolo

JORNAL **CAPIAU**: COLEÇÃO **COMPLETA** NA INTERNET! **@capiau.humor**

tirinhas



2016 LECO | Blog do autor: ericosanjuan.blogspot.com



2018 DITO, O BENDITO | Instagram: @ditoobendito



2026 UM PAMONHA DE PIRACICABA | @umpamonhadepiracicaba



1997 DITO, O BENDITO | Jornal de Piracicaba

As páginas 4 e 5 trazem uma seleção de trabalhos da exposição 35 ANOS DE HUMOR CAPIAU de Érico San Juan, paralela do 53.º Salão Internacional de Humor de Piracicaba (2026)

Aqui a gente tem um salão de humor que é muito representativo do humor gráfico que se produz pelos cartunistas do mundo todo, né? Aqui é uma vitrine de mais de 50 anos de exposições anuais, né? O Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Então acho que influenciado, certamente por esse espírito do salão, que tem muitas categorias aí de humor gráfico que são mostradas ano a ano tem as caricaturas, tem os quadrinhos, tem as tirinhas eu já entrei algumas vezes com tirinhas aqui no Salão de Piracicaba só que tem cartuns e tem charges também, é tudo todos são gêneros praticados na imprensa que se chamava da imprensa escrita, a imprensa impressa, né? O humor gráfico tem esse nome porque veio do impresso, só que o Salão de Humor transforma ou eleva a uma categoria de arte, não que não seja, mas ela está exposta e tem uma visibilidade até maior do que de repente os leitores dos jornais de antigamente, que hoje nem jornal quase tem direito mais infelizmente hoje vivemos em tempos esmagadoramente digitais infelizmente, e eu passei por digital também, mas teve uma transição aí da minha carreira, vamos chamar assim que eu quis fazer coisas diferentes aí eu percebi com o tempo que eu sempre fiquei, mesmo que eu quisesse fazer outras coisas, tudo estava ligado a personagens os personagens que eu fazia, que eu criava o peixinho Leco, o Dito, o bendito...

E eu fui para as caricaturas, que nada mais são que retratos bem humorados e personalidades, pode-se dizer, personagens que são pessoas reconhecidas em escala regional, nacional e até mundial. São essas pessoas que a gente meio que pega como cobaias, para fazer aqueles retratos bem humorados distorcidos, retratos exagerados mas sempre bem-humorados.

A gente não perde o humor de vista, então eu nada mais fiz do que transformar os personagens da vida real em retratos bem humorados. Então, em vez de eu lidar com o meu personagem Dito, o bendito eu desenhava... por exemplo, alguém da música que eu gostava muito, o Chico Buarque por exemplo. Você vai lá e transforma o Chico Buarque em uma caricatura, ressalta o que ele possa ter, do que as pessoas chamam de defeito. Mas não é defeito, é característica! É uma característica marcante das personalidades, várias características. Geralmente é o rosto que a gente coloca em primeiro plano na caricatura.

Eu desenhei muita gente, muitos artistas da música brasileira como por exemplo Sá, Rodrix e Guarabyra. O trio que foi depois a dupla Sá e Guarabyra e nos anos 2000 retomou como o trio que tinha sido, com Sá - Luiz Carlos Sá - Zé Rodrix e Gutemberg Guarabyra. E geralmente o pessoal da minha geração sabe que Sá e Guarabyra foram uma dupla que emplacou muitos sucessos, muitos hits principalmente na novela Roque Santeiro. Já faz 40 anos já, mas ele foi primeiro trio e como muita gente, muitos artistas da música brasileira, eles também aderiram à internet lá no começo dos anos 2000.



2023 Érico San Juan palestra no evento Entrelinhas (PUC - Campinas)

A internet estava começando a ficar mais desenvolvida, a facilitar a interação entre as pessoas pelas redes sociais. Uma das redes socis de 2001, mais ou menos, era as listas de discussão do Yahoo Grupos, que era... como se fossem as listas do WhatsApp de hoje em dia. Então, houve uma lista chamada M-Música, com músicos conhecidos ou nem tanto do Brasil inteiro, e era uma lista aberta. Eu entrei nessa lista como cartunista e me acolheram lá, não sei porque, mas eu me sentia a vontade no meio desse povo de música. E aí, pra me enturmar eu fiz uma série de caricaturas do pessoal da lista. E a última caricatura foi de Sá, Rodrix e Guarabyra. Todas as que eu fiz lá naquele momento...

O Zé Rodrix, que é o autor da Casa no Campo, gravada pela Elis, e o Guarabyra de Sá e Guarabyra, eles estavam na lista. E nesse momento, nos anos 2000 eles estavam retomando o trio Sá, Rodrix e Guarabyra. Eles tinham feito um show no Rock in Rio que gerou depois um disco ao vivo. E poucos anos mais tarde, um disco de músicas inéditas, celebrando o retorno desse trio que gravou dois discos e se separaram do Zé Rodrix, viraram a dupla Sá e Guarabyra. E nessa retomada eles me convocaram, assim, pra fazer a capa do disco de músicas inéditas. Do já CD de músicas inéditas do retorno do trio Sá, Rodrix e Guarabyra. Esse disco se chamou Amanhã, um disco digital. Hoje tem nas plataformas digitais, tá lá com a capinha que me pediram pra fazer o disco, o CD, e agora um álbum, uma playlist praticamente que é o Amanhã. Que infelizmente saiu depois da morte precoce do Zé Rodrix em 2010, mas tá lá. Por causa da caricatura do trio que eu tinha feito pra lista de discussão na internet. meio despretensiosamente, o Guarabyra se lembrou de mim anos depois de ter feito aquela caricatura e me chamou pra fazer a capa do CD. Foi uma maneira de me aproximar desses personagens da vida real.



2026 Érico San Juan palestra na Câmara Municipal de Mairiporã (SP)

Outras caricaturas que eu fiz do pessoal de música brasileira... Em 2011 foi celebrado o centenário do Noel Rosa. Influência definitiva do Chico Buarque, por exemplo. Dos primeiros sambistas que inventou a gramática do samba, por assim dizer, aqui no Brasil. Então foi feito um livro pelo Instituto Memória da Música Brasileira lá em Niterói. Um concurso primeiro, pra depois se fazer um livro com artistas, com caricaturas selecionadas do Noel Rosa. Pra celebrar o centenário dele com um livro e uma exposição lá em Niterói.

Nesse meu reposicionamento digamos assim, como um artista gráfico que não fazia só quadrinhos, mas queria fazer caricatura... A primeira caricatura que eu participei num concurso de humor gráfico que teve uma projeção foi essa que entrou, foi selecionada pra esse livro chamado Noel é 100. Com as caricaturas do Noel Rosa que é uma personalidade que foi exaustivamente desenhada ao longo de mais de cem anos... Então, era um grande desafio. Você imagina um livro que só tem caricaturas de um personagem só que foi muito desenhado ao longo dos anos? Foi feito esse livro com dezenas de artistas. E a minha primeira caricatura, além da que eu fiz pro CD e depois a capa do Sá Rodrix e Guarabyra, Amanhã, a outra caricatura de projeção foi essa do Noel Rosa.

Aí eu comecei a inscrever trabalhos pra outros concursos de humor gráfico, outros salões de humor. Eu também participei como cartunista, como desenhista de cartuns, não apenas de caricaturas. Várias vezes em exposições de um museu de humor gráfico lá de Buenos Aires, que se chama Diógenes Taborda. São trabalhos que a gente... Graças agora à existência da inter-

CONTINUA NA PÁGINA 7

ternet, eu sem sair de Piracicaba, eu consegui espalhar o meu trabalho por aí. Porque, quando eu comecei lá em 91, você tinha que mandar um trabalho aqui pro Salão de Humor de Piracicaba, tinha que desenhar o que se chamava de original. Com os materiais que desenhista usa pra fazer um cartum, uma caricatura, uma tirinha. Mandar aquele trabalho original que você fez de próprio punho, no papel todo bonitinho, bem acabadinho. Embrulhar lá num papelão, colocar o plástico-bolha pra proteger e mandar via correio pro Salão.

Aqui, morando em Piracicaba, claro que eu tinha vantagem, de... de repente vir pessoalmente no Centro de Humor, no Engenho Central e entregar o trabalho original nas mãos dos diretores do Salão. Só que a internet permitiu que os concursos de humor gráfico, não só Piracicaba mas em vários lugares do país e até do mundo, começaram a permitir o envio de trabalhos por e-mail. Então, isso facilitou não só com que eu me animasse a mandar muitos trabalhos... nem sempre selecionados, né, porque o concurso de humor gráfico tem seleção. E quando tem premiação, a gente consegue ser premiado é melhor ainda! Mas não só pra salões de humor que eu consegui entrar. Mandei trabalhos pra salões de humor que foram selecionados num salão de humor em Guaira, aqui no estado de São Paulo. Apesar que foi o único salão de humor de Guaira, uma edição só. Mas eu fui selecionado em salões de humor do Piauí por exemplo. Teve alguns salões menores aqui no interior de São Paulo também.

Não só pra salões de humor do Brasil e do mundo que o e-mail facilitou. A internet, a tecnologia facilitou pra gente. Mas também pra publicar meus trabalhos em livros. O próprio, no caso de CD, de disco... o próprio, a própria capa do Sá e Guarabyra, o contato que eu tive com eles lá, via lista de discussão. No primeiro momento, facilitou porque eu não precisei morar em São Paulo, no mesmo círculo deles pra de repente me fazer conhecer. Então, a internet no que tem de bom, ela socializa de verdade quem tá interessado em continuar a trabalhar para além da internet. A gente não deixa de mostrar a cara do nosso trabalho e mostrar a nossa cara.

A internet vamos dizer que é um passaporte pro mundo real e é uma ferramenta como a IA. Os desenhistas estão odiando, mas de alguma maneira a gente tem que se adaptar a isso, talvez nos próximos anos. Cada um com o seu tempo de absorção das tecnologias, mas a internet, o que tem de bom é que ela ajuda a gente a se transportar para o mundo real, que é o mundo da ação. E principalmente o mundo pra nós artistas, o mundo da criação, então é muito por aí. E a internet também facilitou o surgimento de criadores de conteúdo, como se diz hoje, no tempo... já posso falar isso: no meu tempo! No meu tempo de mais jovem se dizia que as pessoas de conteúdo eram que tinham bagagem cultural, humana, acadêmica. Mas conteúdo se dizia para pessoas que tinham...



2026 Érico San Juan na Câmara Municipal de Piracicaba (SP), na entrega de Moção de Aplausos por seus 35 anos de carreira, com o vereador Pedro Kawai (PSDB) e Kevin Freitas, presidente da AHA (Assoc. Amigos do Salão de Humor)



2018 Érico San Juan entre colegas jurados de seleção da edição 45 do Salão Internacional de Humor de Piracicaba

MEMORIAL AUDIOVISUAL DE PIRACICABA

O depoimento de Érico San Juan sobre seus 35 anos de carreira - transcrito parcialmente nesta edição do jornal CAPIAU - está disponível na íntegra no QR Code à esquerda, no canal do YouTube do MISP (Museu da Imagem e do Som de Piracicaba). O editor e artista piracicabano agradece a Rober Caprecci pelo registro.

listão DO SALÃO



Mostra Competitiva Principal: Artista selecionado
- 2004: Tiras / HQ
- 2005: Tiras / HQ
- 2006: Tiras / HQ e Charge
(Dupla seleção no mesmo ano)
- 2009: Vanguarda
- 2010: Tiras / HQ
- 2023: Temático (Crise da Meia Idade)
- 2024: Cartum
- 2025: Temático (Justiça Climática)

2. Comissões de Júri de Seleção: Participações
- 2006: Jurado de seleção do Salãozinho de Humor (Infantojuvenil)
- 2008: Jurado de seleção do Salão Principal (35ª edição)
- 2016: Jurado de seleção do Salão Principal (43ª edição)

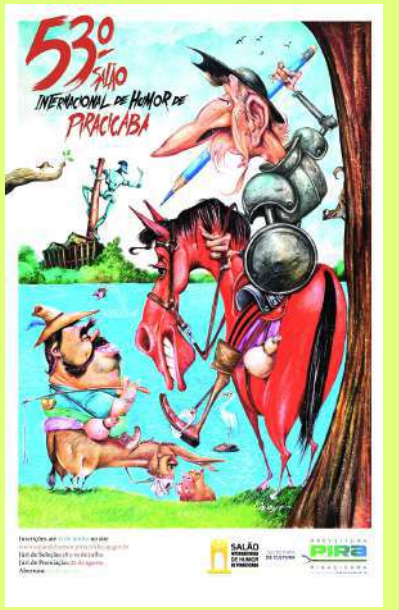
3. Mostras Paralelas Individuais e Curadorias
- 2002 (Curador): Rio, uma página do humor em Piracicaba — Reuniu 1 ano das páginas editadas por ÉSJ e publicadas na Tribuna Piracicabana (Engenho Central)
- 2008 (Curador): PiraTiras — Coletiva de tiras locais da página semanal do Jornal de Piracicaba (Engenho Central)
- 2011 (Artista / Individual): 20 anos de um pamonha de Piracicaba — Mostra retrospectiva de sua carreira profissional (Casa do Povoador)
- 2026 (Curador): **Caipiras de Salão** (Shopping Piracicaba)
- 2026 (Artista / Individual): **35 Anos de Humor Capiau** (Engenho Central)

4. Mostras Coletivas Locais
- 1998: Óia nóis! (Teatro Municipal Dr. Losso Netto)
- 1999: Pamonhas de Piracicaba (Engenho Central)
- 2000: Pamonhas à Vista! (Engenho Central)
- 2001: Pamonhas de Piracicaba (Engenho Central — Cancelada)
- 2015: Pamonhas de Piracicaba (Shopping Piracicaba)
- 2023: Pamonhas ainda! (Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto)

5. Mostras Coletivas Ampliadas: Artistas Nacionais e Internacionais
- 2010: Futebol
- 2013: Dupla Face
- 2015: Um desenho para Charlie
- 2015: Eu rio das Lontras
- 2016: Shakespeare desenhado
- 2023: 50 anos 50 mãos (Cinquentenário do Salão)

Todas as exposições acima foram realizadas no Parque do Engenho Central

53º Salão de Humor
TEM EXPOSIÇÃO DE ÉRICO SAN JUAN



Uma das atrações da programação do 53º Salão Internacional de Humor de Piracicaba é "35 Anos de Humor Capiau", exposição de Érico San Juan no Armazém 8A do Engenho Central. A mostra apresenta tirinhas, caricaturas e momentos marcantes das suas três décadas e meia no humor gráfico. O artista piracicabano e criador e editor do jornal de humor CAPIAU, encarte mensal da Tribuna Piracicabana. Todas as exposições do Salão tem entrada gratuita.

35 anos de humor EM ALGUMAS LINHAS

Érico San Juan é natural de **Piracicaba**, SP, nascido em 1976. **Ilustrador** profissional desde 1991. **Tecnólogo** em **design** gráfico (Unimep) e **radialista** locutor (Senac – DRT 36.696). Seus **trabalhos** integraram **30 livros** e **80 exposições**, entre elas a **Bienal Internacional da Caricatura** do Rio de Janeiro e no **Memorial da América Latina** (SP). No **Salão de Humor de Piracicaba**, foi 8 vezes **artista selecionado** e 2 vezes **jurado de seleção**. Em 2023, atuou como **chargista convidado** do programa **Roda Viva**, da TV Cultura (SP), no programa com o Ministro do **STF** Gilmar Mendes. É **editor** do jornal de humor impresso **Capiau**, encartado mensalmente no jornal A Tribuna Piracicabana. Apresentou na TV Metropolitana de Piracicaba o **Ilustre Podcast** e o programa Capiau. Atual host do **podcast Curto**.

AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA
JORNAL capiau
@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 33 | Ano III | 29|08|2026 | Especial ARTISTA DE SALÃO
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Colaboradores desta edição: Paulo Vitale, Eduardo Baptistão, Nadja Kouchi, Guilherme Leite (fotos), Rober Caprecci (captação depoimento Misp)
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

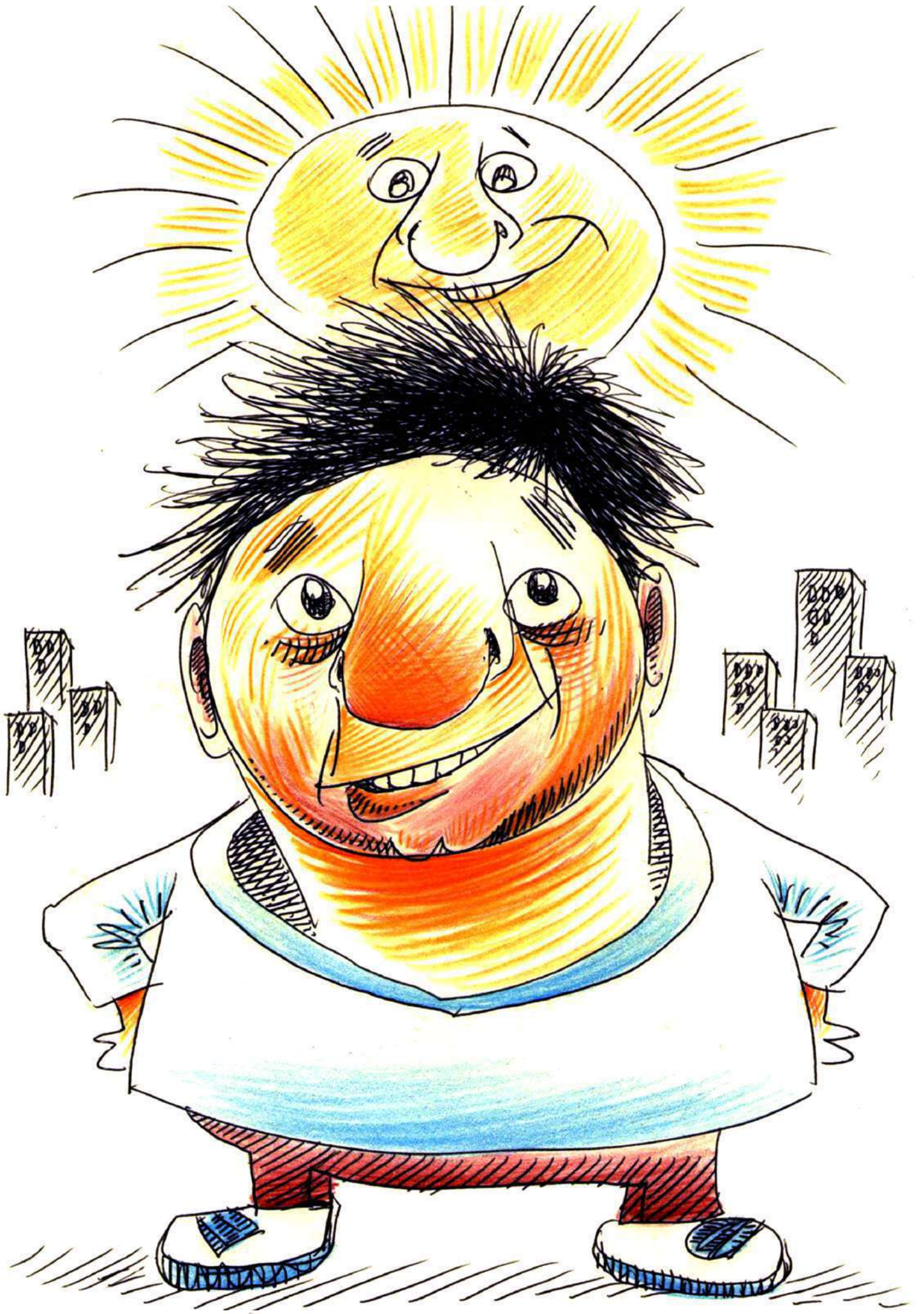
Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 34 | 26|09|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL CAPIAU

Épico San Juan
35anos
deHumor
1991 - 2026 | PARTE 9

TIRINHAS CRÔNICAS



CARICATURAS CHISTES

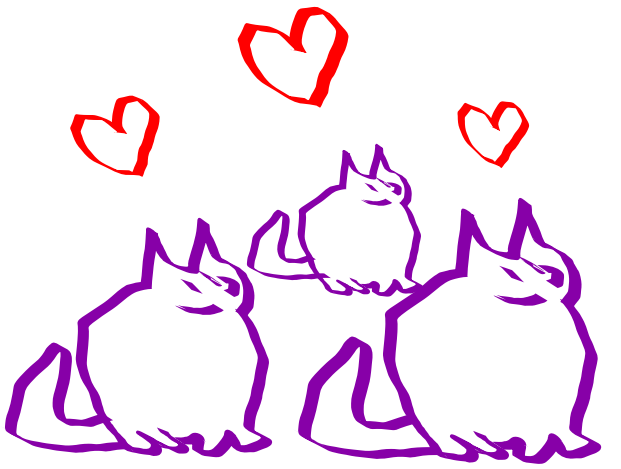
FÁBULA cheia de moral

O cachorro louco

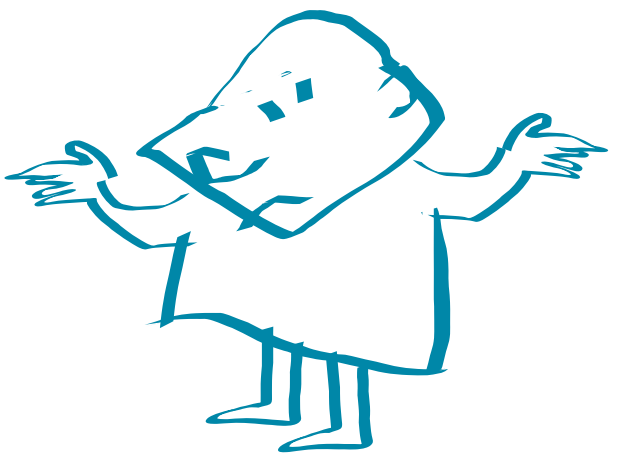
Era uma vez um cachorro
que tinha fama de louco
dentro de sua casa.



Era um cachorro que recolhia
seu cocô e xixi feitos nas árvores,
não mexia com gatos e lavava
as patas antes de comer.



O dono do cachorro chegou
pra ele e perguntou o porquê
do cachorro fazer essas coisas
loucas que cachorro não fazia.



O cachorro olhou pro seu dono.
E se perguntou o porquê do dono
fazer essas coisas loucas que
humano fazia, como conversar
com cachorro e esperar uma
resposta igual à de gente.



NA MORAL? De humano e louco,
o cachorro não tem nem um pouco.

Outras histórias como a acima estão no livro **Fábulas cheias de moral**, criadas e ilustradas pelo editor deste jornal CAPIAU (ed. do autor, 2020).
A obra está esgotada, mas o escritor da obra nunca, jamais!
Quem sabe em breve o pocket book não ganhe uma nova edição?
Afinal, quem conta um conto, pode contar muitos mais, em outros livros!

editorial PESSOAL

O humor de Salão abriu temporada de exposições em agosto passado, por meio do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. O jornal CAPIAU, editado por este que aqui digita desde 2023 na **Tribuna Piracicabana**, junta-se aos artistas que participam do Salão ano após ano. O evento de 2026 abriu espaço para reflexões gráficas sobre a IA. Uma opção interessante dos cartunistas foi o envio de trabalhos originais, em quantidade maior que a de Salões anteriores. Uma afirmação de originalidade, sem trocadilho. Além da mostra anual competitiva no Engenho Central, o Salão de Humor trouxe mais de uma dezena de exposições paralelas, temáticas ou dedicadas a artistas gráficos. A edição anterior do jornal CAPIAU registrou trabalhos do seu editor integrantes de sua expo de 35 anos de carreira. E assim segue o mais tradicional evento de humor gráfico mundial, resistindo a tempestades de ocasião.

ÉRICO SAN JUAN
editor do jornal CAPIAU
na Tribuna Piracicabana



RESENHA

de quem desenha

por Érico San Juan

O *cantautor* paulistano, pai de Tim Bernardes e *vintage* por natureza, lançou novo álbum nas plataformas

O DIA de falar DA GIRAFA



Várias vezes botei terno e gravata de jornalista, simulei autoridade de crítico, fingi um grave pigarro. Para quê? Para falar dos discos do Mauricio Pereira. Ora, ora!

Conheci o trampo do cara ainda em vinil. No final do LP e no LP final da banda Os Mulheres Negras, composta por ele e André Abujamra. Outros me apontariam o dedo nesta altura do texto. E diriam que cometi um nariz de cera. O Pereira é jornalista, sabe do que estou falando. Mas jamais me empunharia o indicador. Muito menos o dedo do meio.

E antes que este texto se torne um textão, devo declarar que o dom da palavra pertence ao nosso artista. Independente, paulistano, pai de três artistas, adepto do café com leite, defensor do coração do cidadão comum.

Os discos autorais? A saber, a ouvir: *Na tradição, Mergulhar na surpresa, Pra Marte, Pra onde que eu tava indo, Outono no sudeste*, o atual *O dia da girafa*. Os álbuns refletem os momentos de dureza e poesia, as catarses contidas, o estado bem-humorado, a timidez disfarçada no discurso articulado. Tão bem-articulado que o levou a fazer o programa que é sua essência: Música Falada.

A rádio Eldorado, que acolheu a hora semanal de Maurício, acabou. Mas conseguiu acolher a primeira "música de trabalho" da nova coleção de canções do sessentão: Casamata de amoreiras, estreada no Som no Pino, de Roberta Martinelli.

E chegamos ao *Dia da Girafa*! O autor do cancioneiro nascido em playlist nas plataformas digitais declarou que a pandemia o retirou da condição de cronista. Que o levou a desovar textos sem tanta linearidade. Que o sentido agora comporta as duplas interpretações. Além da interpretação dele mesmo.

É pra dar minha suspeita opinião? Aqui vai ela.

Os questionamentos e divagações do mestre encabulado soam suaves. A roupagem sonora dos "moleques" que o cercam não soa tolamente juvenil. Porque Mauricio Pereira sempre quis mostrar que é pop. "Quanta barbaridade" é pop. E "A professora de melancolia" é o exemplo clássico, o que é diferente de ser vintage, adjetivo fofo reservado aos meia-idade do novo século.

Os singles da coleção de músicas mauriciana - Casamata e O Leme é um lugar genial - já disseram ao que o disco veio. "As nuvens, nuvens, nuvens", "Uma vida standard", "Eu trago o coração vazando" e a própria "O dia da girafa" cumprem o papel de instigar o ouvinte de qualquer tempo a degustar o tempo do compositor.

Ouçam *O dia da girafa*, inclusive as canções que deixei de citar. De propósito, a propósito. E mais não digo. Ou melhor... digo minha conclusão. Sobre Mauricio Pereira.

Antes, eu achava que as músicas, a verve, o talento do artista eram bacanas. Mas o disco novo me fez perceber algo de que eu já desconfiava. O cancioneiro-pereira não é somente bacana. É também bonito, ferozmente bonito.

Pronto. Já posso afrouxar a gravata.

P.S.: Em setembro, foi anunciado o retorno triunfal da rádio Eldorado. E do programa do Mauricio Pereira.

BENDiTOS de ANTANHO

Em 2018, as tirinhas de DITO, O BENDITO de Érico San Juan ganharam uma exposição na Biblioteca Zink, em Campinas (SP). *25 Anos de Tiras Benditas* trouxe ao espaço uma seleção de quadrinhos do personagem desde 1993, ano de sua estreia no Jornal de Piracicaba. Nesta página e na seguinte, algumas tiras da mostra, exatamente como foram expostas à época.









Podcast CAPIAU de volta ao YouTube









O jornal de humor CAPIAU, encarte mensal da Tribuna Piracicabana, continua gerando frutos. Em 2025, nasceu o podcast homônimo do jornal, com 18 episódios semanais apresentados por Érico San Juan, editor do CAPIAU. Produzido nos estúdios da TV Metropolitana de Piracicaba, trouxe entrevistas com cartunistas que colaboraram com o encarte da Tribuna. Nomes conhecidos em jornais, revistas, livros, televisão, salões de humor e internet conversaram à distância com San Juan no programa. Os episódios da temporada tiveram Amorim, Orlando Pedroso, Samuca, Attílio, Hippertt, Ulisses, Orlandeli, Renato Peters, Lucas Leibholz, Elias Dias, entre outros.

Em 2026, para celebrar a edição 53 do Salão Internacional de Humor de Piracicaba e os 35 anos de carreira de Érico San Juan, o podcast CAPIAU traz novos episódios em temporada especial. As gravações agora são feitas nos estúdios Younik, em São Paulo. O host do programa divide a apresentação com Fernando Vítolo, escritor e comunicador, autor de livros em parceria com o jornalista Heródoto Barbeiro e o roteirista e ilustrador Flavio de Souza. As novas entrevistas do podcast trazem convidados em duplas, compartilhando histórias e reflexões de suas carreiras com Érico e Fernando. Para ver o CAPIAU, acesse o QR Code à esquerda!



por Érico San Juan

CRôNICAS
anacrônicas

A história da história

Dei tchau para um amigo. E olhei para o lado.

Um dos gatos da casa dormia. O quilométrico Gordo. Roncava no lugar mais improvável. Uma esteira de ginástica!

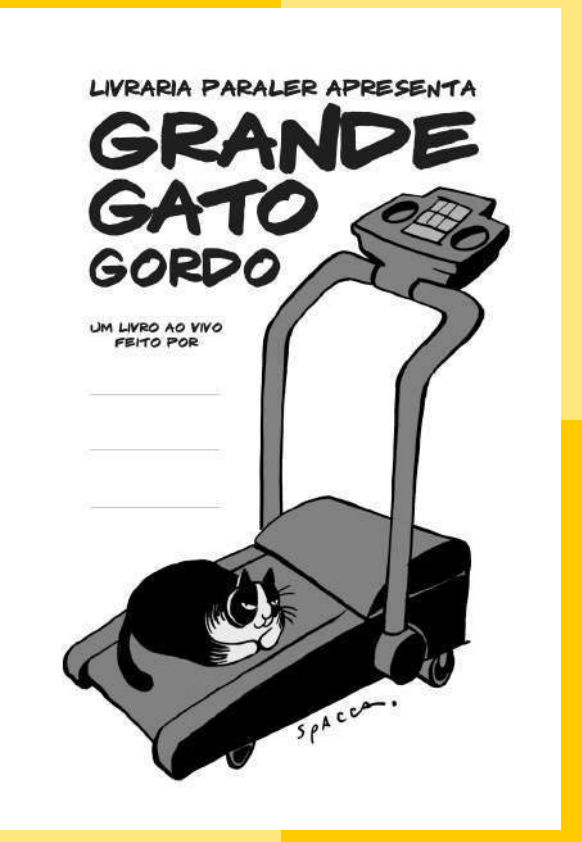
Que cena! Tão engraçada, que pedi para o amigo desenhar aquilo.

De volta pra minha casa, inventei uma oficina de arte. Onde crianças inventariam um livro infantil. Tendo como mote a cena do gato na esteira. Desenhada pelo amigo.

O amigo era, ainda é o cartunista Spacca. A livraria da oficina, a ParaLer, ficou na memória. O Shopping Piracicaba, local da livraria, continua aberto.

A obra criada na oficina de arte? O Grande Gato Gordo. Teve tarde de autógrafos e tudo. Com as crianças que inventaram o livro. Na livraria, no centro de compras.

Tudo isso aconteceu em 2008. Dezoito anos depois, lá estava eu no mesmo Shopping. Fazendo caricaturas ao vivo. No espaço físico da exposição Caipiras de Salão.



(A mostra é realizada pelo Salão de Humor de Piracicaba. Com minha curadoria. Apoiada pela Tribuna Piracicabana. E pelo jornal de humor Capiau. Editado por mim).

No meio da tarde, desenhava uma moça. Que olhou para a mãe, abriu um sorriso tímido e me revelou:

- Fiz oficina com você.

Puxei pela memória. Foi no Shopping? Ela confirmou.

- Você esteve na oficina? Do livro do gato?

- Sim. Eu tinha oito anos!

A moça à minha frente se tornou arquiteta. A autora infantil de outrora trabalhou com patrimônio histórico.

E olha o que ela achou. Um oficineiro. Um caricaturista. Uma antiguidade!

O livro da oficina foi preservado pela escritora de ocasião. Que disse ainda o seguinte:

- Ah. Eu tenho dois gatos gordos!

O Gordo que inspirou o livro deve estar ronronando de felicidade. Agora o felino não está numa esteira. Mas numa nuvem afofada. Lá nos confins da memória. E da imaginação.



Pitacos de verdade

No tempo em que os animais falavam, muitos deles queriam falar por meio de caracteres impressos. Os palpiteiros por vezes animalescos escreviam cartas que o correio enviava aos jornais. E queriam que seus palpites integrassem as seções a que tinham direito, ao lado dos editoriais e das opiniões dos colunistas. Mas a direção dos pitacos mudou. A internet surgiu, os leitores mudaram de nome, passaram a ser internautas, em muitos casos até mudam de nome de verdade. Nos comentários das redes sociais, sentem-se os donos, os proprietários da verdade. Mas só conseguem alugar quem se dispõe a le-los.

CARICATURAS
em quadrinhos



RENAN GARCIA
Canal Vila do Chaves
(YouTube)



CARLOS MAFIA
Plugado Podcast



PEDRO BEXIGA
Salada Cast



ANDRÉ PIUNTI Jornalista sertanejo e podcaster

































AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 34 | Ano III | 26|09|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 9
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Capa: Ilustração do cartaz da exposição Mais Caricaturas de Ninguém de ÉSJ, realizada na Universidade Metodista de Piracicaba em 2014
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

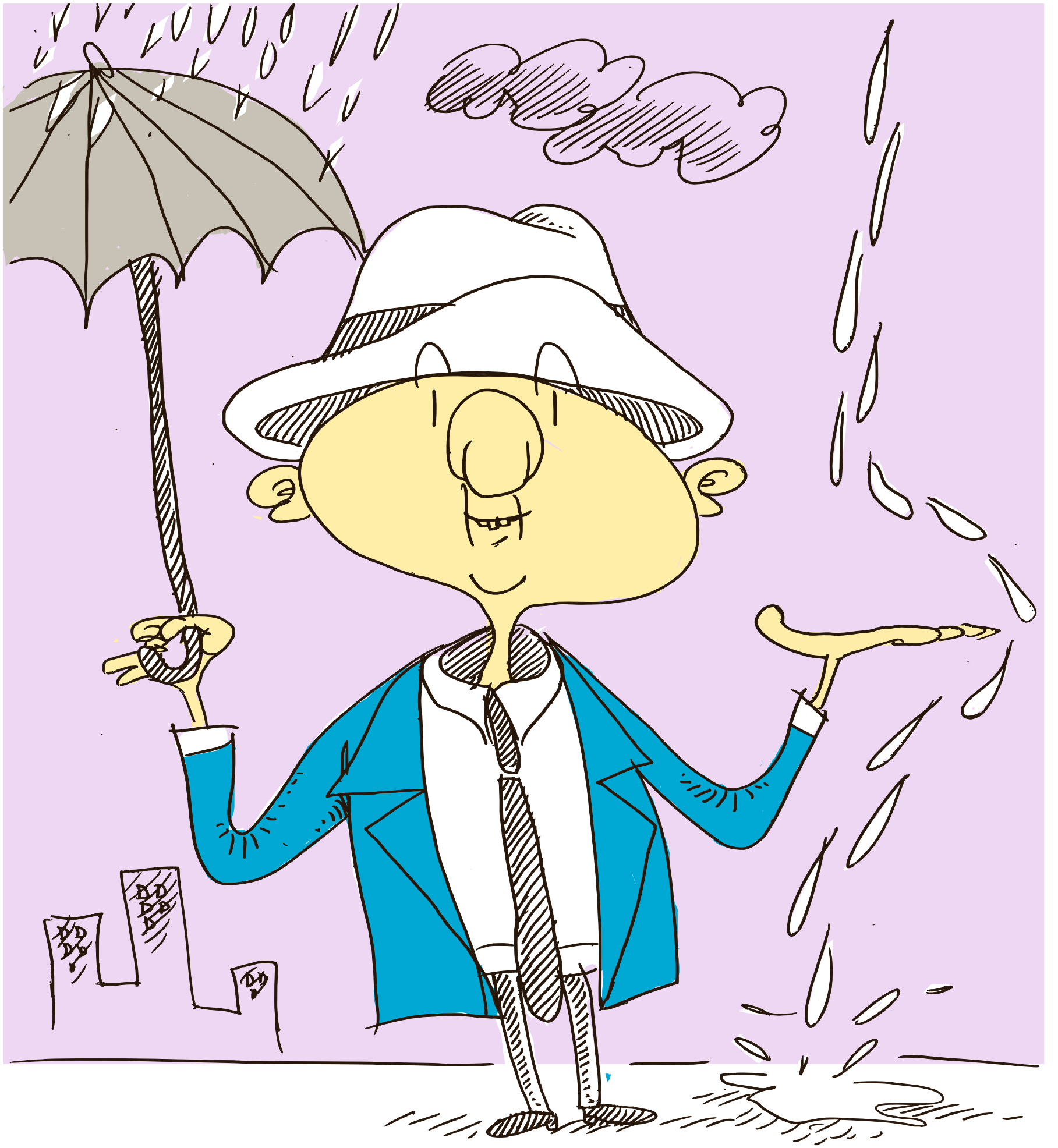
AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 35 | 31|10|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL CAPIAU

Épico San Juan
35anos
deHumor
1991 - 2026 | PARTE 10



EDITORIAL
mais que pessoal

O jornal CAPIAU chega à edição 35. O número é o mesmo de anos de carreira deste que aqui digita. Se 35 é um número inimaginável para quem sequer chegou aos 35 de nascido, o número parece impossível de ser alcançado por impressos periódicos na atualidade, na qual veículos morrem na praia com a fúria das ondas.

E falando em ondas, pode-se falar inclusive de bolhas... afinal, é tudo um aguaceiro só. Mas a sobrevivência de certos humores é um sinal de nem tudo são flores, porém não somente espinhos.

Antes que a reflexão acima comece a tomar ares de poesia involuntária, as linhas que se desenham enquanto você as lê anunciam o previsível: o humor impresso com sotaque universal continuará dando as caras neste espaço. E as bocas também. **O editor**

Dias melhores verão

CRÔNICA
anacrônica



por Érico San Juan

Verão, né? Para viagens, não tem estação melhor. Vocês verão chuvas a todo momento, tão intensas que parecem viagens de imaginações delirantes. Haverá veículos pelas rodovias, sintonizando estações de rádio que mudam a cada perímetro urbano percorrido. Tartarugas serão vistas estradas afora: não as amarelas, que diminuem a velocidade de veículos, mas os acinzentados carros e motos e caminhões inibindo a passagem uns dos outros nas vias congestionadas. Eles, sim, serão as verdadeiras tartarugas do verão.

A estação que nos diz respeito, ao menos nesse janeiro, é a que nos faz suar com o sol (sem protetor solar) e nos molhar com a enxurrada (sem guarda-chuva). Aos destemidos cidadãos de bem sem olhar a quem, resolvidos a não pegar um sol por aí, resta a atividade doméstica de sempre. A atividade de quem resolveu passar as férias entre as quatro paredes do lar, tão doce lar.

Existem muitas formas de emissão de suor num verão doméstico, talvez domesticado, já que você foi o único que insistiu em ficar em casa nas férias. O primeiro gotejar do dia vem da necessidade urgente de abrir a janela, para receber aqueles maravilhosos raios solares no seu rosto semi-acordado. Para não contrariar sua imagem familiar de humor contrariado, você é obrigado a soltar a palavra "Raios!" Sem a sagrada família por perto, arrisca-se a balbuciar palavrões ligeiros. Sussurar, apenas, porque os movimentos labiais de um início de dia não obedecem à cabeça quente.

A batata vai assar, ah vai. Não literalmente, você odeia batata. Por força de expressão e por intuição, a batata vai assar... ah, se vai. Antes, vem o pão, que não é de batata. E pão requentado no microondas, que a preguiça de ir à padaria de todo santo dia é grande. Também, com esse sol escaldante...

A inspeção dos ambientes da casa recomenda cuidado. Vai que você tropeça em alguma poça sobrevivente da geladeira descongelada na noite anterior. Mas o quase-tombo vem do contato do chinelo com uma poça amarela. Poça da gata que você temeu que fugisse de casa e a deixou na cozinha. E vai ela e solta as gotas formadoras da tal poça. E esse suor que não para!

O suor a ser emanado do seu corpo nada atlético virá da faxina dos cômodos da residência. Pensou que ficar em casa nas férias seria cômodo? Balde, desinfetante, rodo, pano, sabão em pó, vela acesa pro santo... apetrechos a postos, e vamos lá. Algumas horas depois... tudo limpeza, doutor.

Almoço macro requentado em microondas, e eis que o morador em férias sente-se apto a sentar ao computador. Mas espera... é hora do almoço aos felinos, depois roupa pra lavar. E não esquece o amaciante, ou não adianta colocar a roupa na máquina! O goiabão que não ouse esquecer de catar as goiabas no chão, caídas do pé. E ainda bem que não cai jaca no seu pé. E não meta o pé na jaca por aí, que não vai ter ninguém pra ajudá-lo a voltar pra casa...

Entre primeiras e terceiras pessoas, presentes numa pessoa só, o dia a dia de um exilado doméstico mal passou do primeiro dia. Isso não soa bem. Já o nobre cidadão, cansado por antecipação, vai suando muito bem, obrigado. Transpiração sem a menor inspiração. Talvez haja alguma piração ao final das férias de verão. E com umas rimas e uns trocadilhos pobres que só vendo. Vocês verão?

POSTADO ORIGINALMENTE NO BLOG DO AUTOR EM 21/01/2013

AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU





CURSO DE DEBATE NA INTERNET - aula prática

BENDiTOS de OUTRORA

A exposição *25 Anos de Tiras Benditas* levou a Campinas, na Biblioteca Zink alguns quadrinhos publicados nesta página. Na data de abertura da mostra, em 2018, estreou um documentário com o criador de Dito, o bendito e seus contemporâneos. Depoimentos de jornalistas e cartunistas estão no doc, ainda disponível no YouTube.









RESENHA
de quem desenha

por Érico San Juan



IVAN LINS
agora e sempre

"Meu problema é de piano". O trocadilho é de Tom Jobim, que adorava a mãe mas curtia um piano, o que o mundo inteiro sabe. Um pianista popular, cancionista de primeira que se tornou o segundo Tom Jobim do mundo, é Ivan Guimarães Lins.

Curto Ivan desde criancinha. Desde o tempo em que "curtir" não era verbo de rede social. Ouvi primeiro a fase dos hits infalíveis das novelas da TV Globo. Um sucesso de 1985, Vitoriosa, saiu naquele disco de capa de fundo vermelho. Ivan de blaser e mãos nos bolsos, pose jovial e óculos redondos, cara amigável e sorriso terno sem gravata. Este que vos digita arregalava os olhos para a letra de Vitor Martins. Em 85, desejo não era declarável abertamente em letra de canção popular. Mesmo com elegância.

Naqueles anos de Nova República - com vice-presidente assumindo o pais de barba, cabelo e bigode - Ivan Lins adaptava-se ao pop-rock predominante no mercado de discos, os hoje lendários vinis. A banda do pianista tinha teclados, guitarra, baixo e bateria. A voz aguda, o entusiasmo, a intensidade nos palcos renderam ao artista uma fama injusta de exagerado. Pensar que Ivan, nos primeiros elepês da carreira, se esforçava pra cantar ao estilo Motown, rasgando a voz. Nessa época, o exagero interpretativo era moda.

Já adulto, descobri o primeiríssimo disco de Ivan. Ignorava que ele tinha investido num som suingado, bem antes da fase pop-80: precisamente em 1970. Nunca pensaria em achar o elepê "Agora" perto de um poste, junto a outros vinis, largados por um vizinho antimusical. O disco "Agora" tem o sucesso que faria a cabeça de Elis Regina e Sarah Vaughan: Madalena, parceria de Ivan com Ronaldo Monteiro. O amor é meu país, também com Ronaldo, revelaria o "cantautor" para o Brasil, num festival da canção da Globo. E a pérola que me faria eleger o elepê como favorito é Corpo-folha ("qual seu corpo solto por aí..."), outra canção com o parceiro da época.

Aos poucos, entre visitas e espirros em sebos de vinis, comprei aqueles elepês com capas duplas de Mello Menezes, o ilustrador da "fase política" de Ivan, fase em que o barbudo quatro-olhos juntou-se a Vitor Martins, barbudo bom de caneta. Alguns anos adiante, eles se juntariam para criar uma nova gravadora, a Velas. Nesse momento de fim dos anos 70, porém, ficariam na música. Ou melhor, nas músicas: A noite, Desesperar jamais, Ituverava, Qualquer dia, Choro das águas, Novo tempo...

Desse tempo, haveria um episódio marcante envolvendo o carioca e minha cidade, Piracicaba. Em 1978, na inauguração do principal teatro da terra da pamonha, houve um espetáculo de Ivan. Na música Somos todos iguais nesta noite, ele chamou ao palco os operários, construtores do lugar. Quando me contaram o episódio, as lágrimas correram. O rosto do chorão aqui parecia o Rio de Lágrimas do Tião Carreiro.

O compositor voltaria aos meus ouvidos com os CDs da trilogia "Vivanoel". Com típico entusiasmo, descrito nos encartes pelo jornalista João Máximo, Ivan gravaria Noel Rosa, sambista-mor desse Brasilzão de Deus. Onde está a honestidade e Seja breve são as gravações mais engraçadas dos discos. E de Meu sofrer e Para atender a pedido, as mais pungentes.

A partir de sua "descoberta" por Quincy Jones, produtor de Michael Jackson, Lins caminhou ao sucesso globalizado, ocupando espaços outrora exclusivos de Tom Jobim. A sofisticação do cancioneiro do autor de Abre-alas rendeu a este a condição de novo clássico da new bossa.

Mesmo com esse trânsito pelo mundo, ele seguiu gravando CDs dedicados ao gosto brasileiro, como o natalino "Um novo tempo". A canção Papai Noel de camiseta, de Celso Viáfora, daria início à parceria de Ivan com o paulista, consolidada em "A cor do por do sol", de 2000, com várias músicas dos dois.

Uma amostra do Ivan bossanovista está em "Íntimo", de 2010. "Intimate" é o nome original do trabalho, feito para ouvidos internacionais. Mas o artista resolveu presentear os fãs brasileiros, lançando o CD aqui, via Som Livre. A voz sussurante do sessentão junta-se às vozes e instrumentos de artistas "made in world". O repertório traz canções recentes (Dandara, com Francisco Bosco; Sou eu, com Chico Buarque), misturadas às novas parcerias com Vitor Martins (Arrependimento e Tanto amor).

Meu último contato com Ivan Lins se deu além da música. Há 14 anos, resolvi fazer uma caricatura do cidadão. E mandei uma cópia do "meu" Ivan ao Ivan real, que respondeu publicamente em seu Facebook. Uma versão do desenho de 2017, eu pude entregar em mãos ao músico no Teatro São José, em Piracicaba, no mesmo ano. A gentileza se repetiu, com foto e tudo, a foto desta página.

Além da caricatura, deixo ao Ivan esse artigo, como um obrigado por tantas canções, tanta vida, tanto piano.

CARICATURA

também é memória



BENITO Di PAULA
1941 - 2026

TiTO é bonito?



PUBLICIETÁRIO



PUBLICIETÁRIO



TiTO é bonito?

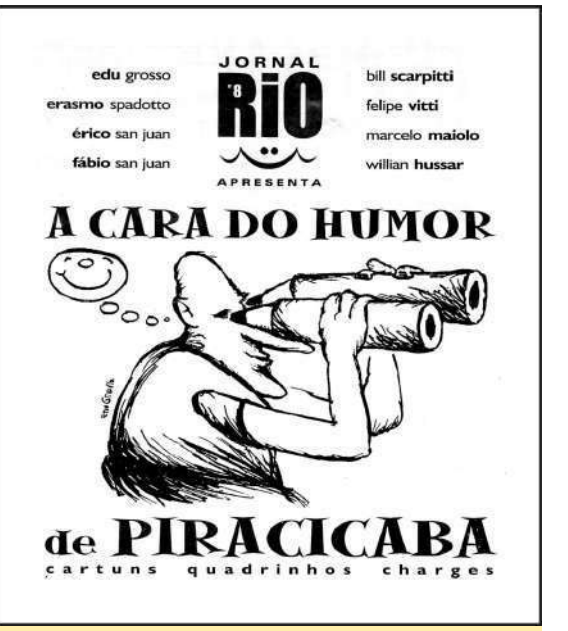




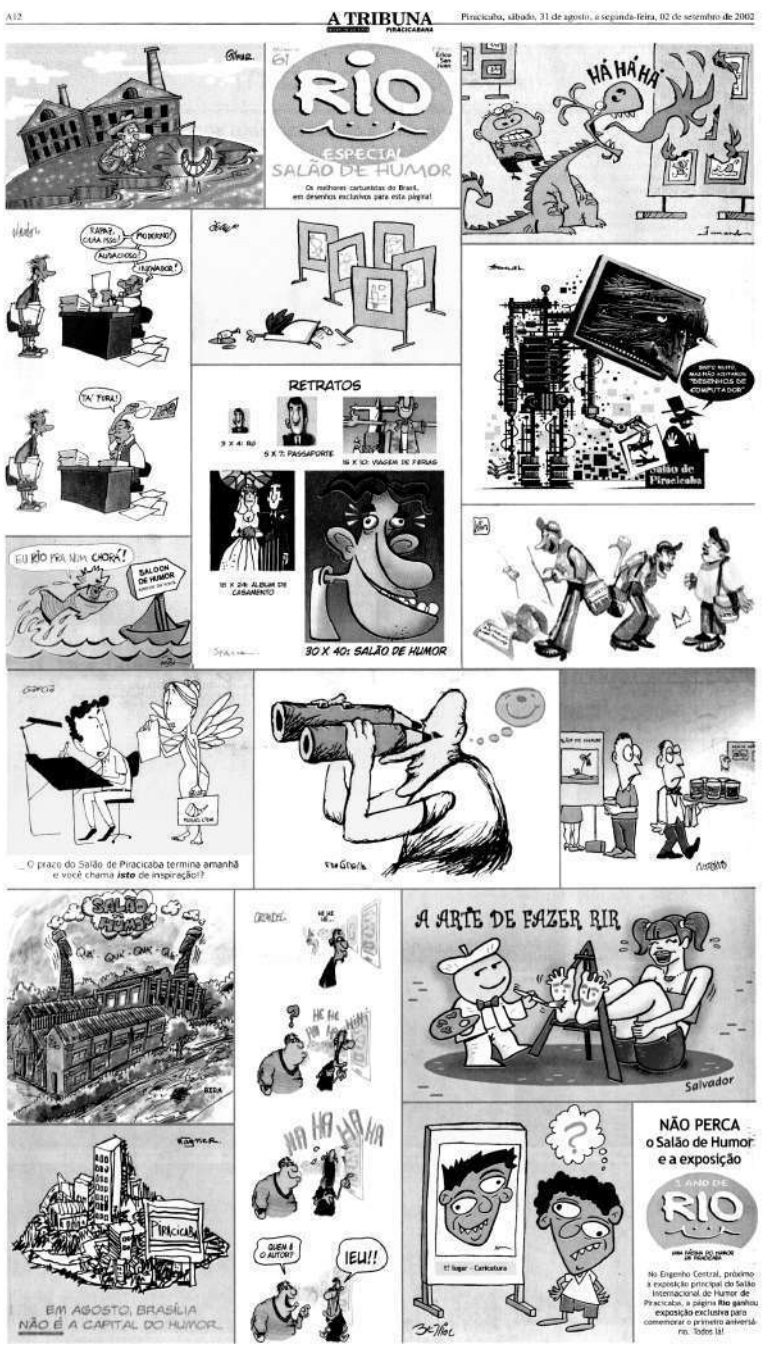
25 ANOS

de humor impresso

NA CAPITAL DO HUMOR



Em 06 de julho de 2001, o cartunista Érico San Juan publicou n'A Tribuna Piracicabana a primeira página semanal de humor Rio. A ideia surgiu após sua presença no festival VotuRiso, promovido em Votuporanga pelo jornalista e cronista Artur de Carvalho. Ambos participavam da lista ImagoDays, criada na internet pelo ilustrador Kipper. O contato na lista com cartunistas brasileiros e o encontro com estes em Votuporanga motivaram San Juan a criar a página na Tribuna, após deixar sua colaboração diária no Jornal de Piracicaba com a tira Dito, o bendito. A página Rio durou 86 edições até março de 2003, com a colaboração ativa de alguns colegas da lista.



Em outubro de 2003, o criador da página Rio publicou o primeiro jornal de humor Rio. A edição mensal independente teve como parceiros iniciais Fábio San Juan e Edu Grosso. O tablóide Rio durou 9 edições até agosto de 2004. Em 2026, a Marca de Fantasia publicou a coleção do jornal numa edição única em fac-símile, disponivel gratuitamente no site da editora. De 2007 a 2011, Érico San Juan criou e editou o Caricaras. Distribuído em eventos, o jornal tinha um espaço nas capas para caricaturas ao vivo desenhadas pelo autor. Em 25 de novembro de 2023, a página de humor semanal Capiau, sucedida pelo jornal mensal homônimo, trouxe de volta o humor gráfico à Tribuna Piracicabana, pelo mesmo editor de Rio e Caricaras.





IMAGENS: ALTO DA PÁGINA (esquerda para a direita): Capas do jornal Rio: primeiro e último número. Edições publicadas em outubro de 2003 e agosto de 2004. Design das capas de Érico San Juan, ilustrações de Edu Grosso. ACIMA (lateral esquerda e direita): Capas do jornal Caricaras: primeiro e último número. Edições de 2007 e 2011. Design de capa, logotipos e vinhetas de Érico San Juan. ACIMA (centro): Página Rio 61, publicada na Tribuna Piracicabana em 31 de agosto de 2002. Edição e design gráfico de Érico San Juan









desenha**RESENHA** Fernando Vítolo | Érico San Juan









desenha**RESENHA** Fernando Vítolo | Érico San Juan

















AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 35 | Ano III | 31|10|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 10
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Colaborador desta edição: Fernando Vítolo | **Capa**: Ilustração da exposição Mais Caricaturas de Ninguém de ÉSJ, realizada na Unimep em 2014
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

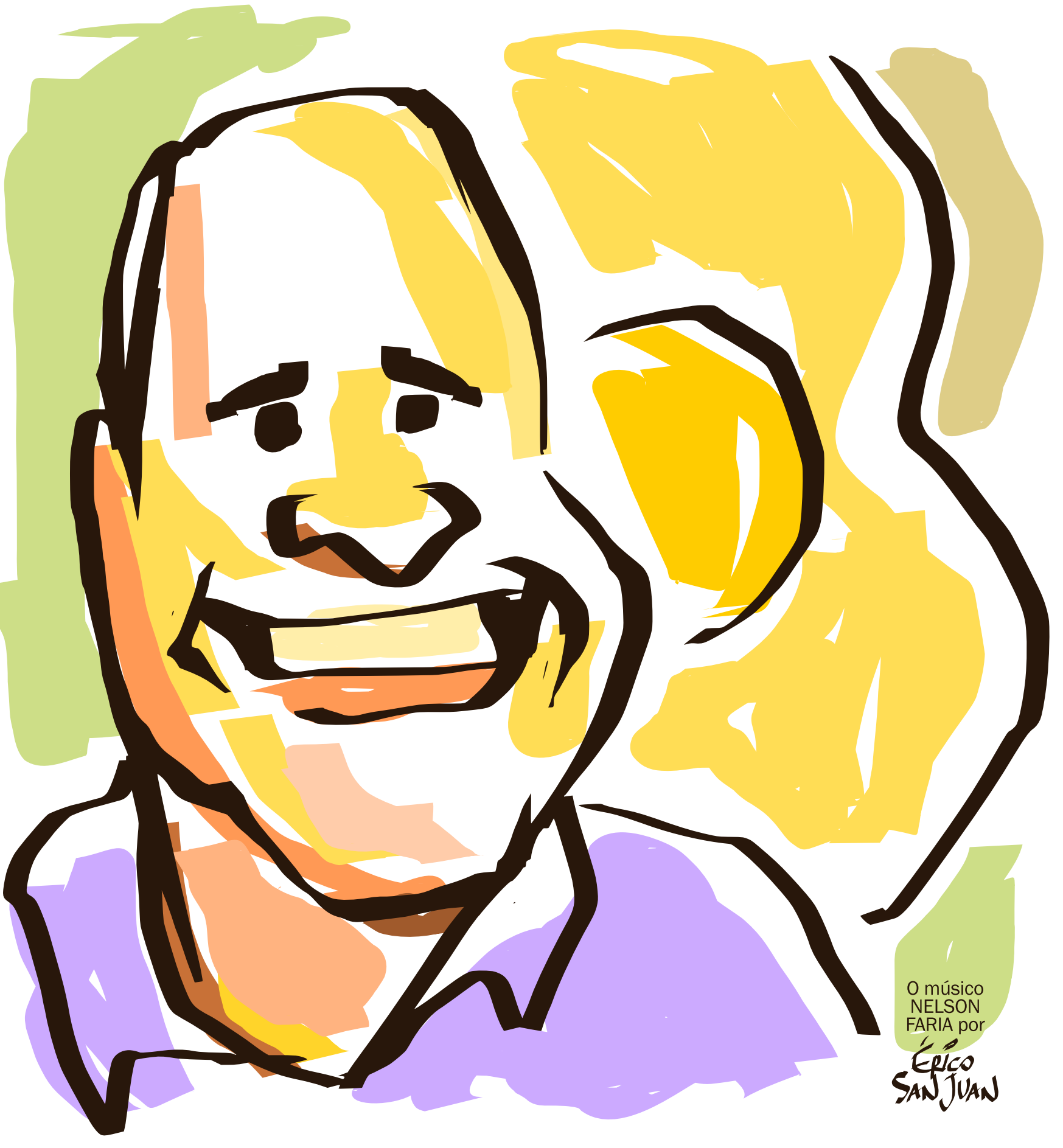
AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

Encarte mensal de
A TRIBUNA
PIRACICABANA

Nº 36 | 28|11|2026
HUMOR COM SOTAQUE UNIVERSAL

JORNAL capiau

Épico San Juan
35anos
deHumor
1991 - 2026 | PARTE 11

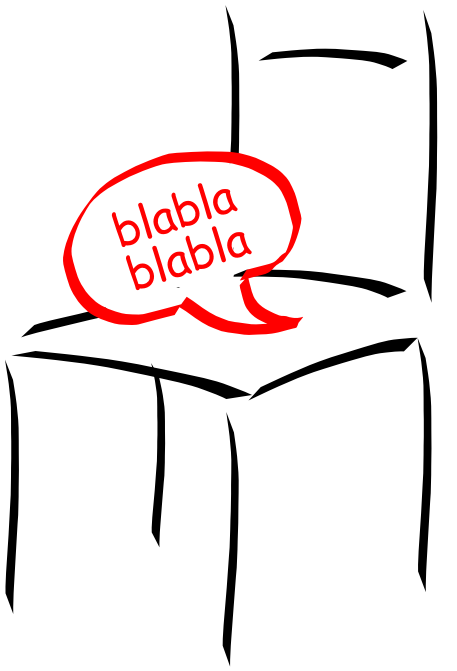


O músico NELSON FARIA por Épico San Juan

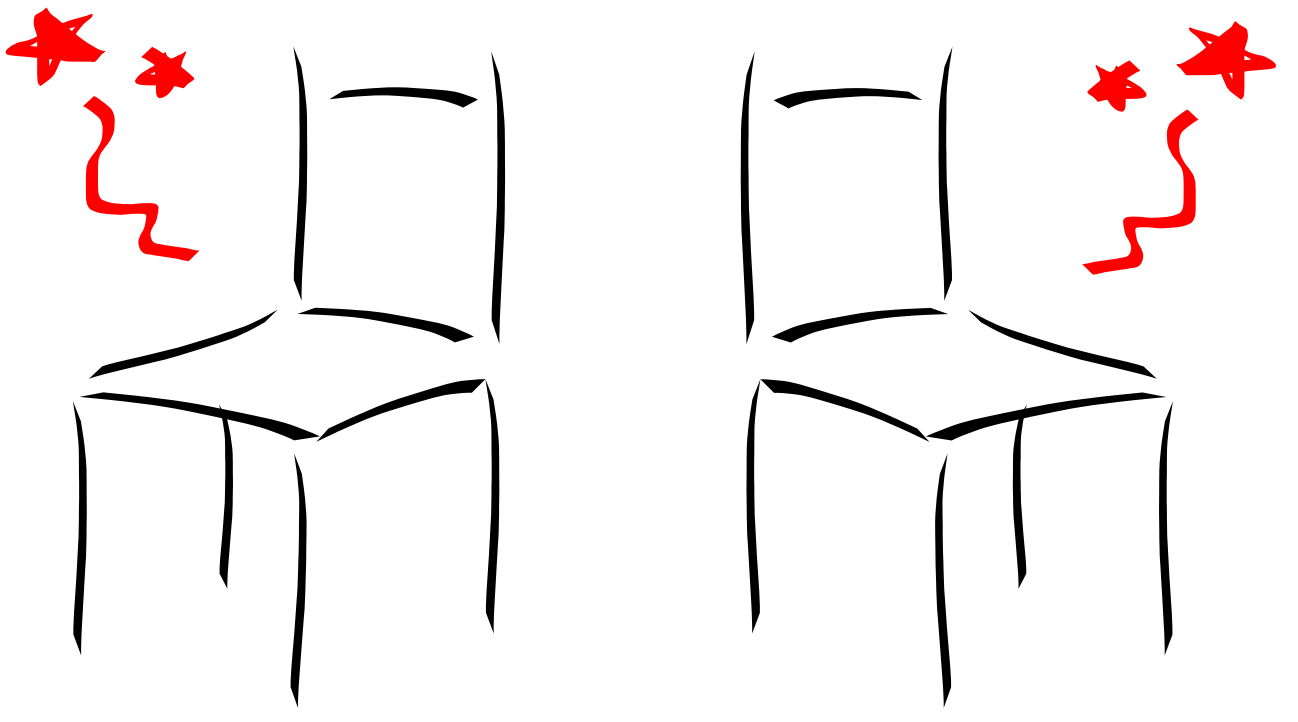
Cartuns descadeirados



CHÁ DE CADEIRA



LUGAR DE FALA



DOR NAS CADEIRAS

EDITORIAL
mais que pessoal

Mais um ano se aproxima do fim. Para os pessimistas, um ano a menos no calendário. Para eles, o fim está sempre próximo. Para os seus opostos imediatos, os otimistas, o fim de um ano é "o fim de um ciclo". Sim, alguns otimistas não dispensam os clichês e lugares-comuns.

E já que esses lugares vieram a estas linhas, o que não falta por ai é alguém disposto a integrar-se a um grupo por meio dos tais clichês. Para sentir-se partencente, integrado, acolhido.

Cada um é cada qual, já dizia o outro. Este que aqui digita só diz uma coisa: o ano não chegou ao fim. Este texto, sim. **O editor**

AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

RESENHA
de quem desenha

por Érico San Juan

Oi, sumidas!



Na Era dos Blogs, pesquisei na internet as "novas cantoras" da música brasileira. Corria o ano de 2009. Levantei cem nomes, de artistas com ao menos um disco gravado cada, dos anos 1990 ao ano da pesquisa. Mesmo não sendo exatamente um critico musical, teve cantora que me deu pito por não figurar na lista.

Dezessete anos depois, eis que me flagro adquirindo infindáveis CDs de cantoras. Aos ouvidos dos nascidos pós-2009, observar um tiozão escutando discos - em vez dos streamings da vida - deve ser um choque cultural. A maioria dos elepês aqui resenhados ganhou reedições do selo Discobertas, de Marcelo Fróes. Mas podem ser acessados facilmente na internet.

LYGIA (RGE - 1964)
Se Cacilda Becker cantasse, teria a voz de Lygia. Ambas - a veterana atriz e a cantora iniciante - tinham timbres graves. Entretanto, a semelhança entre elas para por aqui. A estreia da cantora em disco, até então uma socialite paulistana, se deu pelas mãos do violonista Paulinho Nogueira. O produtor deu à debutante canções suas como "História de uma criança" e "Tempo de sorrir", parceria deste com Rita Moreira. E chamou os melhores compositores da época, como Baden Powell ("Só por amor" com Vinicius de Moraes e "Se a tristeza chegar", com Geraldo Vandré). Nogueira também vestiu as músicas para a intérprete com arranjos de craques: Zimbo Trio, Manfredo Fest, Jongo Trio, uma orquestra de cordas. Lygia teve este abre-alas de Paulinho na apresentação do disco: "Sua inteligência e rara sensibilidade suprem a sua falta de experiência e ela transmite com personalidade, da maneira mais pura e autêntica". Pena que tais atributos não asseguraram a sequência da carreira dela.

ARACY DE ALMEIDA - Samba é... (Elenco - 1966)
Antes de ser jurada-senhora, foi uma senhora sambista. Nesse disco, produzido por Aloysio de Oliveira - ex-Bando da Lua e parceiro de Tom Jobim - ela já tinha a voz dos futuros programas de Silvio Santos. E não mais a voz que gravou Noel Rosa trinta anos antes. Os acompanhamentos orquestrais de outrora deram lugar ao conjunto bossa-nova de Roberto Menescal. O que não eliminou a necessária batucada dos sambas clássicos de Ary Barroso e do próprio Noel. Até o repertório da época da gravação teve sua vez. Marcos e Paulo Sérgio Valle contribuíram com "Batucada surgiu".

DORA LOPES - Testamento (RGE - 1974)
Da artista, conhecia o disco Enciclopédia da Gíria, hoje de status cult. Mas a vida de Dora Lopes não daria apenas uma enciclopédia. Daria um filme, quem sabe uma série maratonável. Em prisca Era do Rádio, o imortal compositor e pianista Ary Barroso a lançou em seu programa de calouros. Poucos anos antes, a cantora tinha fugido de casa para realizar o sonho da música. A carreira emplacou: Dora viajou diversos países com sua voz, conquistou sucessos como o Samba da Madrugada, lançou discos com as próprias composições. E sem deixar de fornecer músicas a amigas como Edith Veiga. Nos anos 1970, saiu o elepê de título sugestivo, porém o penúltimo suspiro discográfico da passional intérprete. Dalva de Oliveira e Dolores Duran ganham homenagens, bem como os próprios músicos. E canções como "Se eu morrer amanhã" e "Tomando mais uma" expõem a verve do repertório, embalado de samba e choro, com a deprê típica da filosofia boêmia.

HANNA - Deixa rodar (RGE - 1979)
A intérprete com fumaças de compositora associou-se a Natan Marques e Crispin del Cistia, músicos mais lembrados por seu trabalho com outra cantora, uma certa Elis Regina. O espírito hippie-tardio dos anos 1970 - presente no nascente pop-rock do final daquela década - não deixou de marcar presença nas canções de Hanna. Na safra inicial, o repertório pertencia a ela, a J. Cruz e Maya, produtor do disco. O vinil começa com uma disco music e passeia pelo soul e funk. Os títulos das músicas dão uma ideia da vibe: Deixa rodar, Onde a alegria estiver, Sombra, água fresca e sossego, Veneno e Jogue tudo pro alto.

RITA CADILLAC (RGE - 1984)
A artista se fazia notar principalmente por sua postura de palco: no programa do Chacrinha, na TV Globo. O produtor Mister Sam forjou o único disco da chacrete. O argentino americanizado já praticava a canção visual, que consagrou Gretchen na época. A voz de Rita? Um mero detalhe, até para os consumidores do elepê. O disco tinha alguma dignidade musical, com Eduardo Assad como arranjador. Entre coros, sussurros e gemidos, a maioria das canções grudava nos ouvidos indefesos, "É bom para o moral" puxava a lista. Mas Rita logo voltaria ao auditório do Velho Guerreiro. E seguiu cantando. No chuveiro.

BENDITOS e o DITO

No aniversário de 30 anos da tirinha Dito, o bendito, em 2023, seu criador Érico San Juan convidou colegas de traço para interagirem com o personagem, em novos quadrinhos. Ou melhor: os personagens deles contracenaram com o aniversariante. As tiras foram postadas no instagram de San Juan. E finalmente são publicadas em veículo impresso.

















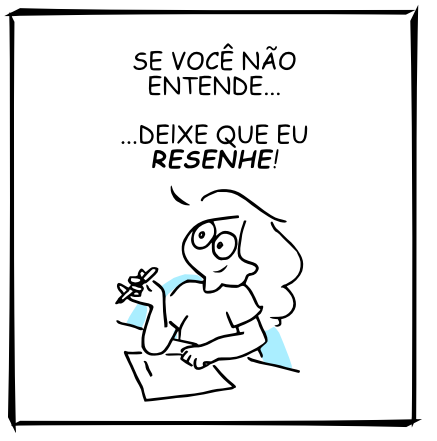
















DITO e os BENDITOS

No aniversário de 30 anos da tirinha Dito, o bendito, em 2023, seu criador Érico San Juan convidou colegas de traço para interagirem com o personagem, em novos quadrinhos. Ou melhor: os personagens deles contracenaram com o aniversariante. As tiras foram postadas no instagram de San Juan. E finalmente são publicadas em veículo impresso.

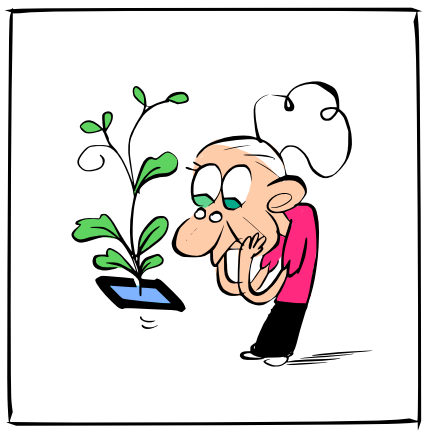






































CARICATURA
também é memória



Os humores do Boni

RESENHA
de quem desenha

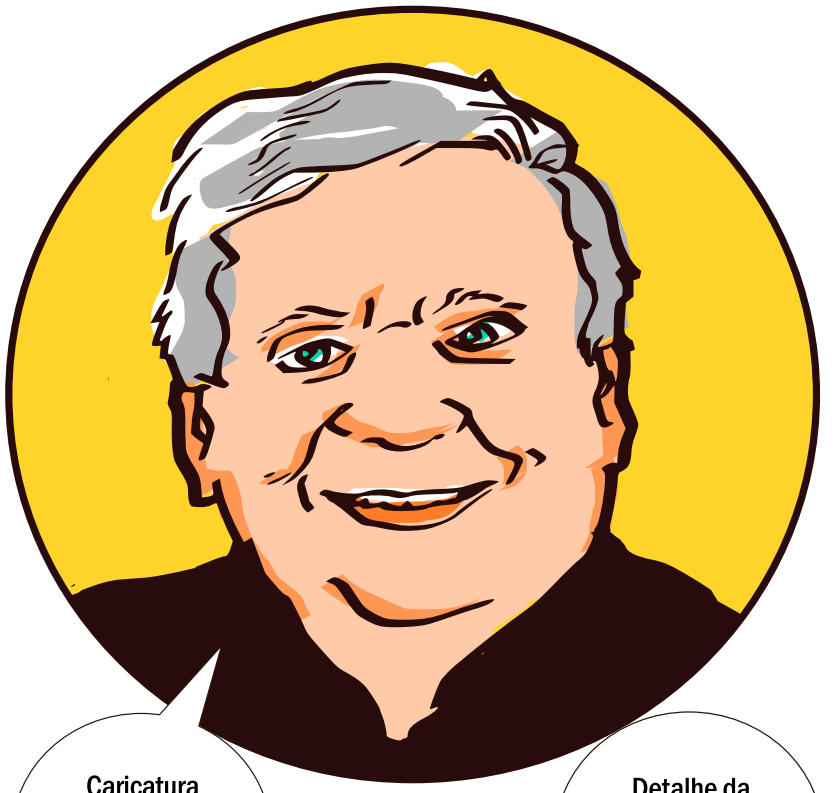
por Érico San Juan

A história de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - o Boni - tem uma riqueza de trabalhos fascinantes. Por isso, os pesquisadores da era da internet se darão por satisfeitos com seu período na TV Globo. No entanto, a vida pregressa do redator de rádio e TV, do publicitário, do produtor musical, do autor de jingles comportou todos os cargos e funções desta frase.

O humor e a música ocuparam um espaço importante no coração do futuro Boni da Globo. Seu pai, falecido precocemente, era violonista. O rádio, veículo de origem do profissional paulistano, em seu tempo exibia conjuntos e cantores atuando à vista dos auditórios, ao vivo. A nascente e ainda mambembe televisão brasileira dos anos 1950 e 60 também levou essas atrações para os programas.

Sua mãe ou sua avó conhecem Moacyr Franco, um sobrevivente do showbiz nacional. Quem deu a primeira chance de exibição do mineiro num palco de TV? O personagem principal desta resenha. E quem escreveu a contracapa da estreia de Juca Chaves em disco? O mesmo personagem.

Em 1960, a gravadora RGE lançou As Duas Faces de Juca Chaves. O titulo do disco brincava com a característica do vinil: trazer um "lado A" e um "lado B", geralmente com 6 músicas em cada face. Para degustar o conteúdo, o potencial ouvinte tinha que cumprir um ritual: colocar o LP na vitrola mais próxima, repousar a agulha na primeira faixa, aguardar o passeio de-



Caricatura de Boni pelo autor desta resenha

Detalhe da capa do LP As duas faces de Juca Chaves (RGE)



la até que se tocasse a última, virar o disco e repetir o procedimento anterior.

E antes do assunto seguinte, que remete ao papel de Boni na estreia de Juca, registre-se o seguinte. O Menestrel do Brasil tinha formação musical erudita, um cabedal literário de poeta parnasiano, um sarcasmo afiado. Da safra inaugural de composições, a modinha "Por quem sonha Ana Maria" transcendeu o tempo, ao lado da sátira "Presidente Bossa Nova". Num lado do disco, apenas as modinhas, bucólicas e lânguidas. Do outro, somente as sátiras, verdadeiras charges musicadas.

E onde entra o Bonifácio na história, a história do Chaves brasileiro? No elepê inteiro, produzido pelo futuro pai do Boninho do BBB. Não satisfeito com o feito - mas ficou, e muito! - o fiador do abre-alas do cancionista ainda escreveu o texto de apresentação da obra. Um em cada lado, cada face do disco.

Sobre o lado-menestrel de Juca, assim Boni se expressou: "Cantando modinhas suas, atuais, mas impregnadas do mesmo sentimentalismo, Juca Chaves compra briga com o público masculino. Ele passa a ser um rival sussurrando baixinho no ouvido de tôdas as enamoradas do Brasil". A respeito do lado-humorista do músico, o produtor sentenciou: "Na música de todo o mundo são raríssimos os compositores que conseguem manejar a a difícil arte de fazer sátira. Juca Chaves é um mestre do gênero".

O homem que construiu a amada-odiada Rede Globo de Televisão desde sempre construiu pessoas e carreiras. O amor pelos humores diversos da arte o fez eternizar o coração do Brasil. Que o digam os Jucas e Moas da vida.

HUMOR COM **SOTAQUE** MULTIMÍDIA
Jornal Capiau no instagram: @**capiau.humor**
Podcast Capiau no YouTube: @**ericosanjuan.podcasts**



Um **pamonha** de Piracicaba | por Érico San Juan





desenha**RESENHA** Fernando Vítolo | Érico San Juan



AQUI: TODOS OS JORNAIS CAPIAU

A TRIBUNA PIRACICABANA

JORNAL capiau

@capiau.humor

Jornal CAPIAU é um encarte mensal de **A TRIBUNA PIRACICABANA**
Fundador e diretor: **Evaldo Vicente** | Gerente comercial: **Sidnei Borges**

Nº 36 | Ano III | 28|11|2026 | Especial 35 ANOS DE HUMOR - 11
Edição, design gráfico e conteúdo: **Érico San Juan** (@ericosanjuan)
Colaboradores deste número: Laudo Ferreira, Lucas Libanio, Rachel Paterman, Omar Viñole, Jean Galvão, Amorim, André Farias, Orlandeli, Fernando Vítolo
Contato: capiauhumor@gmail.com | ericosanjuan@gmail.com

AQUI: TODOS OS PODCASTS CAPIAU

EXTRAS

PÁGINA capiau

Humor com sotaque universal | Especial BRASIL PÓS-COPA

Edição, textos e design: Érico San Juan | @capiau.humor



Brum @rabiscosdobrum

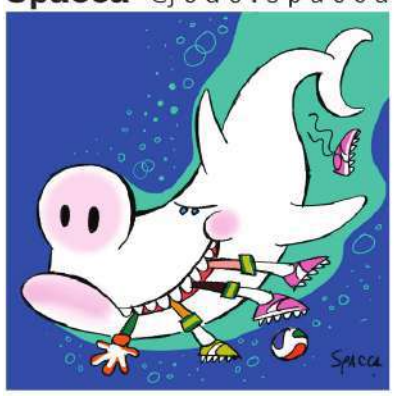


caricatura: **Baptistão** @baptistãoe

Socorro, Rivaldo!

No tempo que a gente era mais novo, tudo era melhor. O futebol principalmente. E o torcedor de qualquer época sente-se sacaneado ao olhar a seleção brasileira pisando na bola. Aí começa a lembrar dos jogadores que jogavam um bolão, mas que eram criticados e exigidos e desfeiteados de tudo que é jeito. Tipo o Rivaldo, o Romário, o Bebeto... a lista é por sua conta. Melhor assim? O tempo voa, amigo!

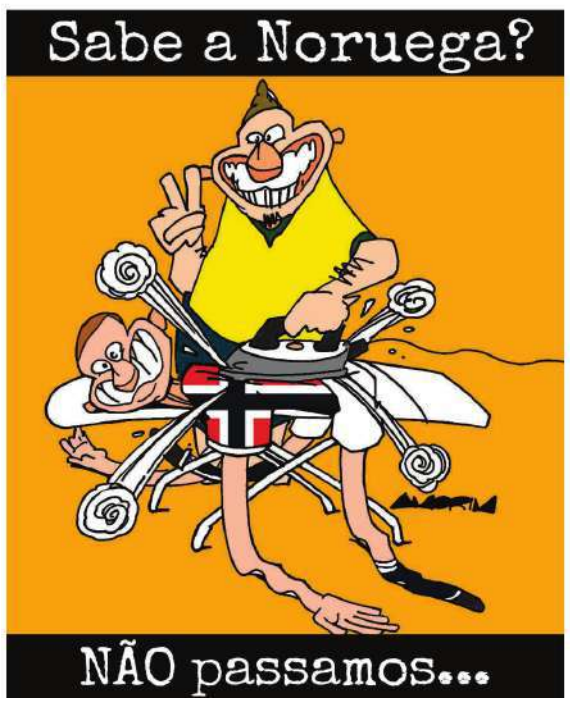
Spacca @joao.spacca

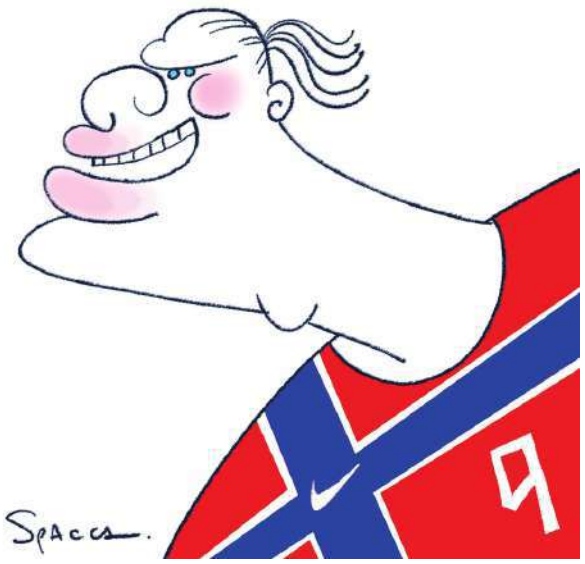




Renato Peters @renatopeters







O Shopping Piracicaba recebeu no sábado (4) a abertura oficial de Caipiras de Salão, exposição com curadoria de Érico San Juan, parte da programação oficial do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. A mostra exibe 16 caricaturas de personagens e personalidades da cultura caipira.

PÁGINA recanto

O espaço de prosa do humor em Piracicaba

Número 4 | Julho de 2026 | Edição e textos: Érico San Juan | @ericosanjuan

Caipiras de Salão segue até 30 de julho no Shopping (piso L1, em frente à Decathlon). A exposição é uma realização do Salão Internacional de Humor, com apoio da Prefeitura de Piracicaba por meio da Secretaria Municipal de Cultura, Cedhu, Shopping Piracicaba, jornal A Tribuna Piracicabana e jornal de humor Capiau. Abaixo, imagens da abertura.

O humor dos **Caipiras de Salão** no Shopping



1 - Érico San Juan e sua tirinha com Chico da Tiana, do humorista Cleber Rosa, com roteiro do criador do personagem

2- Synnöve Hilkner e sua caricatura da escritora e cartunista Patrícia Galvão (Pagu), ícone do Modernismo

3 - Poliana Urquidi e seu retrato bem-humorado do escritor e jornalista *caipiracicabano* Cecilio Elias Netto

4 - Edson Rontani Junior junto ao desenho de Nhô Quim de seu pai Edson Rontani. Reprodução de original a nanquim dedicado a Érico San Juan - curador da exposição - há 35 anos, em 1991

5 - Regina Villara e sua mais recente personagem nativa da cidade: a Caipivara

6 - Camilo Quartarolo, Junior Kadeshi, Evaldo Vicente, Fernanda Galvão, Bruna Evangelista, Fernando Henrique, Poliana Urquidi, Carlos Beltrame, Regina Villara, Marly Perecin, Valdiza Capranico, Finicia Capranico, Synnöve Hilkner, Sylvana Zein













Primeiro podcast CAPIAU (segunda temporada) - Estúdios Younik (SP) - 04 de setembro de 2026



Último podcast CAPIAU (segunda temporada) - Estúdios Younik (SP) - 30 de outubro de 2026

JORNAL CAPIAU - COLEÇÃO FACSÍMILE - VOLUME 3

Organização e design gráfico
Erico San Juan

Edição do autor - 2026
@ericosanjuan